



**COLETÂNEA**  
**CONEXÃO DO**  
***CONHECIMENTO***

Volume 1  
2022

**uniatual**  
EDITORA

**COLETÂNEA**  
**CONEXÃO DO**  
***CONHECIMENTO***

**Volume 1**  
**2022**

**uniatual**  
EDITORA

© 2022 – Uniatual Editora

[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)

universidadeatual@gmail.com

**Editor Chefe e Organizador:** Jader Luís da Silveira

**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** Freepik/Uniatual

**Revisão:** Respectiveos autores dos artigos

### **Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694 Coletânea Conexão do Conhecimento - Volume 1  
/ Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2022. 99 p.: il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86013-16-0

DOI: 10.5281/zenodo.6972614

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Conhecimentos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4

CDU: 001

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

[www.uniatual.com.br](http://www.uniatual.com.br)

[universidadeatual@gmail.com](mailto:universidadeatual@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

*Acesse a obra originalmente publicada em:*

<https://www.uniatual.com.br/2022/08/coletanea-conexao-do-conhecimento.html>



**AUTORES**

**ANNELISE KOPP ALVES  
ARLEY BEATRIZ LOPES VIEIRA  
ARTHUR GOMES DAU  
CLARICE GOMES DE ALMEIDA  
DULCE MARI DA SIVA VOSS  
LARISSA DE CÁSSIA ANTUNES RIBEIRO  
LUANA GÓES SOARES DA SILVA  
LUCIANA MARIA DE ARAÚJO NASCIMENTO  
SANDRO DAU  
SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA**

## **APRESENTAÇÃO**

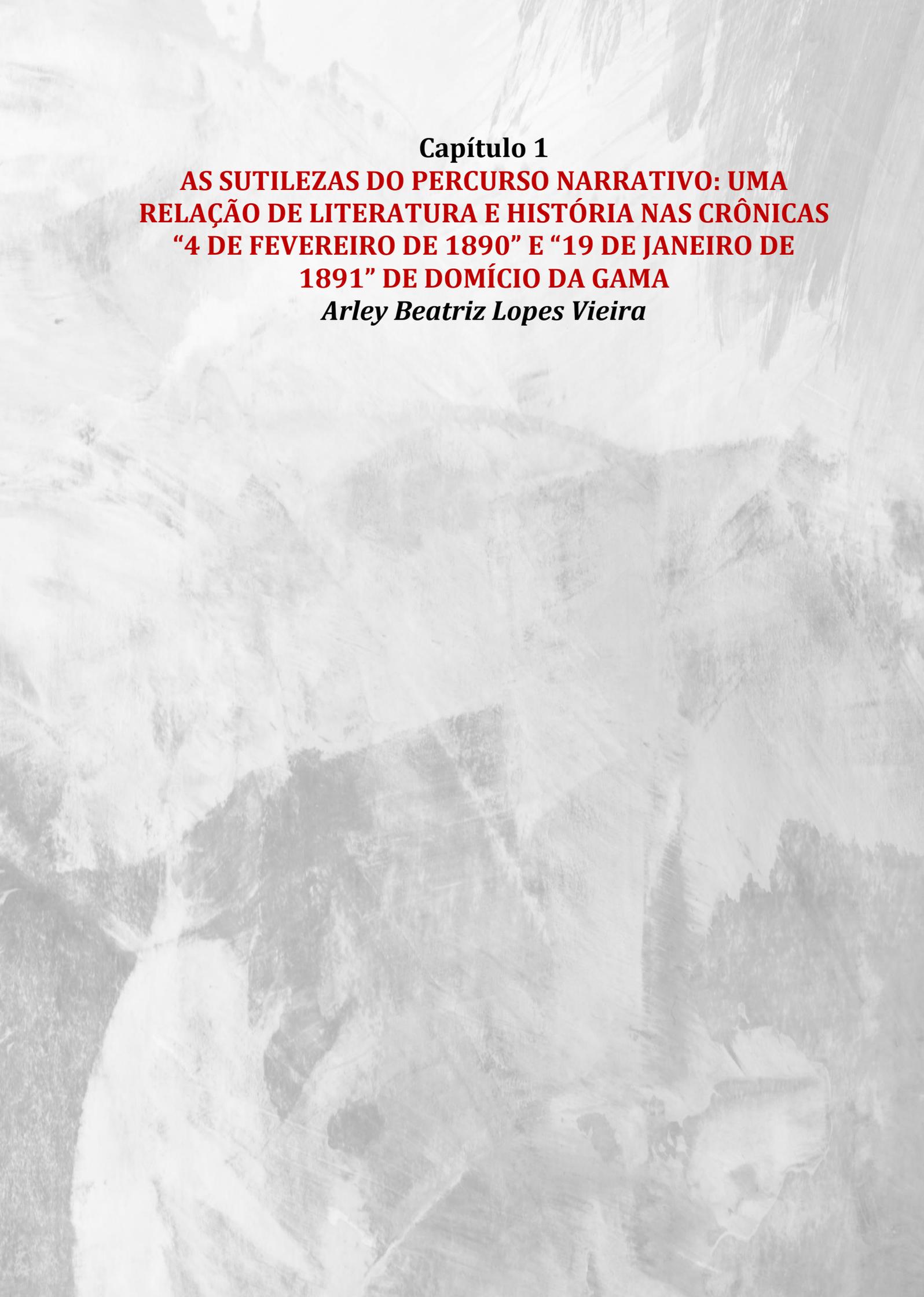
A obra “Coletânea Conexão do Conhecimento - Volume 1” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos interdisciplinares, aliados às temáticas das práticas ligadas a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> <b>AS SUTILEZAS DO PERCURSO NARRATIVO: UMA RELAÇÃO DE LITERATURA E HISTÓRIA NAS CRÔNICAS “4 DE FEVEREIRO DE 1890” E “19 DE JANEIRO DE 1891” DE DOMÍCIO DA GAMA</b> <i>Arley Beatriz Lopes Vieira</i>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2</b> <b>RAINHA DAS ETERNIDADES – ENTRE CULTURAS E TEMPORALIDADES</b> <i>Larissa de Cássia Antunes Ribeiro</i>	<b>24</b>
<b>Capítulo 3</b> <b>A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL COMO TRAVESSIA</b> <i>Clarice Gomes de Almeida; Dulce Mari da Siva Voss</i>	<b>40</b>
<b>Capítulo 4</b> <b>FOTODEGRADAÇÃO DO CORANTE ALARANJADO DE METILA UTILIZANDO COMO SEMICONDUTORES FIBRAS DOS ÓXIDOS DE TITÂNIO E TUNGSTÊNIO</b> <i>Luana Góes Soares da Silva; Annelise Kopp Alves</i>	<b>52</b>
<b>Capítulo 5</b> <b>MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL: UM NOVO MÉTODO PARA O ESTUDO DA POLÍTICA</b> <i>Arthur Gomes Dau; Sandro Dau; Sérgio Rodrigues de Souza</i>	<b>63</b>
<b>Capítulo 6</b> <b>A QUESTÃO DA DIVERSIDADE COMO FATOR DE VANTAGEM COMPETITIVA NAS ORGANIZAÇÕES</b> <i>Luciana Maria de Araújo Nascimento</i>	<b>83</b>
<b>AUTORES</b>	<b>97</b>



**Capítulo 1**

**AS SUTILEZAS DO PERCURSO NARRATIVO: UMA  
RELAÇÃO DE LITERATURA E HISTÓRIA NAS CRÔNICAS  
“4 DE FEVEREIRO DE 1890” E “19 DE JANEIRO DE  
1891” DE DOMÍCIO DA GAMA**

*Arley Beatriz Lopes Vieira*

**AS SUTILEZAS DO PERCURSO NARRATIVO: UMA RELAÇÃO DE  
LITERATURA E HISTÓRIA NAS CRÔNICAS “4 DE FEVEREIRO DE 1890” E  
“19 DE JANEIRO DE 1891” DE DOMÍCIO DA GAMA**

**Arley Beatriz Lopes Vieira**

*Graduada pela Universidade Federal do Maranhão, pesquisadora das crônicas de Domício da Gama, e mestranda do programa e pós-graduação PPGLB pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA; email: arley.beatriz@discente.ufma.br*

**Resumo:** A literatura é uma forma de expressão que possibilita as inserções de aspectos múltiplos e complexos, contribuindo para historicidade de uma sociedade, refletida através dos elementos simbólicos, e cognitivos; muitas são as discussões que permeiam o âmbito da literatura e história, algumas promovem aproximações, outras o afastamento. Valendo-se desta relação de proximidade, o presente trabalho propõe uma articulação acerca das sutilezas do percurso narrativo das crônicas de Domício da Gama intitulada “4 de fevereiro de 1890” e “19 de janeiro de 1891”, tendo como pretensão responder a questão de pesquisa: A literatura e a história apesar de se intercruzarem, elas podem estabelecer uma relação harmônica durante o processo narrativo? Para isso, tem-se como objetivo: analisar como é possível estabelecer uma sutileza narrativa entre os meandros da literatura e história nas crônicas de Gama, mais específico, identificar o intercruzamento literário e histórico nas crônicas; e destacar as relações vigentes na crônica sobre a literatura e história. Para isso, será utilizado como arcabouço teórico o texto “Trópicos do discurso” de (White, 1994), “história e Literatura: Algumas Considerações” de (Borges 2010), “Literatura e História: reflexões acerca das possibilidades de diálogos entre as áreas” de (Farias; Rocha e Pereira, 2020). Portanto, pode-se perceber que a literatura, através do gênero crônica, propõe um diálogo bem íntimo com as relações vigentes no meio social, ainda havendo a inserção dos elementos imaginários, porém, auxiliando, através de uma linguagem mais simples uma compreensão a respeito dos elementos da historicidade que predominam no meio cultural e social.

**Palavras-Chave:** Literatura. História. Crônica. Domício da Gama.

**Abstract:** Literature is a form of expression of aspects and cognitives; it is the discussions that promote the scope of e history, some approximations, others what they promote. Taking advantage of this proximity, the proposed work relates an articulation of the subtleties of the narrative path of Domício da Gama chronicles entitled “4 de Fevereiro de 1890” and “19 de janeiro de 1891”, with the intention of answering the question of A literature and the story, although they intersect, can they establish a harmonious relationship during the narrative process? For this, the objective is: to analyze how it is possible to establish a narrative subtlety between the intricacies of literature and history in Gama chronicles, more specifically, to identify the literary and

historical intersection in the chronicles; and highlight the current relationships in the chronicle on literature and history. For this, the text “Trópicos do discurso” by (White, 1994), “história e Literatura: Algumas Considerações” by (Borges 2010), “Literatura e História: reflexões acerca das possibilidades de diálogos entre as áreas” of (Farias; Rocha and Pereira, 2020). Therefore, it can be seen that literature, through the chronicle genre, a very intimate dialogue with the existing relationships in the social environment, with the insertion of imaginary elements, however, helping, through a simpler language, an understanding of the elements of the historicity that predominate in the cultural and social environment.

**Keywords:** Literature; History; Chronicle; Domício da Gama.

## INTRODUÇÃO

As discussões que giram em torno da literatura e história não suscitam debates recentes, mas datados de muito tempo, desse modo, muitas foram às discussões que permearam, e que atualmente ainda permeiam os caminhos da literatura e história, promovendo uma relação de aproximação, e afastamento dessas duas grandes áreas de estudo.

A história, em perspectiva de estudo, passou por uma série de desvalorização relacionada a não alcançar o *status* de ciência, isto porque não havia métodos próprios de análise, diferentemente de outras áreas de pesquisa, além disso, muitos historiadores não apoiavam a aproximação da história com a literatura, isso porque como menciona FARIAS; ROCHA E PEREIRA (2020), a história é a representação do passado, o instrumento que designa os acontecimentos através de registros orais, ou escritos, ou seja, pautados nos elementos factuais, mostrando os fatos que decorreram sobre aquele espaço delimitado pelo historiador, e se eximindo das relações com o ficcional que são decorrentes da literatura.

Porém, os estudos literários também passaram por algumas problemáticas, principalmente relacionados à sua definição, como é mostrado no texto de RENÉ WELLEK e AUSTIN WARREN (2003), com o capítulo “*A natureza da literatura*”, que propõe uma definição para a literatura; acerca desses estudos é mencionado inicialmente que tudo o que for impresso é a manifestação da literatura, não havendo uma distinção para o que se pertencia a outra área de conhecimento, assim, tudo que se relacionava a história da civilização estava inserido nos estudos literários, mas, tal perspectiva estaria intrinsecamente relacionada ao objeto de estudo da história, isto é,

havendo um conflito entre o que pertencia aos estudos literários, e ao que pertencia a história.

Apesar de haver essas relações de aproximações entre estas duas áreas de cognição, é notório que ambas possuem objetos de pesquisas específicos, além de estabelecerem análises distintas sobre o mesmo viés social, mas ainda assim possuindo uma relação contributiva para a entendimento de ambas.

Ainda é lícito destacar que tanto a história, quanto a literatura proporcionam discursos que respondem as inquietações sociais, como ressalta (FARIAS; ROCHA E PEREIRA 2020, p. 2) “enxergamo-las como narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, que oferecem o mundo como texto”, portanto, são relações bastante evidentes e importantes para as relações sociais.

### **As inter-relações histórica e literária**

As relações de interdisciplinaridade entre literatura e história alcançaram um novo nível, e denotam uma fundamental importância para o meio social, pois ambas possibilitam uma série de debates acerca do que está configurado na esfera coletiva, através da delimitação de tempo, ou espaço, apesar de ser estabelecida entre áreas de estudos diferentes, mas que por sua vez mantém um diálogo intertextual.

O historiador, HAYDER WHITE (1994), em seu livro *“Trópicos do discurso”*, capítulo *“historicismo, história e imaginação”* menciona que os discursos figurativos forneciam menções factuais, assim como o discurso histórico se vale desses elementos de codificações progressivas, visto que há elementos de dois níveis de sentido, como evidenciado:

O historiador – como qualquer autor de prosa discursiva – molda os seus materiais. Pode moldá-los de maneira a adaptá-los a uma “estrutura de ideias preconcebidas” [...] ou de molde a conformá-los a um “ponto de vista seletivo preconcebido” igual ao do romancista na função de narrador de uma história. Mas em ambos os casos, seu relato dos fenômenos sob exame se desenvolverá em pelo menos dois níveis de sentido, que podemos comparar aos níveis manifestos e latentes de um sonho ou aos níveis literais e figurativos da literatura imaginativa em geral. (WHITE, 1994, p. 124)

O autor mostra que assim como em outros escritos relacionados a uma estrutura de prosa, há essa relação de significação interpessoal, o texto histórico não sai imune a

tais elementos, os dois níveis mencionados tratam-se dos dados, as informações descritas, e em segundo plano a interpretação desses dados.

A distinção entre seus dois elementos textuais (histórico e literário) pauta-se na dificuldade de se discriminar a ocorrência desses dois níveis, diferentemente do que concerne à literatura, que já se expressa a partir das relações subjetivas que perpassam ao autor, assim como ao leitor.

Os autores FARIAS, ROCHA E PEREIRA (2020), salientam que a história é entendida como um construto intertextual, que os dados são instrumentos de interpretações dos historiadores. Ou seja, o discurso do historiador faz parte de uma ordem combinatória, a exemplo a que acontece no eixo da linguagem através das relações paradigmáticas e sintagmáticas<sup>1</sup>.

Essas relações podem ser compreendido através do plurilinguismo existente e exposto por Bakhtin, no qual ele menciona os elementos constitutivos em discursos humorísticos, mas que também pode ser ampliada a outros elementos textuais discursivos, vejamos:

Essa atitude do autor em relação à linguagem enquanto opinião corrente não é imóvel, está sempre sujeita à condição de algum movimento vivo, de uma oscilação às vezes rítmica: ora mais, ora menos, o autor deforma parodicamente alguns momentos da “linguagem comum”, ou revela de maneira abrupta a sua inadequação ao objeto. Às vezes, ao contrário, como que se solidarizando com ela, apenas mantendo uma distância mínima, e, de vez em quando, fazendo ressoar diretamente nela a sua própria “verdade”, isto é, confundindo inteiramente a sua voz com a dela. (BAKHTIN, 2010, p. 108)

Para visualizarmos tal relação, faz-se necessário observar o quadro abaixo que carrega alguns enunciados linguísticos destacados:

#### O Milagre Econômico

Na área econômica, o país crescia rapidamente. **Este período que vai de 1969 a 1973** ficou conhecido com a época do Milagre Econômico. O PIB brasileiro crescia a uma taxa de quase 12% ao ano, enquanto a inflação beirava os 18%. Com investimentos internos e empréstimos do exterior, o país avançou e estruturou uma base de infra-estrutura. **Todos estes investimentos geraram milhões de empregos pelo país.** Algumas obras, consideradas faraônicas, foram executadas, como a Rodovia Transamazônica e a Ponte Rio-Niterói.

**Porém, todo esse crescimento teve um custo altíssimo e a conta deveria ser paga no futuro.** Os empréstimos estrangeiros geraram uma dívida externa elevada para os padrões econômicos do Brasil.

**FONTE:** *Só história.*

<sup>1</sup> São eixos de organização linguísticos, no qual o sintagmático é definido como o eixo de combinação, e o paradigmático o eixo das escolhas dos signos. Esses eixos são responsáveis pelo funcionamento da língua, a partir das relações de escolhas.

Os elementos textuais destacados no texto evidenciam essa inserção do olhar subjetivo do historiador, que estão demarcados a partir das seleções das palavras, e de alguns aspectos de generalizações. Desse modo, se percebe a presença da questão dos dois níveis de intencionalidade, essas relações são decorrentes a partir das manifestações refratárias que se estabelecem por meio das associações semânticas, a composição textual, ou da axiologia do autor. Todo texto é formulado por elementos que remetem a uma finalidade/intencionalidade, o texto literário expõe as suas relações plurissignificativas, e ainda correlaciona a literariedade.

Apesar de a história haver essas relações de “ficção controlada<sup>2</sup>”, ela ainda exerce um importante papel informacional sobre o contexto social de determinada época, já no meio literário, esse diálogo é evidenciado e expressivo acerca de algumas manifestações literárias, como o gênero crônica, que mantém um vínculo com o contexto histórico.

### **A crônica literária e as relações históricas**

A crônica no território brasileiro teve uma relação muito importante, visto que é a partir dela que se tem uma nota inicial sobre o espaço do que posteriormente se chamaria Brasil, apesar de partir de uma perspectiva unilateral, pois há o ponto de vista do português, mas não há uma perspectiva dos primeiros habitantes. Foi através da relação paisagista que se despertou o entusiasmo do cronista, em documentar as captações visuais, oferecendo um cenário excelso, com a riqueza de detalhes, para o que seria considerado a certidão de nascimento do Brasil.

Contudo, muito foi discutido se através da escrita da carta de Pero Vaz de Caminha havia a inauguração do processo literário, apesar dela possuir uma grande relevância histórica, além de denotar uma importância até mesmo em poemas, e outras narrativas, mostrando então que havia uma primeira estruturação no meio literário, como é relatado por SÁ (2005).

É através das observações vivenciadas diretamente que se torna possível discutir sobre as associações recorrentes, isso, pois havia uma relação cuidadosa em descrever as circunstâncias, o mesmo cuidado que há no campo da história, como posto:

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Sandra Pesavento em “*História & História Cultural*” (2003).

Daí o cuidado em reafirmar que ele escreve após ter ido à terra “para andar lá com eles e saber de seu viver e maneiras”: a observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhe assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. (SÁ, 2005, p. 6)

O princípio básico da crônica pauta-se na relação de se registrar o circunstancial, sendo possível estabelecer certa ligação com o discurso histórico, no qual era mostrado através de um plano médio e neutro, o objeto de estudo do historiador está pautado no campo de eventos que se dissolvem em microníveis, pois de acordo com WHITE (1994) refere ao conjunto de estratégias que serão traçadas para a menção de um determinado evento, como exemplo a criação da crônica, que é produzida a partir de um evento particular.

Dentro dessa relação é evidente que todo texto possui uma linguagem específica e segmentada de acordo com o seu propósito, e ao público no qual será destinado, desse modo, faz-se necessário tanto a crônica literária, quanto ao texto histórico estabelecer uma relação de situacionalidade (tempo/espaço).

O discurso histórico, assim como o discurso inserido no gênero crônica são estabelecidos através de uma metadiscursividade, como deixa claro:

Justamente por ser aporético, ou irônico, com respeito à sua própria adequação, o discurso não pode ser regido unicamente pela lógica. Por estar sempre fugindo ao domínio da lógica, indagando constantemente se a lógica é adequada para captar a essência dos seus temas, o discurso sempre se volta para a reflexividade metadiscursiva. É por isso que todo discurso sempre é sobre o próprio discurso e é sobre os objetos que compõem o seu tema (WHITE, 1994, p. 17).

Essa relação estabelece fronteiras para se pensar as conexões vigentes no meio histórico, como se estabelece a união discursiva neste meio, além das próprias estratégias que conduzem o leitor a ter determinadas percepções, BORGES (2010) ressalta que o campo intelectual e cultural é mostrado através de diversos segmentos, considerações de regras, e relações estabelecidas a partir do meio social e cultural.

Assim, é necessário identificar os múltiplos aspectos linguísticos, culturais, e sociais que estão evidenciados nos discursos histórico, e literário, pois como Borges registra:

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. (BORGES, 2010, p. 98)

Ou seja, mostra através do percurso narrativo as contribuições para a representação social e histórica. A respeito do gênero crônica, ela possui uma estrutura variada, possibilitando a inserção de vários assuntos, e foi produzida para ser vinculada no meio jornalístico, no qual são narrados acontecimentos do cotidiano, fatos que se passavam em determinadas localidades e se relacionam dentro do contexto temporal, além de possuir características expressivas que impossibilitam classificá-la como um gênero de linguagem fechada.

Ainda relacionado à crônica, CANDIDO (2003) menciona que esse gênero está sempre ajudando a estabelecer e reestabelecer a dimensão das coisas, através de uma linguagem mais simplificada, mostrando a amplitude que é transmitida através do miúdo e refletida nela uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada através da sutileza em sua abordagem.

As crônicas puderam auxiliar na visualização de uma sociedade divergente da vivenciada no Brasil, isso de forma que fosse compreendida pela grande massa, assim, a constância nas publicações possibilitaram as percepções diversificadas em torno da escrita de Gama, possibilita a inserção de variados aspectos visuais para a sua escrita, além de cativar o leitor.

Assim, transformando aquele ambiente que predominava uma pluralidade, e prevalecendo uma significação. Através do ofício do cronista, nota-se a sua importância para o compartilhamento de informações, por isso, o jornalismo tanto se beneficiou com este gênero, em especial, no período de efervescência dos ocorridos no século XIX, e início do século XX.

### **O estudo das sutilezas narrativas envolventes nas crônicas de Domício da Gama**

As articulações que se permeiam no campo da literatura e história são elementos recorrentes, mas que ora possibilita um afastamento devido à concepção dessas duas áreas de estudos, principalmente quando a literatura tem a possibilidade de se transitar

entre os variados elementos que são estabelecidos por outras áreas do conhecimento, e ainda assim mostrar as suas características, e viabilizar significações ao meio social.

As crônicas a serem analisadas, “4 de fevereiro de 1890” e “19 de janeiro de 1891”, foram produzida para o jornal *Gazeta de Notícias*, e publicada na coluna “De Paris”, que tinha Domício da Gama como responsável e que ocupou as páginas da *Gazeta de Notícias (RJ)* durante o período de 23 de novembro de 1888 a 29 de janeiro de 1893.

A crônica carrega por título a data de sua publicação “4 de fevereiro de 1890”, fomenta as discussões do percurso sutil envolvente na transição entre os aspectos literários e históricos. Como pode ser mostrado:

A semana de Natal corre calma e sem acontecimentos. Não chove, não faz frio, chega a haver sol de tempos em tempos, um sol de amostra, que se esconde logo atrás da cortina opaca de nevoeiro. Às vezes ajuntam-se nuvens, e do céu escuro começa a peneirar uma farinha fina de neve, que não dura.

Por baixo deste céu azul pálido ou pardacento parece dar-se por estes dias uma interrupção no trabalho para a História. Os imperadores, reis e chefes de Estado constipados espirram e tosem em coro com os seus ministros. [...] bastou isso para que a *influenza* servisse de pretexto a quantos se querem esquivar a tarefa importunas, a todas as preguiças que só a falta de uma justificativa razoável, verossímil, impede de manifestar-se. (GAMA, 1890)

Através desta citação é possível perceber as manifestações expressas do discurso literário explorado por Domício da Gama, onde ele inicia descrevendo como se transcorre a semana natalina em Paris, isso por meio dos aspectos recreativos, além de ainda ressaltar que as novidades estão escassas, devido á situação de calamidade ocasionada pelo vírus da gripe, ampliando a sua abordagem para as relações climáticas, que transcorre em meio a uma atmosfera sem muitos acontecimentos, somente os ocorridos por meios naturais, como ele relata: até a neve que cai é fina, sem entusiasmos para uma durabilidade.

Outro elemento recorrente na escrita de Domício da Gama pauta-se na inserção dos aspectos visuais, expressando-se através de figuras de linguagens que são indispensáveis durante a descrição do cronista. É através das relações de inércia que há o acréscimo do campo da história, visto que essa relação climática ocasionou em uma dispensa de visitas das figuras políticas, isso porque “os imperadores, reis e chefes de Estado constipados espirram e tosem em coro com seus ministros.” (GAMA, 1890), ou seja, devido à situação epidêmica que assolava a Europa.

Assim, o percurso narrativo é fundamentado a partir das relações em que a gripe da *influenza* começou a ser utilizada como pretexto por algumas pessoas. Além de posteriormente ser evidenciado como essas relações afetaram algumas áreas do entretenimento popular francês.

A linguagem usufruída para mostrar as relações que assolam a sociedade Europeia é de uma grande perspicácia, reunindo uma relação do real, com o viés da literariedade, misturada a um requinte de ironia, isto porque se faz necessário alguns cuidados com a mensagem a qual se quer transmitir ao leitor, como revela:

A abordagem, contudo, deve buscar compreender como a recepção particular e inventiva de um leitor singular, de um ouvinte ou espectador, encerra-se numa série de determinações complexas e relacionadas – os efeitos de sentido visados pelos próprios dispositivos da escritura; os usos e apropriações impostos pelas formas de representação do texto; as competências, as categorias e as convenções que comandam a relação de cada comunidade com os diferentes discursos (BORGES, 2010, p. 102)

E nesta perspectiva, as relações determinadas pela crônica, assim como pela própria literatura viabiliza algumas determinações, e que possibilita uma relação plural entre o cronista e o leitor. Visto que de acordo com CANDIDO (2003), a crônica não tem pretensão de se perdurar no tempo, deste modo, ela não necessita utilizar uma linguagem rebuscada, e que ofereça um cenário envolto em exagero, mas pode utilizar uma linguagem mais simples e próxima ao popular, além de que essa relação é perceptível na crônica, que narra um acontecimento pontual, e decorrente naquela época.

O mesmo é determinado na crônica “19 de janeiro de 1891”. Esta crônica possui uma narrativa peculiar, mostrando inicialmente as relações composicionais que perpassam a objetividade e a subjetividade, como visto:

O vento frio do norte ensurdece: surdo, atende-se mais ao que nos vai por dentro, que o espetáculo do mundo cria e que acompanhamos na sua carreira épica, de sombra a sombra, desde o raiar do [...] até o apagamento pela absorção no criado. Mas o vento frio do norte entorpece: o espírito também se enroupa e se imobiliza, puxando até os olhos um *cach-nez* escuro de tédio e de egoísmo. Podem agora passar visões peregrinas por fora das janelas de vidros cobertos e arborizados no gelo: a visões que mais me interessa, a mim friorento e apático, é a tempestade luminosa que as correntes de ar produzem passando através das grutas de ouro em brasa no fundo da lareira. Aquilo é calado e

---

<sup>3</sup> Ilegível no jornal

sugestivo; tem tudo o que se pode sonhar de cor e de movimento, e o sopro que ali consome a brasa numa carícia é o hábito do sol (GAMA, 1891, p. 251)

Domício inicia narrando os aspectos vigentes no espaço, o clima, e o que isso ocasionava no próprio cronista, mostrando a valorização da dimensão sensível, as constatações da impressão em vários planos, seja o sensorial, seja o visual. Principalmente por ser ele o mais afetado com as mudanças climáticas, visto que ele é “um pobre tropical” como destaca.

Desse modo, é possível evidenciar que a literatura possui uma autonomia indiscutível, retratando alguns aspectos presentes no meio social, em que o cronista estabelece uma relação predominante com os ventos gélidos que assolavam a população parisiense, e a sua fraca experiência em vivenciar temperaturas deste nível, visto que ele é acostumado ao clima tropical predominante nas terras brasileiras, ainda fazendo uma comparação entre o crime passional, e o crime animal e inconsciente, que o tempo estava cometendo. Domício ainda faz menção aos aspectos predominantes de sua higiene pessoal, comparado aos costumes parisienses. Posteriormente é feito um questionamento para com o leitor:

Senão ao crime, ao desprezo – forma biliosa dos maus sentimentos que a cólera desperta. Estando tão longe das efusões exuberantes de entusiasmos que a cólera desperta. Estando tão longe das efusões exuberantes de entusiasmo, necessário a quem precisa de interessar a distraídos, o que é que me podem parecer os assuntos da crônica parisiense destes últimos dias, senão mesquinhez, banalidades, canções rebatidas de estribilhos irritantes, que relevo podem ter acontecimentos mal desenhados sobre um fundo de tédio, grisalho, neutralizante? (GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, n. 19, 19 jan. 1891, p. 1)

Assim, pode ser observado que o percurso narrativo transcende sem nenhum receio, o cronista possui uma liberdade narrativa para reproduzir os seus pensamentos, de propor questionamentos que são evidentes serem uma inquietação dele mesmo, não escondendo através das nuances narratológicas as relações próprias dele.

É através dessa relação de independência que a literatura se vale, podendo usufruir do passado, dos aspectos documentativos, dentre outras técnicas a serem exploradas a seu bel prazer, além de ainda destacar as suas próprias características.

As evidências narratológicas expressas no gênero crônica estão incutidas nos aspectos linguísticos, em que podem ser explorados de diversos aspectos, BORGES

(2010) menciona que o discurso literário manifesto em textos, envolvem modalidades narrativas que se articulam em suas próprias características, através de questões que são preponderantes no meio social e que perpassam vários âmbitos literários.

Através dessas relações mais sutis que envolvem a escrita do texto literário, há a inserção dos aspectos decorrente no espaço social.

“Na atualidade, com os avanços dos estudos nas duas áreas do conhecimento, ao se pensar que aquele que escreve textos literários está historicamente posicionado e influenciado pelo momento de sua escrita, compreende-se que a literatura pode sim ser considerada um fato histórico, tomada como diferentes representações da História, já que a literatura é essencialmente linguagem” (FARIAS; ROCHA E PEREIRA, 2020, p. 5)

Essa relação é bem aparente através do enredo da crônica, no qual utiliza do contexto que se predomina no momento em que o cronista está escrevendo, assim também dialogando com aspectos históricos da época. Como pode ser visível através das crônicas que estão sendo analisadas.

A narrativa da crônica *4 de fevereiro de 1890* faz a menção de uma epidemia na Europa, ocasionada pela *influenza*, trazendo consequência para o país, não relacionada apenas o meio político, mas para vários âmbitos sociais, devido a tais circunstâncias, o trabalho dos historiadores fora interrompido, pois o encontro dos representantes políticos não aconteceria. E ainda destacando como a população se comporta perante a tais acontecimentos, como mostra:

Os imperadores, reis e chefes de Estado constipados espirram e tosem em coro com os seus ministros. E o mal-estar dos governantes permite aos governados um repouso político, de que todos carecem para festejar o Natal e para cuidar das constipações e bronquites. [...] Bastou isso para que a *influenza* servisse de pretexto a quantos se querem esquivar a tarefa importunas, a todas as preguiças que só a falta de uma justificação razoável, verossímil, impede de manifestar-se. (GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, n. 33, 2 fev. 1890, p. 1)

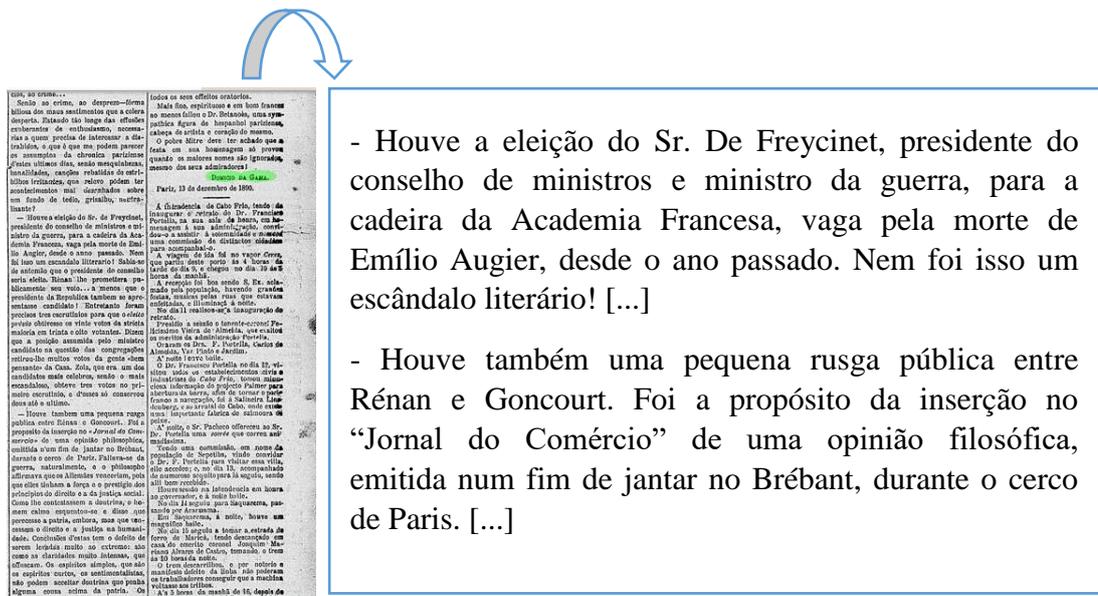
Porém, a crônica permanece estabelecendo um contato com os acontecimentos vigentes em Paris, não se limitando a meras descrições, mas ainda expressando o seu julgamento acerca dos problemas, mas, utilizando das relações sutis e narratológicas da literatura.

Já a crônica *“19 de janeiro de 1891”* apesar de iniciar a narrativa de forma a expressar os aspectos sentimentais, há uma quebra narratológica, algo que é pertinente

dentro do próprio gênero, e resultante de um questionamento feito pelo próprio cronista, desse modo há uma abordagem histórica fundamentada a partir da eleição do presidente do conselho de ministro da guerra, que logo é fragmentada para a abordagem da opinião filosófica expressa no jornal, sobre a guerra.

Contudo, é visível uma importante mudança na abordagem da estrutura da crônica, para contemplar os diversos assuntos que inserem as relações sociais, que não são predominantes somente no espaço europeu, mas também se estendendo ao brasileiro, visto que o cronista estabelece um paralelo entre Paris e Rio de Janeiro através das notícias que são emitidas. Por meio da imagem faz-se possível visualizar como os contextos históricos são inseridos na crônica:

Fig. 1. Crônica 19 de janeiro de 1891.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Através dos recursos linguísticos de pontuação, e pequenas reflexões dialógicas, o narrador vai expondo todo o contexto, mostrando os acontecimentos e se posicionando diante das situações que lhe causam desconforto. Assim, é possível perceber que o texto é um apanhado geral de micro-narrativa, pois mostra através do prisma de um cronista as relações históricas, além de possibilitar uma nova forma de exploração dos contextos de vivências múltiplas.

Essa questão da micro-narrativa dialoga com os aspectos da micro-história, pois possibilita um estudo em pequena escala que proporciona conexões com outras histórias em escalas maiores, como mencionado por Levi:

Sem dúvida, fica imediatamente óbvio que mesmo a ação aparentemente mais insignificante, como por exemplo a de alguém sair para comprar um pão, realmente envolve o sistema bem mais amplo dos mercados de grão de todo o mundo. E apenas uma distorção paradoxal e significativa da perspectiva sugeriria que a vida comercial de um a aldeia não tem interesse, além de seu significado em um a escala local (BURKE, 1992, p. 137).

Assim, mostra que através dos elementos em pequenas escalas é possível um núcleo significativo que se correlaciona com uma história mais ampla. A literatura proporciona esses estudos através dos seus elementos detalhados durante a sutileza narrativa. Como menciona:

Além disso, a literatura se apropria não só do passado, como também de documentos e das técnicas da disciplina histórica, como o dispositivo de criar o "efeito de realidade", abordado por Barthes, como uma modalidade da "ilusão referencial", com a multiplicação de notações concretas destinadas a carregar a ficção de um peso de realidade (CHARTIER, 2009, p. 24-5, 27-8, apud BORGES, 2010, p. 99).

A literatura apesar de possuir as suas características demarcadas pela ficção, ela ainda possui autonomia para representar o passado/presente vivenciado pelo cronista. Através dos registros, o cronista possui total independência para se manifestar diante dos acontecimentos que estão sendo narrados, o leitor da crônica, também possui a mesma autonomia, visto que a literatura cria um efeito de realidade, que permite a 'ilusão referencial', além do que, o processo narrativo da crônica permite a inclusão de métodos linguísticos, como o acréscimo de figuras de linguagens.

WHITE (1994), inclusive, menciona que o discurso do historiador é estruturado com a inserção de alguns desses elementos, e ainda é lícito destacar que há um debate acerca dessas representações históricas, na qual uns pautam-se em elementos analíticos, e outros no narrativista, a crônica, está tendenciada para essa segunda opção.

Isto é, apesar do texto configurar-se com a perspectiva do criador/artista/cronista, na medida em que remontamos o contexto da história, nota-se uma presença cada vez mais coletiva. No processo criativo da obra, todos os espaços são fatores condicionantes que influenciam na produção. Devido a essas características,

CANDIDO (2006) menciona que é necessário averiguar o papel exercido pelo criador da arte, além da sua posição na escala social, pois dessa forma, é possível compreender todos os elementos constituintes da estrutura do texto, bem como o seu valor na sociedade.

Diante do que é exposto, o cronista tem uma função relevante na literatura, no meio social, pois observa com o olhar de crítico a realidade que o cerca, transpassando para a modalidade escrita as suas percepções, para o contato com o outro. Nesse sentido, a crônica expressa às particularidades de um povo, tudo através da narrativa do espaço, as vestimentas, as frustrações, assim como a relação política que predomina, e que tem como epicentro o meio social, sendo essa uma das contribuições do cronista para a população brasileira.

### **Considerações finais**

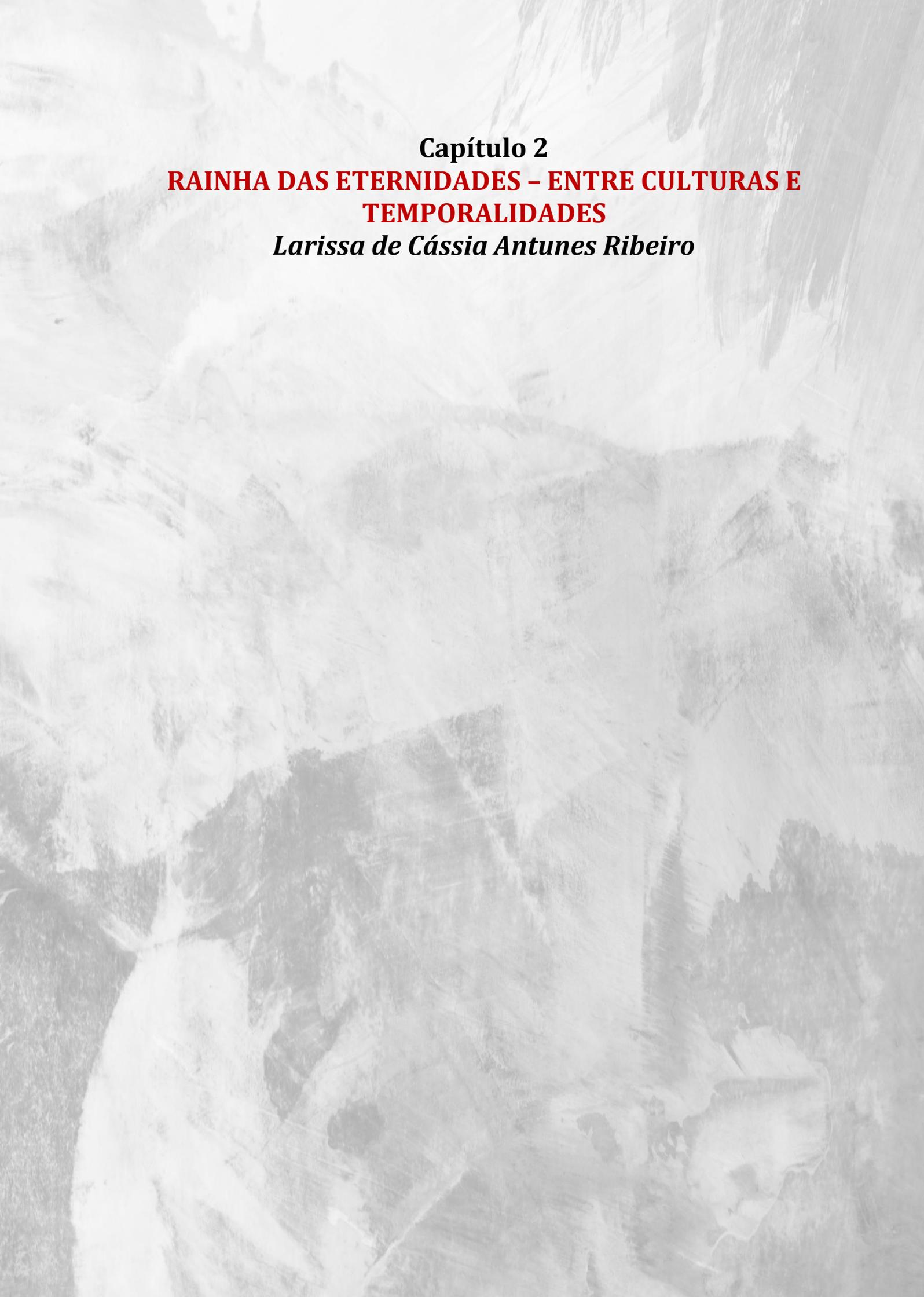
Através de todos os aspectos exposto, tornou-se evidente que a literatura apesar de ter suas próprias características, ela ainda se relaciona e proporciona uma nova investigação de pesquisa para a história, isso por meio das sutilezas narrativas que estão intrinsecamente ligadas a estrutura dos elementos textuais literários, mais especificamente, através do gênero estudado, a crônica.

Diante desses elementos, (BORGES, 2010, p. 108) menciona que a literatura seja ela expressa em seus múltiplos gêneros, “apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginário, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade.” Podendo assim, exercer contribuições significativas para o conhecimento popular, além de propor novos debates sobre questões pouco evidenciadas a partir do discurso do historiador.

A respeito do gênero, o que torna a crônica ainda mais realista está nas riquezas de detalhes, no qual expressa a sua vivência diante do novo, nas descrições faz-se possível o fluxo imaginativo sobre o espaço no qual estava inserido, além de assim desperta um olhar curioso e críticos sobre as temáticas abordadas, que podem ser contempladas através de uma variedade de conteúdos, como a micro-narrativa.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BORGES, V. R. História e literatura: algumas considerações, *Revista de Teoria da História*, Goiás, ano 1, n. 3, p. 94–109, jun. 2010.
- BURKE, P. (org.). *A escrita a história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. 2006.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônica*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99.
- "Cronologia da Ditadura Militar" em *Só História*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2021. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/p3.php>>. Acesso em: 15 de dez de 2021.
- FARIAS, A. A. N; ROCHA, M. P; PEREIRA, A. M. Literatura e História: reflexões acerca das possibilidades de diálogos entre as áreas, *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, V. 6, ed. Especil, n.1753, p. 1-11, mar. 2020.
- GAMA. De Paris. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 33, p. 1, 2 fev. 1890c.
- GAMA. De Paris. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 19, p. 1, 19 jan. 1891.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática. 2005.
- WELLEK. René; WARREN. Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1994.



**Capítulo 2**  
**RAINHA DAS ETERNIDADES – ENTRE CULTURAS E**  
**TEMPORALIDADES**

*Larissa de Cássia Antunes Ribeiro*

## RAINHA DAS ETERNIDADES – ENTRE CULTURAS E TEMPORALIDADES

*Larissa de Cássia Antunes Ribeiro*

*Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG*

### **Resumo**

*La Reine Morte* (1942) é uma peça teatral a qual remonta uma das personagens mais referenciadas dentro da Literatura Portuguesa. Obras como *Os Lusíadas* e *À Castro*, ambas do século XVI, apresentam-na sob a predominância do olhar lírico. Tal personagem é capaz de despertar as mais variadas *performances* através da sua pungência simbólica. As temáticas: “a coroa da morte” e “morrer por amar” transitam entre o sagrado e o profano e essa intriga desenha o clima intenso e instigante. No entanto, por traz de ambas as obras, tecem-se relações entre as forças políticas e nacionais que articulam e contextualizam cada personagem. Na primeira, tem-se o elogio à cultura nacional; na segunda, a representação do poder e suas consequências. Investigar como o autor francês, Henry de Montherlant, remonta essas questões dentro de outra concepção, contemporânea ao século XX, é o objetivo deste estudo. Destaca-se a importância dos diálogos como forma de direcionamento aos grandes temas apresentados na narrativa: amor, morte e poder. O estudo focaliza a representação de “Inês de Castro” e “Ferrante”, ao descrever a composição dialógica e o posicionamento, tanto no plano físico como no plano simbólico, que ambos ocupam na obra. Destarte, observa-se as aproximações e os afastamentos nas falas entre ambos e a articulação entre as demais vozes produzidas no texto. Para tanto, recorre-se aos apontamentos de Pavis (2008) a respeito da composição teatral; às observações de Rosenfeld (1985) sobre os gêneros no teatro, e às reflexões de Vernant (2006) destinadas ao mito e ao símbolo a partir dos gregos e seus desdobramentos. Essa bibliografia oferece subsídios para as articulações da proposta, mas elas não encerram as possibilidades de leituras da peça e tão pouco a sua força estético-comunicativa.

**Palavras-chave:** Diálogo; Teatro; Símbolo.

### **Abstract**

*La Reine Morte* (1942) is a play which dates back to one of the most referenced characters in Portuguese Literature. Works such as *Os Lusíadas* and *À Castro*, both from the 16th century, present her under the predominance of the lyrical gaze. Such character can awaken the most varied performances through its symbolic poignancy. The themes: "the crown of death" and "dying for love" move between the sacred and the profane and this intrigue draws the intense and instigating atmosphere. However, behind both works, relationships are woven between political and national forces that articulate and contextualize each character. In the first, there is the praise of national culture; in the second, the representation of power and its consequences. Investigating how the french author, Henry de Montherlant, traces these issues back within another conception, contemporary to the 20th century, is the objective of this study. The importance of dialogues as a way of addressing the major themes presented in the narrative is highlighted: love, death, and power. The study focuses on the representation of “Inês de

Castro” and “Ferrante”, when describing the dialogic composition and positioning, both on the physical and symbolic levels, that both occupy in the work. Thus, it is possible to observe the approximations and distances in the speeches between them and the articulation between the other voices produced in the text. For that, we resort to the notes of Pavis (2008) about theatrical composition; to Rosenfeld's (1985) observations about genres in theater, and to Vernant's (2006) reflections aimed at myth and symbol based on the Greeks and their developments. This bibliography offers subsidies for the articulation of the proposal, but they do not contain the possibilities for reading the piece, nor its aesthetic-communicative strength.

**Keywords:** Dialogue; Theater; Symbol.

## 1. INTRODUÇÃO

Escrita em uma época em que o mundo estava ameaçado pelo poderio de Hitler, a obra francesa ressoa a Revolução de outrora. A peça se remete à narrativa portuguesa e traz questões atuais para o seu período de criação, tal como o poder absoluto e incontestável, combatido bravamente por uma força antagônica e estrangeira. Essa criação conversa com os dias de hoje, ao se pensar o quanto o papel do estado e do indivíduo precisam ser reformulados para que um mundo melhor exista. Vale lembrar uma reflexão que permeia o imaginário da civilização francesa e que, possivelmente, é um texto lido por Henry de Montherlant. Trata-se do famoso *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*<sup>4</sup> de Jean Jacques Rousseau.

Rousseau não era francês, mas quando escreve esse discurso já havia estabelecido uma forte relação com o país. A elite ouve as suas ideias e é influenciada por elas. Ao trazer o conceito de cidadão, põe em questão as leis naturais frente às leis políticas. No início do texto, ocorre a seguinte colocação:

Se tivesse tido a felicidade de nascer entre vós, como eu poderia meditar sobre a igualdade que a natureza colocou entre os homens, e sobre a desigualdade que eles instituíram, sem pensar na profunda sabedoria com aquela uma e outra, felizmente combinadas neste Estado, concorrem, de maneira mais

---

<sup>4</sup> Título original: *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*.

Publicações: novembre -1755, octobre; *dédicace*, 1754, juin-octobre (additions); «Le manuscrit que Rousseau a envoyé à l'Académie de Dijon & disparu des archives de ladite Académie.» le *Pléiade édition*, t. III, pp. 1859-1860; *fragments*, Bibliothèque publique et universitaire de Geneve ms. fr. 228, Bibliothèque nationale, Paris, ms. fr. 12.760, etc.; A Amsterdam, Marc Michel Rey, 1755, etc.; le *Pléiade édition*, t. III, pp. 109-223. Du Peyrou/Moultou 1780-1789 *quarto édition*, t. I, pp. 1-176.]

aproximada da lei natural e a mais favorável à sociedade, à manutenção da ordem pública junto às satisfações particulares? (*Tradução minha* - ROUSSEAU, 1754, p. 3).<sup>5</sup>

Há o imperativo de uma ordem social, a qual, muitas vezes impede as expressões individuais. Eis o conflito primordial que denuncia Rousseau. O texto prossegue nesse tom e sugere o uso da liberdade como um direito, mas ressalta que o sujeito deveria estar preparado para ela. O autor ilustra o uso da liberdade da seguinte maneira: "(...) é como consumir alimentos fortes e suculentos, vinhos generosos, próprios para nutrir e fortificar os temperamentos robustos, que deles tem o hábito, mas que acabam ruindo e embriagando os afoitos e fracos que, definitivamente, não estão preparados." (*Tradução minha* - ROUSSEAU, 1754, p. 4).<sup>6</sup> Desse modo, encontra-se a duplicidade em um só sujeito, quem governa é um soberano, pois precisa exercer o bem maior para a sociedade e, ao mesmo tempo, também é um cidadão como os demais, que visa suas próprias escolhas e interesses.

A partir dessa concepção o autor chega a uma conclusão bastante relevante: o ideal seria que houvesse a união amorosa entre esses dois posicionamentos. Como um casamento que prevê um bem comum: "Cidadãos, a sorte do vosso sexo, será sempre a de governar o nosso. Felizes! quando o vosso casto poder, exercido somente na união conjugal, só se faz sentir na glória do Estado e na felicidade pública." (*Tradução minha* - ROUSSEAU, 1754, p. 9).<sup>7</sup> O princípio da fidelidade enquanto consequência do amor é o que sustentaria esse mundo ideal. Ser fiel a si, seria ser fiel ao Estado e vice-versa. Em tal harmonia, não haveria crime político. Essa utopia sustentada pelo desejo, o qual desenha uma possibilidade, ainda que longínqua.

---

<sup>5</sup> "Ayant eu le bonheur de naître parmi vous, comment pourrois-je méditer sur l'égalité que la nature a mise entre les hommes, & sur l'inégalité qu'ils ont instituée, sans penser à la profonde sagesse avec laquelle l'une & l'autre, heureusement combinées dans cet Etat, concourent, de la maniere la plus approchante de la loi naturelle & la plus favorable à la société, au maintien de l'ordre public & au bonheur des particuliers?". (ROUSSEAU, 1754, p. 3).

<sup>6</sup> "Car il en est de la liberté comme de ces alimens solides & succulens, ou de ces vins généreux, propres à Nourrir & fortifier les tempéramens robustes qui en ont l'habitude, mais qui accablent, ruinent & enivrent les foibles & délicats qui n'y sont point faits.". (ROUSSEAU, 1754, p. 4).

<sup>7</sup> "Citoyennes, le sort de votre sexe sera toujours de gouverner le nôtre. Heureux! quand votre chaste pouvoir exercé seulement dans l'union conjugale, ne se fait sentir que pour la gloire de l'Etat & le bonheur public." . (ROUSSEAU, 1754, p. 9).

O drama que se coloca em *La Reine Morte* de Henry de Montherlant é esse desequilíbrio ou a dura concepção de que o bem comum não é compatível com o bem individual. Porém o desejo está sempre latente. A personagem recobra esse ideal e a sua morte é o adiamento da efetividade.

Ora, em um período em que a liberdade é ameaçada o bem social acaba sendo anulado em si mesmo. Para o autor que vivenciou a Grande Guerra de perto, pois em 1916 participou do serviço auxiliar das forças armadas, sendo ferido e condecorado. Tal experiência acaba refletindo nas obras<sup>8</sup> *Songe*, romance autobiográfico, e *Canção fúnebre par os mortos de Verdun*, no qual traz a questão do heroísmo, tema que se estende para outros títulos *Les Bestiaires*, *Les Olympiques*, *Aux fontaines du wish*, *La Petite infante de Castille*, etc.)

Em torno do Mediterrâneo, escreveu ensaios a partir da derrota de 1940 e os anos da Ocupação: *O Equinócio de Setembro*, *O Solstício de Junho*, *Textos sob uma ocupação - 1940-1944*, *Cadernos - 1940-1944*. Nesses escritos apresenta uma concepção menos heroica e mais trágica da realidade. Em tal contexto, Montherlant escreve *La Reine Morte* à pedido do então administrador de *La Comédie Française* - esse espaço cultural que representou, durante os anos de ocupação alemã no país, uma intensa produção reacionária. O texto ganha uma outra roupagem, pois ela já existia desde o século XVI escrita pelo espanhol Luis Vélez de Guevara. Se a primeira versão foi produzida no século de Ouro, a segunda apresenta a perspectiva de um tempo de ruínas. Entre um período e outro está o símbolo do poder desmedido e da justiça falha. Sendo a morte, um fator relevante para ambas as produções. O próprio Vaudoyer havia escrito a sua versão *La Reine Évanouie*. E é com ela que Montherlant conversa mais de perto ao dedicar a peça ao amigo que o propõe à escrita:

Meu caro amigo (...) minhas obras saem sempre de uma necessidade interior, mais ou menos profunda. Pela primeira vez na minha vida, um tema foi proposto pelo sujeito: o autor de *La Reine Évanouie* me entregou o propósito de *La Reine Morte*. Ao invés de a tornar, à minha moda, o que eu escolhi para apreender, eu tomei isso que me ofereceu: eu estou ainda surpreso. Com uma sorte de adivinhação, você havia mergulhado sobre uma matéria que me seria viável: eu só teria que

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.academie-francaise.fr/les-immortels/henry-de-montherlant>>. Acesso: 13 Set 2021.

deixa-la repousar sobre meu coração, para que lá germinasse. Adivinhação?<sup>9</sup> (MONTHERLANT, 1942, p.15 - *Tradução minha*).

Percebe-se que há uma relação bastante íntima entre a obra referenciada e a criação de Montherlant. Mas pode-se vislumbrar as diferenciações pela escolha do adjetivo que caracteriza a Rainha. “*Évanouie*” traz a conotação de desmaio, ou seja, ela que se encontra adormecida ou inconsciente - aqui o fim não é expresso; há um esmorecimento que determina a situação precária. Em “*Morte*” a rainha está determinada com toda a sua totalidade de significado: a sua morte traz em si a denúncia do crime reconstituída por meio desse fechamento. Enquanto potência simbólica, a morte guarda a existência completa.

Ainda na dedicatória, há a expressão a respeito do que foi modificado: “Ao ultrapassar os limites do soneto, você me deixou em um mundo fresco para mim, onde encontrar um motivo novo de vivacidade”.<sup>10</sup> (MONTHERLANT, 1942, p.16 - *Tradução minha*). É por meio da forma livre que a palavra está expressa. As vozes ecoarão, não mais na arquitetura amplificada do verso clássico, o qual potencializa e eleva os significados através da harmoniosa sonoridade. É na concretude da palavra, onde os conceitos estão mesmo nos termos e na sintaxe livre de elaboração estética para se comprometer com a urgência dos contextos inviáveis, inesperados e indesejáveis por essas personagens. Os ambientes são inhóspitos para elas, porém, é o lugar onde estão inseridas, e não seria a escolha mais acertável fugir.

A partir dessa breve apresentação contextual, observa-se a necessidade de estudar a peça e a sua potência vocal. Destarte, evidencia-se as aproximações e os afastamentos nas falas entre as personagens principais: Inês e Ferrante e a articulação entre as demais vozes produzidas no texto. Para tanto, recorre-se aos apontamentos de Pavis (2008) a respeito da composição teatral; às observações de Rosenfield (1985) sobre os gêneros no teatro, e às reflexões de Vernant (2006), destinadas ao mito e ao símbolo a partir dos gregos e seus desdobramentos. Essa bibliografia oferece subsídios

---

<sup>9</sup> *Mon cher ami, Mes ouvrages sortent toujours d'une nécessité intérieure, plus ou moins profonde. Pour la première fois de ma vie, un sujet a été proposé en tant que sujet : l'auteur de La Reine Évanouie m'a tendu le sujet de La Reine Morte. Au lieu de prendre, à ma mode, ce que j'ai choisi de prendre, j'ai pris ce qu'on m'offrait: j'en suis encore étonné. Avec une sorte de divination, vous aviez piqué sur une matière qui m'était convenable: je n'avais que la laisser reposer sur mon coeur, pour qu'elle y germât. Divination?* (MONTHERLANT, 1942, p.15).

<sup>10</sup> *Em m'épargnant le coup de sonnette, vous m'avez lâché dans un monde pour moi frais, où trouver un motif nouveau d'ébrouement.* (MONTHERLANT, 1942, p. 16)

para as articulações da proposta, mas elas não encerram as possibilidades de leituras da peça e tão pouco a sua força estético-comunicativa.

### 1.1 AS POSSIBILIDADES E AS IMPOSSIBILIDADES COMO FACES DA MESMA COROA

A obra traz os seguintes personagens: Ferrante, rei de Portugal, 60 anos; O príncipe D. Pedro, 26 anos; Egas Coelho, primeiro-ministro; Alvar Gonçalves, conselheiro; Don Christoval, antigo governador do príncipe; O Grande Amiral; Dino del Moro, pagem do rei; Don Eduardo, secretário da mão, Don Manoel Ocayo, A Infante de Navarre - D. Bianca - 17 anos; o Capitão de Batalha, dois pagens do rei, Lieutenant Martins; Inês de Castro, 26 anos. Há nessa disposição, algumas questões a serem consideradas: a primeira é a idade; a segunda as relações de poder entre elas. Além disso, há que se considerar a questão da intimidade que essas personagens descrevem umas com as outras.

Além das relações mais periféricas, como as dos pagens e seus senhores; os conselheiros e o rei; destacam-se as que mais provocam tensões. As que estão construídas em conflitos médios são as seguintes: A Infante e Pedro, Pedro e seu pai, A infante e Inês; e as trazem diálogos mais intensos são entre Ferrante e Inês. Desse modo, a narrativa descrita traz o filho prometido à Infante de Navarre que acaba estabelecendo uma relação com Inês de Castro às escondidas, em um casamento, do qual gera-se um filho. Ferrante, para assegurar o poder do Estado, decide por matar a Inês. No entanto, ele também se encontra diante da morte: há uma crise de consciência que o rei não consegue suportar. Eis o conflito estabelecido pelos diálogos.

A partir do momento que reconhecemos os anseios íntimos das personagens, podemos visualizar a sua condição frente aos sentimentos que elas exprimem. Rosenfield (1985), de maneira bastante didática, conceitua: “A lírica tende a ser a plasmação imediata das vivências de um Eu no encontro com um mundo, sem que interponham, eventos distendidos no tempo (como na Épica e na Dramática).” (ROSENFELD, 1985, p. 22).

Na peça, as duas personagens destacadas se deparam diante de um mundo gigantesco. O rei frente a um reinado e as suas obrigações, tem a obrigação de tudo controlar. Ao constatar que isso é impossível, atormenta-se com a pressão dos demais governantes que solicitam as tomadas de decisões e as prestações de contas constantes,

o que exerce grande influência em seus procedimentos. Porém, ele simplesmente aceita todas essas condições, sem renunciar ao poder, ainda que atue muito mais em prol da aparência de governar, do que exerça atitudes de comando propriamente ditas. Isso o torna muito impotente. A princípio, pode-se contatar em diversas passagens um rei que cinicamente coloca seu posicionamento inadequado e que justifica suas ações por meio da expressão sentimental.

Em contrapartida, Inês, que independente das consequências, expressa a sua condição por meio das emoções em cada gesto impresso em suas palavras. De tal modo, que o que ela sente torna-se muito mais importante do que a sua própria vida. Não há uma tentativa de defesa contundente, a personagem nem se coloca como heroína e muito menos como vítima. Suas ações não ultrapassam a expressão de si mesma e de seu amor.

São duas personagens vazias de ações, sem um forte impulso para mudar o seu destino. No entanto, a força de suas palavras releva essas posições absurdas. É necessário atentar o que motiva a expressão desses sentimentos.

Rosenfield, acentua: “A manifestação verbal ‘imediate’ de uma emoção ou de um sentimento é o ponto de partida da Lírica”. (ROSENFELD, 1985, p. 22). Essa conotação imediata é o que os diferencia, pois ela só ocorre com a Inês, já que ela não tem o intuito de preservação, o que acaba a expondo sobremaneira, a tal ponto de ser morta devido mostrar-se coerente ao seu sentimento. Ao contrário, o rei pratica um jogo constante, entre expressões e ocultamentos para poder manter-se na situação de governante.

Os diálogos trazidos pelo autor são muito bem construídos, pois através deles o drama se abre em conflitos, revelando os temas com as suas possibilidades e impossibilidades, com apresentação das perspectivas e dos posicionamentos de ambas as personagens. Esses temas são colocados e discutidos em diversos fragmentos.

No início da peça, leitor/espectador já tem acesso ao Ferrante, pois como as demais personagens, ele se coloca por meio de suas próprias falas. Porém, Inês é conhecida através do que comentam sobre ela. Ao adentrar em um ambiente ao qual não pertence, sua presença acarreta repercussões. De antemão, traçamos o seu retrato a partir dessas outras perspectivas. Porém no ato I – cena V, ocorre o primeiro encontro entre Inês e Ferrante. Ao recebê-la ele mesmo a apresenta: “Eis aqui dona Inês diante de mim. Sua fama me preveniu ao seu favor. Seu ar, sua continência, até sua vestimenta, tudo me confirma que você é de boa origem. E assim eu não duvido que você não

encontraria em si mesma do que se igualar às circunstâncias onde nós nos colocamos.” (MONTHERLANT, 1942, p. 53 - *Tradução minha*).<sup>11</sup>

Há em sua fala uma acusação por trás desses elogios. Ao escolher a expressão “igualar” o rei sugere um golpe possivelmente praticado por Inês, o de adquirir uma posição nobre. Há por meio dessa afirmação a tentativa de desmascaramento. É o momento em que ela tem para reportar o seu caso amoroso para o rei e apresentar argumentos que a defendam. Todavia, antes que isso ocorra, o rei prevê que ela possivelmente poderia mentir e prossegue em suas argumentações:

A mentira é para os meus Grandes uma segunda natureza. Da mesma que eles preferem obter pela ameaça isso que poderiam obter pela doçura, obter pela fraude o que poderiam obter por direito, eles preferem obter pela hipocrisia o que lhes seria adquirido tudo assim facilmente pelo franquismo: é o gênio ordinário dos acontecimentos. E você mesma, vamos! Vamos! Você teria tomado rapidamente o gosto. Além disso, mais vale mentir aos outros do que mentir a si mesmo. (MONTHERLANT, 1942, p. 55 – *Tradução minha*).<sup>12</sup>

Observa-se a contradição existente nessa argumentação. Há a apresentação da necessidade social da mentira, porém com a observação de que para si próprio não se deve mentir. Com isso, além de alertar Inês para a naturalidade que ele detecta a mentira, têm-se também um desabafo, com essa ressalva. Assim, encara-se a mentira como um meio ou uma estratégia de ação contra o outro, a qual pode acarretar um ato falho, caso essa ação se reporte para si mesmo. O que podemos inferir a partir dessa explanação, é que mentir sempre provoca um prejuízo. E se porventura, Inês não reconhecer que mente, ela mesma estaria se autoenganando. Dessa forma, ele justifica o seu ato de condená-la.

Em contrapartida, Inês se justifica, tal como o rei esperava, mas o modo como ela apresenta sua perspectiva, acaba por desafiá-lo, devido ao tom contundente. Ela diz

---

<sup>11</sup> *"Ainsi donc voici donã Inès, devant moi. Votre renommée m'avait prévenu en votre faveur. Votre air, votre contenance, jusqu'à votre vêtement, tout me confirme que vous êtes de bon lieu. Et ainsi je ne doute pas que vous ne trouviez en vous même de quoi vous égaler aux circonstances où vous nous avez mis."* (MONTHERLANT, 1942, p. 53).

<sup>12</sup> *La mensonge est pour mes Grands une seconde nature. De même qu'ils préfèrent obtenir par la menace ce qu'ils pourraient obtenir par la douceur, obtenir par la fraude ce qu'ils pourraient obtenir par la droiture, ils préfèrent obtenir par l'hipocrisie ce qui leur serait acquis tout aussi aisément par la franchise: c'est le génie ordinaire des cours. Et vous même, allez ! allez ! vous y auriez bien vite pris goût. D'ailleurs, il importe moins de ne pas mentir aux autres, que de ne pas se mentir à soi-même.* (MONTHERLANT, 1942, p. 55).

sorrindo: “Se eu mentisse, eu me perderia rapidamente em minhas mentiras. Possivelmente, elas me aplacariam.” (MONTHERLANT, 1942, p. 55 – *Tradução minha*).<sup>13</sup> . Nessa fala subjetiva há a afirmação de que mentir só teria efeitos negativos para Inês. Assim, ao dizer a verdade, apaga-se a possibilidade que qualquer prejuízo. possui o olhar definido, enquanto o rei implica uma perspectiva dupla.

No ato II - cena II, tem-se a concepção de vida enquanto um exercício repetitivo. Pode-se dizer que os hábitos acabam se tornando a fonte de benefícios e malefícios. Observa-se o poderio do rei enquanto uma obrigação difícil de suportar: “E o reinado é como a caridade: se a gente começou, é preciso continuar. O que é pesado, muitas vezes.” (MONTHERLANT, 1942, p. 97- *Tradução minha*).<sup>14</sup> Observa-se a concepção de doação, a qual não prevê um benefício a quem comete a ação, mas sim a quem ela se destina. Tal comparação não se valida, pois o rei, ao assumir o governo, tem os benefícios: o dinheiro e a autoridade máxima. Porém isso significa um fardo para ele. A pessoa caridosa, doa-se por voluntariedade e os pesares por tal ação se tornam pequenos diante do bem proporcionado. Ao refletirmos sobre o posicionamento de Rousseau, em que o bem da nação, deveria ser o bem do indivíduo, o rei acaba por contradizer esse pensamento.

Inês, em suas atitudes cotidianas e mesmo à beira da morte, valoriza todas as ações que desempenha: “É sempre a mesma coisa, e porém me parece que é sempre a primeira vez. E há também as ações que são sempre as mesmas, e todavia, cada vez que as realizamos, é como se Deus descesse sobre à terra.” (MONTHERLANT, 1942, p. 97 – *Tradução minha*)<sup>15</sup>. Encontrar a novidade em suas atitudes cotidianas significa viver plenamente. Estar vivo é expresso na figura divina, ou seja, o criador vem em direção à criatura. Desse modo, as eventualidades humanas dialogam com as expressões do divino. Assim, Inês valoriza cada instante, pois visualiza a grandiosidade do mundo e da própria vida. Como se em cada ato, ainda que repetido, houvesse algo maior do que ela

---

<sup>13</sup> “Si je mentais, je m’embrouillerais bien vite dans mes mensonges. C’est peut-être là tout ce qui m’arrête.” (MONTHERLANT, 1942, p. 55).

<sup>14</sup> “Et le règne est comme la charité : quand on a commencé, il faut continuer. Mais cela est lourd, quelque fois.” (MONTHERLANT, 1942, p. 97).

<sup>15</sup> “C’est toujours la même chose, et pourtant il me semble que c’est toujours la première fois. Et il y a aussi des actes qui sont toujours les mêmes, et pourtant, chaque fois qu’on les fait, c’est comme si Dieu descendait sur la terre. ” (MONTHERLANT, 1942, p. 97).

mesma, ao ponto de que esse algo inexplicável que sente e não justifica, despertasse-a para as singularidades que se renovam a cada instante.

Mesmo em relação ao plano dos sentimentos Ferrante acaba diferindo de Inês, ao reportar: “A maior parte das afeições não passam de hábitos ou os deveres que não temos a coragem de os quebrar.” (MONTHERLANT, 1942, p. 104 – *Tradução minha*)<sup>16</sup>. Tal afirmação implica até mesmo a afeição em relação ao filho. Para ele, tudo ganha a conotação de figuração. Todas as suas ações se destinam aos olhares alheios, a fim de que sempre esteja assegurando aquilo que esperam dele, o que, por consequência, garante o seu poder perante os outros e a sua fragilidade diante de si. Observa-se que a sensação de vazio é algo que o acompanha permanentemente.

Inês também apresenta um sentimento que a acompanha sempre. Ela o confessa na primeira cena do ato seguinte: “Sempre, Senhor, sempre esse sombrio pressentimento” (MONTHERLANT, 1942, p. 135 – *Tradução minha*).<sup>17</sup> Aqui, encontra-se a repetição da palavra “sempre” o que acaba intensificando a constância dessa sensação de finitude que acompanha a sua vida. É a certeza da morte, da fragilidade da vida que a coloca em situação de valorização de suas vivências. A personagem em diálogo aberto com o rei vai aos poucos se conscientizando ainda mais que a sentença que o governante irá lhe dar, na verdade, já está determinada pela própria existência. Tendo a morte em perspectiva, há um despertar para o poder da presentificação. Estar vivo ressignifica a morte: se por um lado, ela é determinante, no sentido de interromper a vida; por outro, a própria existência precisa ser valorizada para valer a sua infinitude. Assim, pouco importa o tempo que lhe resta antes da morte chegar, o que vale é que esse tempo existe e basta.

O tema intensifica-se ainda mais quando o próprio rei confessa a sua debilidade físico-emocional. Porém, para ele o fim é visto como algo temido, mas desejado. Diante da desvalorização da própria existência, morrer torna-se um alívio: “Então, seguidamente, meu coração para ... Quando ele recomeça a bater, eu fico totalmente surpreso de me encontrar vivo, e um pouco decepcionado.” (MONTHERLANT, 1942, p.

---

<sup>16</sup> “*La plupart des affections ne sont que des habitudes ou des devoirs qu'on n'a pas le courage de briser*” (MONTHERLANT, 1942, p. 104).

<sup>17</sup> “*Toujours, Seigneur, toujours ce sombre pressentiment.*” (MONTHERLANT, 1942, p. 135).

136 – *Tradução minha*).<sup>18</sup> Se Inês se sente amedrontada com a certeza da morte; Ferrante se vê aterrorizado, a tal ponto de negar os próprios sentimentos para combatê-la. Assim afirma na cena VI do terceiro ato: “Mas eu acreditava muito bem que uma das melhores garantias de longa vida é de ser insensível e incapaz; eis uma couraça contra a morte.” (MONTHERLANT, 1942, p. 97 – *Tradução minha*)<sup>19</sup>. Com isso, há por traz dessas palavras a vivência das emoções como um desgaste. Porém, percebemos que a negação não é possível. Pois ao mostrar-se insensível, outros sentimentos acabam o dominando, como a sensação de tormento, tristeza e vazio.

Decepcionado com o seu herdeiro, o qual não pensa na manutenção do poder e age por amor, ele questiona a sua interlocutora, caso o filho que ela esperava não correspondesse às suas expectativas. E com pungência Inês responde:

Sim, embriagante. Ele se chamará Dionísio. Meu filhinho de sobrancelhas inacreditáveis, por seu turno belo e gordo, como são os garotos. Que me peça para lutar com ele, par dançar com ele. Que não suporte que lhe toquem. Que um excesso de prazer faça suspirar. E, se ele não for belo, eu o amarei mais ainda para o consolar e lhe pedir perdão de ter sonhado que ele fosse diferente. (MONTHERLANT, 1942, p. 168).<sup>20</sup>

A figura de Dionísio é trazida à tona para trazer a maior disposição possível para a vida. Embriagar-se, nesse contexto, significa sentir incessantemente, sem se conter. Observar o ritmo da vida é concebê-la como permanente, maior do que o próprio sujeito. Por isso ela reconhece a quebra de expectativas como uma possibilidade, a qual deve ser abraçada e não rechaçada ou ignorada. Seu filho, uma potência de vida: é a herança que Inês, à beira da morte, gostaria de deixar para o mundo.

Na cena VII do ato III, um dia antes de morrer, Inês continua com a vida inundando a sua perspectiva: “Que pena. Mas a noite é clara e sem estrelas. Olhe. Fará um belo dia amanhã: o ceu está cheio de estrelas.” (MONTHERLANT, 1942, p. 179 –

---

<sup>18</sup> *"Alors, souvent, mon coeur s'arrête ... Quand il recommence à battre, je suis tout surpris de me retrouver vivant, ... et un peu dépité."* (MONTHERLANT, 1942, p. 136).

<sup>19</sup> *"Mais je croirais volontiers qu'une des meilleures garanties de longue vie est d'être insensible et incapable ; voilà une cuirasse contre la mort."* (MONTHERLANT, 1942, p. 154).

<sup>20</sup> *Oui, enivrante. Il s'appellera Dionis. Mon petit garçon aux cils invraisemblables, à ça fois beau et grossier, comme sont les garçons. Qui demande qu'on se batte avec lui, qu'on danse avec lui. Qui ne supporte pas qu'on le touche. Qu'un excès de plaisir fait soupir. Et, s'il n'est pas beau, je l'aimerai davantage encore pour le consoler et lui demander pardon de l'avoir souhaité autre qu'il n'est.* (MONTHERLANT, 1942, p. 168).

*Tradução minha*).<sup>21</sup> A certeza de que a vida continua é um vislumbre da sua potência e da pequenez do sujeito. E isso provoca um olhar, ainda que triste, claro e coerente. Ao passo que Ferrante se atormenta e conta a respeito do sonho que tivera, assim mesclando consciência com inconsciência:

*Ferrante*

Todos esses mundos onde não passou a Redenção ... Você vê a escada?

*Inês*

A escada de Jacó, isso?

*Ferrante*

Não, de jeito nenhum: a escada do inferno para o céu. Eu, toda minha vida, eu fiz incessantemente esse trajeto; sempre à subir e à descer, do inferno aos céus. Quando, com todos os meus pecados, eu vivi coberto pela mão divina. Ainda uma coisa estranha.

*Inês*

Oh! Há uma estrela que se apaga ...

*Ferrante*

Ela se iluminará em outro lugar.

(MONTHERLANT, 1942, p. 179 – *Tradução minha*)<sup>22</sup>.

A escada de Jacó é uma referência importante para representar o diálogo entre Deus e os homens. No entanto, aqui, tem-se a representação da contradição o que

---

<sup>21</sup> "A peine. Mais la nuit est claire et sans embûches. Regardez. Il fera beau demain : le ciel est plein d'étoiles." (MONTHERLANT, 1942, p. 179).

<sup>22</sup> *Ferrante*

*Tous ces mondes où n'a pas passé la Rédemption ... Vous voyez l'échelle ?*

*Inès*

*L'échelle ?*

*Ferrante*

*L'échelle qui va jusqu'aux cieux.*

*Inès*

*L'échelle de Jacob, peut-être ?*

*Ferrante*

*Non pas du tout : l'échelle de l'enfer aux cieux. Moi, toute ma vie, j'ai fait incessamment ce trajet ; tout le temps à monter et à descendre, de l'enfer aux cieux. Car, avec tous mes péchés, j'ai vécu cependant enveloppé de la main divine. Encore une chose étrange.*

*Inès*

*Oh ! Il y a une étoile qui s'éteint ...*

*Ferrante*

*Elle se rallumera ailleurs.*

(MONTHERLANT, 1942, p. 179).

implica todo o martírio do rei. Nem o poder ou a falta dele, nem a vida, nem a morte. Tudo acaba sendo negado, por esse sujeito que vive de aparências. E Inês assim como encara a vida, interrompe esse delírio para mostrar a estrela que se apaga, a qual representa a sua morte. Enquanto o rei tenta desviar o seu olhar, com a vã afirmativa de que ela brilhará em outro lugar. Tal afirmativa é vã pois nega essa morte: se há vida em outro plano, a existência se torna permanente. Porém a afirmativa não ocorre com a crença definitiva; há sempre a dúvida que perpassa toda a sua representação.

Na cena final, após mandar matar Inês, o rei faz um discurso, o qual implica uma mistura de representações e que desemboca na sua anulação. É também o momento em que ele morre:

Senhores, eu não sei como o destino julgará a execução de dona Inês. Pode ser um bem, pode ser um mal. O que for que seja, aqui está aquele que antes de qualquer outro a inspirou. Queira a ela em resposta diante do rei, meu filho. (Egas Coelho procura fugir. Os assistentes o cercam e o seguem). O meu Deus! Nesse respiro que me resta, antes que a areia volte e me esmague, faça que ela arranque esse nó medonho de contradições que estão em mim, de sorte que, um instante ao menos, antes de deixar de existir isso que me serve de salvaguarda, quando for a hora do meu Juízo. \_ Não tenha medo, e fique perto de mim, que ela chegue ... mesmo se eu morro ... Deus te compensará, Deus te compensará, meu irmãozinho ... Bem melhor e bem pior ... (Ele se levanta) \_ Quando eu ressuscitar... Oh! A areia! A areia! \_ Meu deus, tenha piedade de mim! (Ele cai.). (MONTHERLANT, 1942, p. 186-Tradução minha).<sup>23</sup>

O rei representa a sua morte ao confessar da morte de Inês. Com medo de um julgamento final, justifica as suas ações e pede perdão para a moça que mandara matar. Bem como, seu corpo se levanta e tomba, dando vazão e representação às contradições que o representa. Deus e o por vir ganham significado quando ele se destitui de suas

---

<sup>23</sup> *Messieurs, je ne sais comment l'avenir jugera l'exécution de donã Inès . Peut-être un bien, peut-être un mal. Quoi qu'il en soit, voici celui qui avant tout autre, l'a inspirée. Veillez à ce qu'il en réponde devant le roi mon fils. (Egas Coelho cherche à fuir. Des assistants l'entourent et l'entraînent.) O mon Dieu ! dans ce répit qui me reste, avant que le sabre repasse et m'écrasse, faites qu'il tranche ce noeud épouvantable de contradictions qui sont en moi, de sorte que, un instant au moins avant de cesser d'être, je sache enfin ce que je suis. (Il attire Dino del Moro et le tient serré contre lui). Que l'innocence de cet enfant me serve de sauvegarde quand je vais apparaître devant mon Juge. \_ N'aie pas peur, et reste auprès de moi qu'il arrive ... même si je meurs .... Dieu te le rendra, Dieu te le rendra, mon petit frère ... Bien meilleur et bien pire ... (Il se lève.) \_ Quand je ressusciterai ... \_ Oh ! le sabre ! le sabre ! \_ Mon dieu, ayez pitié de moi ! (Il s'écroule.). (MONTHERLANT, 1942, p. 186).*

responsabilidades para transferir ao criador e ao destino. Assim encerra o seu poder perante o povo.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça reporta o lirismo por meio do apelo de vida que cada uma das personagens desenvolve. Inês expressa as suas emoções através de cada palavra. E Ferrante, ao tentar organizar as suas ideias, recai em um descontrole. A sua morte representa uma profusão de emoções; a de Inês traz toda a sua vida, pois o fim revela a individualidade como um todo. Assim, pode-se afirmar que as emoções são mais importantes do que os atos. Tal como Rosenfield argumenta a respeito do gênero lírico: “Sendo apenas a expressão de um estado emocional e não a narração de um acontecimento, o poema Lírico Puro não chega a configurar nitidamente o personagem principal (o Eu lírico que se exprime)”. (ROSENFELD, 1985, p. 22).

Identifica-se o diálogo como a grande personagem, de acordo com o que Pavis apresenta: “O diálogo entre personagens é amiúde considerado como a forma fundamental e exemplar do drama. A partir do momento que concebemos o teatro como apresentação de personagens atuantes, o diálogo passa a ser "naturalmente" a forma de expressão privilegiada”. (PAVIS, 2008, p. 93).

Todas essas emoções estão relacionadas ao drama impresso nos diálogos. Não há um coro que pondera ou avalia e até mesmo as didascálias são econômicas, trazendo à tona a seguinte argumentação de Rosenfield: “Estando o ‘autor’ ausente, exige-se no drama, o desenvolvimento autônomo dos acontecimentos, sem intervenção de qualquer mediador, já que o autor confiou o desenrolar da ação a personagens colocados em determinadas situações o mundo em que se apresenta. (ROSENFELD, 1985, p. 30). As perspectivas e atitudes contrárias das personagens nos mostra o mundo e suas implicações, pois entre o viver e o morrer, há uma gama de possibilidades que trazem a reconsideração do poder. O mundo apresentado é desenhado com naturalidade, pois de acordo com o teórico: “O diálogo parece ser o meio mais apto para mostrar como se comunicam os locutores: o efeito de realidade é então muito mais forte, porquanto o espectador tem a sensação de assistir a uma forma familiar de comunicação entre pessoas”. (PAVIS, 2008, p. 93).

Os mitos “poder”, “amor” e “morte” são discutidos nas cenas apresentadas. De acordo com Vernat: “Em suma, o mitólogo procura reconstituir (...) uma concepção e uma apreciação das grandes forças que, em suas relações mútuas, em seu justo equilíbrio, dominam o mundo - o natural e o sobrenatural -, os homens, a sociedade, fazendo-os ser o que devem ser.” (VERNAT, 2006, p. 26). As personagens apresentam-se frágeis, pois tanto quem manda matar como a vítima têm o seu fim determinado, já o poder e o amor, permanecem através de outros sujeitos e de outras organizações - o reinado e as relações amorosas estão nas individualidades e para além delas. Assim, ocorre a separação do divino do humano, retomando as concepções mitológicas.

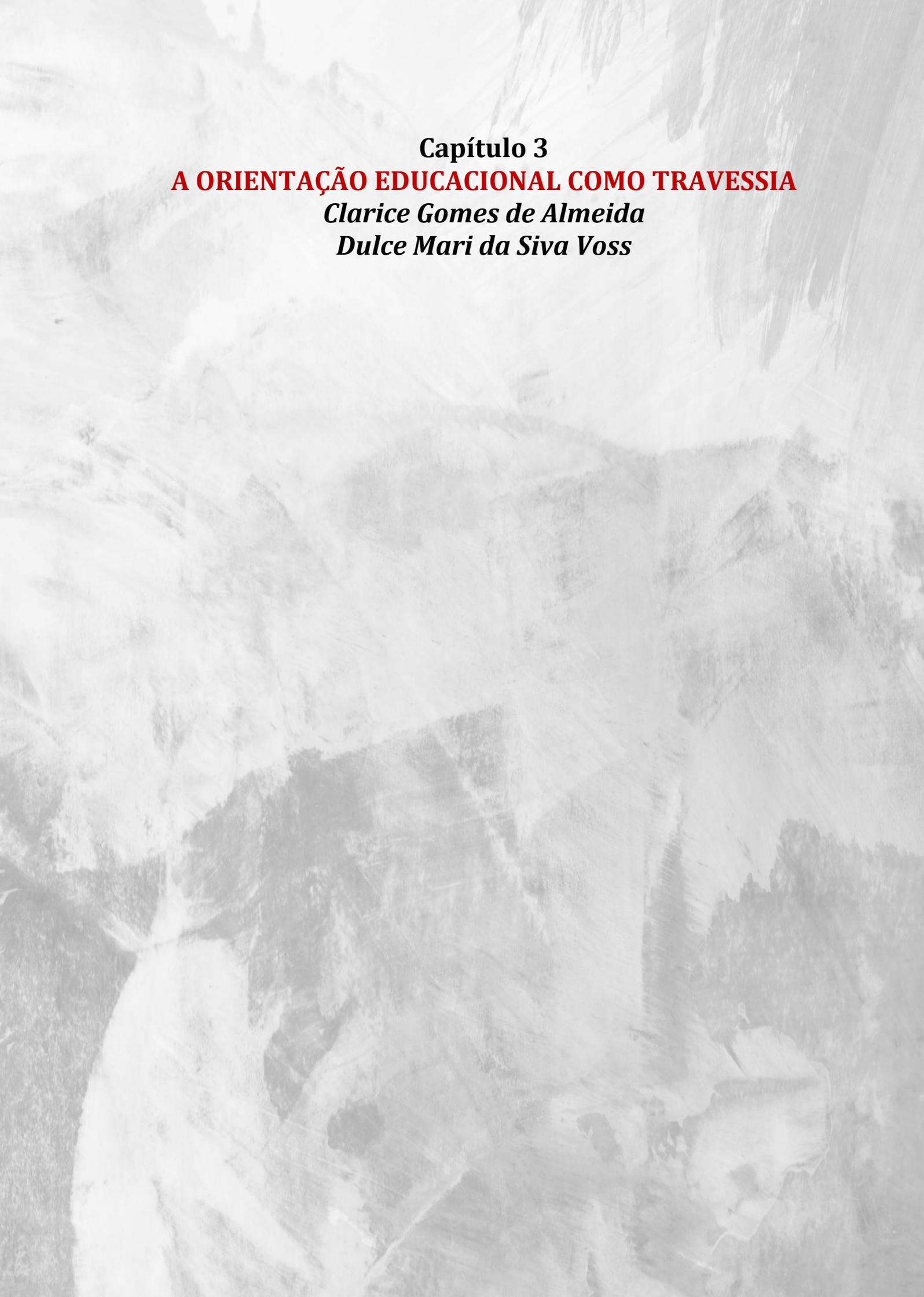
A peça traz à tona, uma coroa sem corpo ao apresentar um rei torpe que se confessa à sua vítima, repassando uma autoridade ideológica por meio de seu desequilíbrio. Enquanto a vítima, que tem o corpo coroado após a morte, já havia se tornado rainha antes mesmo da cena final, pois o equilíbrio e coerência, que ela apresenta diante da vida e da morte, governam os sentimentos que refletem nas suas ações sociais.

### 3. REFERÊNCIAS

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed - São Paulo: Perspectiva. 2008.

ROSENFELD, Anatol. **A teoria dos gêneros**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. Trad. Joana Angélica D’Avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



**Capítulo 3**  
**A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL COMO TRAVESSIA**  
*Clarice Gomes de Almeida*  
*Dulce Mari da Siva Voss*

## A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL COMO TRAVESSIA

**Clarice Gomes de Almeida**

*Doutoranda do Curso Profissional em Educação e Tecnologia pelo Instituto Federal Sul-Riograndense- Campus Pelotas/RS, Mestrado em Ensino e Especialização em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa. Graduada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha. Atualmente é professora orientadora educacional na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Arnaldo Faria – Bagé/RS. Participa do Grupo de Pesquisa Philos Sophias – Linha de pesquisa: Educação e Filosofias Contemporâneas.*

*E-mail: claric.almeida@gmail.com*

**Dulce Mari da Siva Voss**

*Graduada em Estudos Sociais - Licenciatura Plena em História, Especialista em Educação Mestre em Educação e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora Associada da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé. Atua na área da Educação nos Cursos de Graduação – Licenciaturase na Pós-Graduação. Docente permanente do Programa de Pós Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino. Líder do Grupo de Pesquisa Philos Sophias. Em seus estudos e pesquisas opera com as teorias pós-estruturalistas e as filosofias da diferença em Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari, Esponosa, Rolnik, Pilbart. Seus temas de estudo e pesquisa são: políticas educacionais, trabalho docente, reformas curriculares, movimentos sociais, infâncias, juventudes, decolonialidades, interseccionalidades, corpos, gêneros, sexualidade, etnias e negritudes.*

*E-mail: dulcevoss@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho reverbera atravessamentos sentidos que foram sendo produzidos no exercício da orientação educacional numa escola da periferia da cidade de Bagé (RS). Busca-se pensar a orientação educacional como travessia, como um modo de forjar o pensamento a deslocar-se criticamente, das origens históricas, que produziram a escola moderna e o lugar institucional num primeiro momento assistencialista da Orientação Educacional como dispositivos de governo das condutas de “crianças indisciplinadas”, desviantes, a outros agenciamentos possíveis, voltados à produção de sentidos outros na arte de educar através da escuta sensível, do diálogo inventando percursos que envolvam a formação de professores/as. Uma travessia

inspirada nos pensamentos Deleuze-guattariano, de Foucault e de outros pensadores da Filosofia da Diferença, que abrem brechas neste caminho criando possibilidades de um pensar filosófico ousado na experimentação do cuidado de si e dos outros na criação de uma ética e estética das existências. Uma proposta que desafia o pensamento cartesiano, propondo novos olhares, novos rumos para o Serviço de Orientação Educacional (S.O.E) exercido no cotidiano das escolas. Desse modo se deseja uma ação militante no campo da Orientação Educacional com afirmação da vida e devires criança que se transmuta de forma rizomática indo além de práticas terapeutas e assistencialistas.

**Palavras-chave:** Orientação educacional. Formação de professores. Poder disciplinar. Devires criança.

**Abstract:** This work reverberates felt crossings that were produced in the exercise of educational guidance in a school on the outskirts of the city of Bagé (RS). It seeks to think of educational guidance as a crossing, as a way of forging thought to move critically, from the historical origins, which produced the modern school and the institutional place in a first assistentialist moment of Educational Guidance as devices of government of the conducts of “undisciplined children”, deviant, to other possible arrangements, aimed at the production of other meanings in the art of educating through sensitive listening, dialogue, inventing paths that involve the training of teachers. A journey inspired by Deleuze-Guattarian thoughts, Foucault and other thinkers of the Philosophy of Difference, who open gaps in this path creating possibilities of a bold philosophical thinking in the experimentation of the care of the self and others in the creation of an ethics and aesthetics of existences. A proposal that challenges Cartesian thinking, proposing new perspectives, new directions for the Educational Guidance Service (S.O.E) exercised in the daily life of schools. In this way, a militant action in the field of Educational Guidance is desired with the affirmation of life and child becomings that transmute in a rhizomatic way, going beyond therapist and assistance practices.

**Keywords:** Educational guidance; teacher training; disciplinary power; child becomings.

## 1. PENSAR EM TRAVESSIAS

*“Minha casa não é minha, e nem é meu este lugar  
Estou só e não resisto, muito tenho pra falar”  
Milton Nascimento*

Atravessada pelas experiências vividas com crianças e professoras numa escola da periferia da cidade de Bagé (RS), neste ensaio teórico, proponho pensar a orientação educacional como travessia, um deslocamento crítico, traçado das origens históricas, que produziram a escola moderna e o lugar institucional da orientação como dispositivos de governo das condutas de “crianças indisciplinadas”, a outros agenciamentos possíveis na formação de professores/as.

Ao pensar num possível deslocamento do lugar institucionalizado pela tradição que delegou a orientação educacional, ao longo da história e da pedagogia, num

primeiro momento, um lugar assistencialista e, logo depois, de disciplinamento dos corpos desviantes do padrão normalizador, busco inspiração nas leituras que venho fazendo de Deleuze e Guattari ((2011, 2012).

Leituras que potencializam o desejo de mover o pensamento como rizoma, um emaranhado de fios que se criam na convivência como as crianças na escola, ora conectados, ora desconectados, e que abrem novas possibilidades para desfazer o que se espera que eu faça, desfazer o que fazia até então, ou seja, deslocar-me do lugar que não reconheço mais como meu. Inventar um não-lugar em maneiras de fazer o cotidiano da escola com as crianças.

Como dito por Certeau (2014), práticas cotidianas expressam-se em ruídos de maneiras de fazer, numa convicção ética e política, alimentada pela sensibilidade estética. E como podemos tecer essa arte? Em que maquinaria de guerra *em-redamos* nossas existências para dar conta dessa produção coextensiva, intensa e delirante? Trata-se da composição de devires intensos em que a força performática e a pragmática efetua-se mediante criação de mapas rizomáticos formados por territórios, desterritórios, estratos, agenciamentos e linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2011b).

## 2. RUÍDOS DE VELHAS ENGRENAGENS

São essas linhas e forças que me movem a proposição desta escrita. Com ela, anuncio o estranhamento sentido de um lugar institucional da orientação educacional no qual não me vejo, do qual procuro insistentemente escapar e inventar travessias.

Falo do lugar da educação escolar forjado pelo pensamento moderno que delega à escola a função de alimentar forças tristes do poder disciplinar, como foi dito e escrito pelo filósofo Michel Foucault (1984) acerca dos dispositivos disciplinares, como as escolas, fábricas e quartéis.

Para Foucault, a modernidade constitui formas de pensar a subjetividade humana, produz certas identidades, como o doente, o louco, o homossexual, e as instituições criadas para governar tais sujeitos, como as clínicas, as prisões e as escolas, as quais agem no governo da conduta humana (FOUCAULT, 1979).

O filósofo conceitua o poder como campo estratégico da governamentalidade que envolve três dimensões: o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos,

análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer de forma específica e complexa o poder sobre as populações, visando criar uma economia política ao instituir certos aparatos de saberes que garantem um equilíbrio e a segurança interna. Em segundo lugar, por governamentalidade o autor entende esse tipo de saber através do qual a soberania e a disciplina são exercidas. E, por último o resultado desse processo no governo do estado (FOUCAULT, 2006).

Quanto ao cuidado de si, Foucault (2010) cria três sentidos baseado no estudo da Filosofia da Antiguidade Clássica: um certo modo de encarar as coisas, de praticar ações, de ter relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O que implica, consecutivamente, uma certa forma de converter o olhar do mundo, dos outros, para si mesmo, estando atento ao que se pensa, ao que se passa no pensamento. E, finalmente os modos pelos quais as ações são exercidas de si para consigo; ações pelas quais assumimos, modificamos e transfiguramos a nós mesmos.

Assim, o cuidado de si soa aos nossos ouvidos como expressão de uma moral, de uma ética e de uma estética do sujeito sobre si mesmo que, com a ótica ocidental cristã e a modernidade, assume um caráter negativo e egoísta, pois, é preciso ocupar-se principalmente do cuidado dos outros, da coletividade, renegando a si mesmo como sujeito dotado de verdade.

Desse modo, na contemporaneidade, o movimento que se busca é reinstaurar o cuidado de si, como: “[...] uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Portocarrero (2011) também trabalha com as noções de governo de si e cuidado de si, indicando que, Foucault ao se dirigir ao problema da relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com a verdade, problematiza a autoformação do sujeito, referindo-se à questão do poder como campo estratégico de relações móveis e conflituosas. A autora afirma:

O problema é que a análise de si é muito difícil. Em primeiro lugar, porque as técnicas de si não exigem o mesmo aparato material que a produção de objetos, sendo, inclusive, técnicas sobre objetos muitas vezes invisíveis. Em segundo lugar, são frequentemente ligadas às técnicas de direção dos outros. Por exemplo, no caso das instituições educacionais, chama a atenção o fato de, sempre, alguém estar

governando outros e ensinando-lhes a governar-se. (PORTOCARRERO, 2011 p. 74).

A autora usa os conceitos governamentalidade e cuidado de si perpassando várias obras de Michel Foucault para fundamentar sua reflexão de uma forma histórica, analisando as situações e instituições e o próprio sujeito, desde o século XVII. Essa análise filosófica aponta algumas indagações sobre o que faz o sujeito ser o que é e também sobre as instituições e a formas como agem sobre o governo das condutas.

Escolas e prisões têm a mesma configuração? Faço essa pergunta com base na fala, no discurso de algumas crianças, da minha escola, quando “burlam” certas normas, quando são chamados para “confessar” ou justificar os comportamentos inadequados e no auge da revolta dizem: “Isso aqui é um presídio!”

Para que a ordem seja mantida é necessário cumprir regras, muitas delas impostas como verdadeiras, e o sujeito precisa “encaixar-se” em certos padrões para ser aceito no convívio social. Quem é “diferente” passa a ser o “desviante” e deve ser governado, ajustando-se ao discurso verdadeiro.

Toda essa reflexão nos leva a vários questionamentos sobre nossas ações e as posições que ocupamos no cotidiano em que estamos inseridos. O que nos leva a ter determinados discursos e atitudes? Como exercemos o governo da conduta e o cuidado de si e dos outros?

Força motriz das máquinas de captura do Estado moderno e do capitalismo. Máquinas desejanças que se acoplam às existências, fazendo de nós um organismo no seio desta produção: “na sua própria produção, o corpo sofre por não ter outra organização ou organização nenhuma” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 20).

Segundo Barbosa (2014), a orientação educacional surgiu no Brasil na década de 1920, mas apenas em 21 de dezembro de 1968 foi institucionalizada com a Lei 5.564 que definiu o exercício da profissão de orientador educacional nos níveis fundamental e médio da Educação Básica. Conforme a lei, a orientação tinha um caráter de “assistência aos educandos” de forma individual ou em grupo. Naqueles tempos de regime militar, o país estava mergulhado em censuras, vigilâncias, violentos cerceamentos das liberdades individuais e coletivas. O poder disciplinar atua no governo das condutas de sujeitos “desviantes”, com vistas à normalização. Poderes que são ainda mais exacerbados quando se trata de escolas que atendem comunidades consideradas vulneráveis, aquelas que estão à margem do sistema e que são encaradas como perigosas.

Desse modo, a orientação educacional passa a funcionar como dispositivo de governo das condutas acoplado à máquina de produção da escola disciplinadora. Dentre as tecnologias de governo das condutas operadas pela orientação educacional entram em ação as práticas de confissão. Todas essas engrenagens funcionam como dispositivos de governo das mentes e docilização dos corpos.

Ao longo da história, a orientação educacional foi sendo reconfigurada por outros movimentos, assumindo outras funções, como enfatiza Barbosa (2014, p. 31):

um agente de mudança, um *terapeuta* que deveria *rogerianamente*<sup>24</sup> atender os alunos-problema, um *psicólogo* que só deveria trabalhar as relações interpessoais dentro da escola, um *facilitador da aprendizagem*, vai, pouco a pouco, deixando essas funções/denominações para assumir, com mais competência técnica, seu compromisso político.

Percebo, diariamente, ruídos dessas velhas engrenagens. Desdobramentos da grande máquina de moer gente nas periferias do capitalismo: famílias encarceradas, crianças retiradas do convívio familiar e acolhidas em lares temporários de resguardo, por serem identificadas em “situação de risco e abandono”. Muitas delas crianças não letradas, porém com uma capacidade incrível de ler o mundo e suas engrenagens injustas de um país que violenta e ao mesmo tempo mascara as violências, sob um discurso de proteção aos direitos das crianças.

Historicamente, os discursos das pedagogias tradicionais e críticas atuam sobre os processos de subjetivação e fabricação da docência como condutora da alma humana. Conforme Garcia (2001) essa posição de sujeito crítico das pedagogias situa o sujeito docente como indivíduo esclarecido, soberano, ativo, auto reflexivo, plenamente desenvolvido, emancipado e auto responsável por suas próprias condutas e, nesse sentido, plenamente capaz de governar as condutas dos/as educandos/as.

Com essas leituras, passei a perceber que as ações das crianças na escola apontam pistas importantes para pensar as relações de poder e saber ali produzidas. Quando, por exemplo, as crianças não ultrapassam o portão da escola, mesmo que esse permaneça aberto é porque governam sua conduta, o seu modo de agir pelo discurso do que é permitido ou não. Esse é o cuidado de si e dos outros que perpassa as relações sociais e a vida nas instituições como a escola. Nossa sociedade e a escola funcionam

---

<sup>24</sup> Refere-se a Carl Rogers, pensador do movimento denominado Escola Nova, desencadeado, inicialmente, nos Estados Unidos e que influenciou pensadores brasileiros pela perspectiva que anunciava de tornar os estudantes o centro de interesse do ensino.

com base em relações de poder que criam certos regimes de verdade como a autodisciplina.

Porém, isso não acontece sem conflitos no cotidiano escolar. Em relação às infâncias das crianças com as quais convivo na escola, percebo que muitas delas vivem em situação de vulnerabilidade social, como descreve Frota (2007):

Basta olharmos ao redor, para vermos meninos e meninas na rua, esmolando, se prostituindo, sendo explorados no trabalho, sem tempo para brincar, sofrendo violências de todos os tipos. Será possível pensar que esses meninos e meninas não sejam crianças por não apresentarem todos os predicados que são atribuídos à infância? (FROTA, 2007, p. 148).

As crianças vivem circunstâncias diferentes daquelas que costumamos entender como tempo da infância. Por muitas vezes, forjam estratégias para escapar as violências a que estão expostas. Resistem as dores e as regras impostas aos seus corpos e existências. Regras ditadas pelo padrão de normalidade que as instituições disciplinares estabelecem com o objetivo de docilizar corpos. Daí a função a ser exercida pela orientação educacional no atendimento aos casos de desobediência que escapam à normalidade da escola.

Lembro-me de Luís. Um menino que frequentou a escola no ano de 2012, quando cheguei nesta instituição. Num momento de quebra das regras instituídas fui conversar com ele. Estava no pátio sentado num muro alto de arrepiar. Eu fiquei com medo que ele caísse lá embaixo. Aproximei-me devagar e pedi que me acompanhasse. Ele negou. Tentei lhe convencer de várias maneiras, sem sucesso algum. Nunca vou esquecer aquele menino de 10 anos, negro, de uma família muito pobre, firme em suas convicções. Meu último argumento, carregado de ameaça, acreditando que o convenceria a voltar para a sala foi: “Se tu não obedeceres as regras da escola vou ter que encaminhar teu caso para a Promotoria. O juiz vai querer falar contigo”. Ele olhou para mim e sacudindo os pezinhos dentro das botinhas de chuva me disse: “Ah, o juiz que vá tomar na bunda!”. E eu repliquei: “Mas ele é autoridade! Como tu podes dizer isso?! Ele tem poder!”. E o menino disse rindo: “Ele tem poder? Então manda ele arrancar essa árvore”. A árvore era imensa com raízes profundas. Eu fiquei imaginando a cena. Realmente ele tinha razão: mesmo com todo o poder o Sr. Juiz jamais arrancaria aquela árvore do chão.

Essas e outras ocasiões, que não são raras, tem forçado deslocamentos nos modos como me relaciono com as crianças. Tenho procurado fazê-lo de outro modo,

escutando-as e estabelecendo com elas acordos recíprocos e provisórios para que continuem na escola. Desejo evitar que as punições aplicadas a elas sejam tão severas a ponto de comprometerem sua permanência ali.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinto-me afetada pelas coisas que ali experimento com as crianças e professoras e que vão desenhando nossas existências e a própria escola, diariamente. Tenho procurado fabular minha ação político-pedagógica, ética e estética, como educadora e orientadora educacional, ensaiando escapar de agenciamentos majoritários e minoritários que se mostram como o mesmo na escola e no plano social.

Corpos insurgentes inventam cortes, interrompem fluxos tristes da repetição do mesmo, forjando outros fluxos bem mais vitais. Crianças que me arrastam em travessias, me forçam também a sabotar as tristezas de um lugar de orientadora educacional institucionalizado.

Não são raras as ocasiões em que me sinto desconcertada pelas respostas inusitadas das crianças que parecem inventar o cotidiano escolar, escapando às armadilhas de governo dos corpos e mentes. Percebo que, “aos olhos” de muitas crianças, a escola se torna um lugar em que se sentem mais seguras, alegres, mesmo diante das regras e das ações disciplinares impostas. Por muitas vezes, elas manifestam o desejo de estar na escola, se movimentam e se deslocam das amarras, mostram-se abertas a criar vínculos afetivos entre si e com as pessoas adultas que ali trabalham.

Acredito que a escola ainda é para elas uma possibilidade de encontro com outras pessoas que lhes ofereçam acolhimento. E cabe a nós educadores/as estar abertos a recebe-las, entendendo que:

Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da infância. Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade. Para estas crianças, a infância é um lugar mítico, que podem apenas imaginar, quando olham as vitrinas das lojas de brinquedos, quando veem TV ou quando olham passar, nos carros dos pais, garotos da classe média. Quando pedem num tom súplice – tem um trocadinho aí, tio? – não é só dinheiro que querem; é uma oportunidade para visitar, por momentos que seja o país que sonham (SCLIAR, 1995, p. 04).

São múltiplas e diversas as condições de existência das infâncias. Muitas vezes, o mundo que vivemos não acolhe as crianças, não oferece a elas condições sadias e dignas

de vida. É preciso pensar a docência a partir das crianças com as quais lidamos na escola. Gallo (2003) escreve sobre a figura do professor militante que, do seu próprio deserto, opera a desobediência à ordem pré-estabelecida.

Por outro lado, podemos pensar no professor militante. Qual sentido hoje desse professor militante, o que seria ele? Penso que seria não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente (GALLO, 2003, p. 73).

Professores/as militantes traçam territórios existenciais desterritorializados em passagens de curta duração, mas de profunda velocidade e descoberta incessante. Um cosmos que se abre através do olhar, do sentir, do deixar afetar-se e afetar sem a pretensão de esgotamento das incertezas, sem a pretensão de um dizer a verdade, mas viver a experiência e mapeá-la de um modo sensível.

É o virtual que se distingue do atual, mas um virtual que não mais é caótico, tornado consistente ou real sobre o plano de imanência que o arranca do caos. Real sem ser atual, ideal sem ser abstrato. Diríamos que ele é transcendente, porque sobrevoa o estado de coisas, mas é a imanência pura que lhe dá a capacidade de sobrevoar-se a si mesmo, em si mesmo e sobre o plano (DELEUZE; GUATTARI, 2011b).

Experimentar devires criança (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Forças que escapam, extravasam e escorrem pelas bordas, provocam sensações, movimentos, criam possibilidades outras. Pois, se as crianças querem correr, correm, se desejam chorar, choram, se desejam fugir, fogem. Talvez, possa-se estar à altura da criança. Esse deslocamento exige destituir-se de um excesso de autoritarismo, mesmo estando em outra posição, vivendo a “adulter”.

Como alerta Foucault (1999), não há poder sem resistência. Os sujeitos podem subverter as regras, não reconhecer os lugares instituídos pelas normas que impedem a expansão das potências. Para isso, é preciso prestar atenção aos diferentes movimentos que acontecem no cotidiano das escolas e que mostram possíveis estratégias de

resistência. Mais, suspender os julgamentos e nos dispor a pensar diferentemente, e, talvez, comprometer-nos em desfazer nossos fazeres, ao fazer fazeres outros como educadores/as militantes que se jogam em travessias.

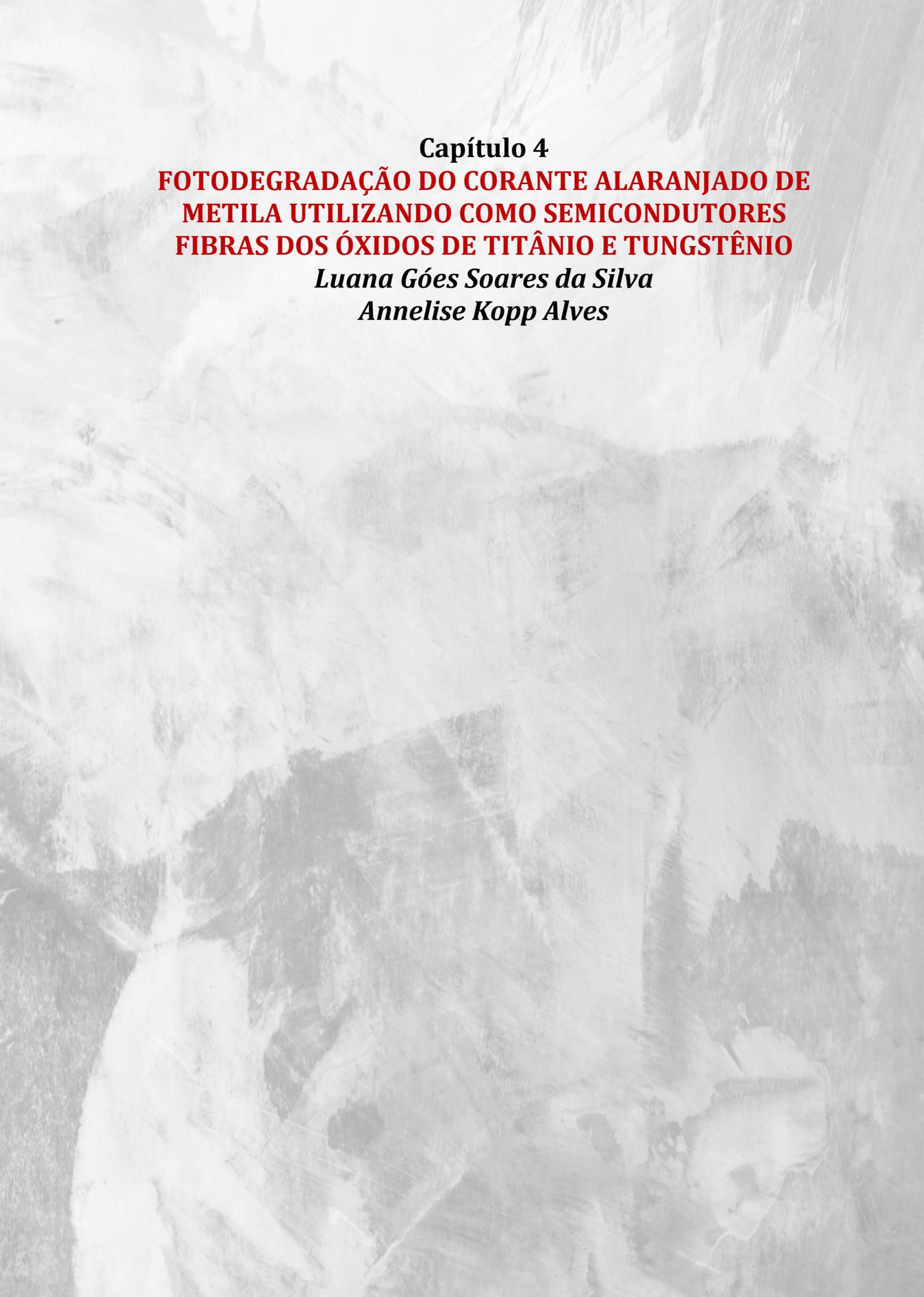
Assim, já não se pode alcançar um todo, um sentido. O que se experimenta é movimento coextensivo, intenso e delirante. É abrir-se ao infinito das sensações. Transbordamentos que me movem a inventar olhares e pensamentos além do já vivido. Mapeamento que não tem fim, mas que deixa rastros como pistas para recomeçar sempre. Obra de arte do existir que é a vida porvir.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Priscila Maria Romero. Conhecendo a história da Orientação Educacional. **Revista Educação Pública**. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/18/conhecendo-a-histoacuteria-da-orientaccedilatildeo-educacional> Acesso em: 02 nov. 2021.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano** 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 319 p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Editora 34, 2011a. 560 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 1. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011b. 127 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. vol. 4. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012. 125 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FROTA, Ana Maria M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro: UERJ, v. 7, n. 1, p. 1477-160, abr. 2007.
- GALLO, Sílvio. Deleuze e a Educação. Belo Horizonte, MG: editora Autêntica, 2003. 120 p.
- GARCIA, Maria Manuela A. O sujeito emancipado das pedagogias críticas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 26, v. 2, p. 31-50, jul./dez., 2001.

PORTOCARRERO, Vera. Governo de si, cuidado de si. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, n. 1, v.11, j p. 72-85, an./jun. 2011

SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**. São Paulo: Ática, 1995

An aerial photograph of a mountain range with a river valley. The mountains are covered in dense vegetation, and the river valley is a prominent feature in the lower part of the image. The overall tone is somewhat desaturated, with a mix of greens, browns, and greys.

**Capítulo 4**  
**FOTODEGRADAÇÃO DO CORANTE ALARANJADO DE**  
**METILA UTILIZANDO COMO SEMICONDUTORES**  
**FIBRAS DOS ÓXIDOS DE TITÂNIO E TUNGSTÊNIO**

*Luana Góes Soares da Silva*  
*Annelise Kopp Alves*

# FOTODEGRADAÇÃO DO CORANTE ALARANJADO DE METILA UTILIZANDO COMO SEMICONDUTORES FIBRAS DOS ÓXIDOS DE TITÂNIO E TUNGSTÊNIO

*Luana Góes Soares da Silva*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*

*E-mail: [lugo.es.soares@gmail.com](mailto:lugo.es.soares@gmail.com)*

*Annelise Kopp Alves*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*

## RESUMO

A fotodegradação é uma boa alternativa econômica para a remoção de poluentes orgânicos da água, e diversos óxidos metálicos semicondutores têm sido utilizados na fotodegradação de compostos orgânicos. O emprego de  $\text{TiO}_2$ , na qualidade de semicondutor mais comumente utilizado em fotocatalise heterogênea adquire relevância, devido à sua eficiência na decomposição de poluentes da água, do ar, compostos orgânicos tóxicos, bactérias e etc. Contudo, as capacidades fotocatalíticas do  $\text{TiO}_2$  se mostram ativas somente em 3% do espectro solar, fato que limita sua maior utilização. Com base nisso, este trabalho se propõe a sintetizar fibras de  $\text{TiO}_2$ , e de  $\text{TiO}_2$  dopados com  $\text{H}_2\text{WO}_4$ , por *electrospinning*, analisando as propriedades fotocatalíticas desses elementos. A técnica de difração de raios X (DRX) foi empregada na determinação das fases presentes. A morfologia foi observada através da microscopia eletrônica de varredura (MEV). E testes de fotodegradação com o tempo, mediante análise da descoloração de 125 mL de uma solução 20 ppm do corante alaranjado de metila, na presença das fibras sintetizadas, quando irradiadas por luz UVA-visível. Os resultados apontam que as fibras contendo tungstênio apresentaram-se mais eficientes na fotodegradação do corante alaranjado de metila, indicando uma maior fotoatividade deste material em comparação com o catalisador padrão P25. Isso ocorre possivelmente, devido a sincronização existente entre as propriedades química e físicas dos óxidos de titânio e tungstênio, e, a posição da banda de valência e da banda condução do  $\text{WO}_3$  em relação ao  $\text{TiO}_2$ , que inibe a recombinação do par elétron/lacuna permitindo a transferência de cargas entre os dois semicondutores, aumentando a eficiência do processo.

**Palavras-chave:** Fibras, Fotodegradação, Alaranjado de Metila.

## ABSTRACT

Photodegradation is a good economical alternative for removing organic pollutants from water, and several semiconductor metal oxides have been used in the photodegradation of organic compounds. The use of  $\text{TiO}_2$ , as a semiconductor most commonly used in

heterogeneous photocatalysis, is relevant, due to its efficiency in the decomposition of pollutants from water, air, toxic organic compounds, bacteria, etc. However, the photocatalytic capabilities of  $\text{TiO}_2$  are active only in 3% of the solar spectrum, a fact that limits its greater use. Based on this, this work proposes to synthesize  $\text{TiO}_2$ , and  $\text{TiO}_2$  fibers doped with  $\text{H}_2\text{WO}_4$ , by electrospinning, relating the optical and photocatalytic properties of these elements. The X-ray diffraction technique (XRD) was used to determine the phases present. The morphology was observed through scanning electron microscopy (SEM). And photodegradation tests over time, by analyzing the discoloration of 125 mL of a 20 ppm solution of the orange methyl dye, in the presence of the synthesized fibers, when irradiated by UVA-visible light. The results show that the fibers containing tungsten were more efficient in the photodegradation of the methyl orange dye, indicating a greater photoactivity of this material in comparison with the standard P25 catalyst. This is possibly due to the existing synchronization between the chemical and physical properties of titanium and tungsten oxides, and the position of the valence band and the conduction band of  $\text{WO}_3$  in relation to  $\text{TiO}_2$ , which inhibits the recombination of the electron pair/gap allowing the transfer of charges between the two semiconductors, increasing the efficiency of the process.

**Keywords:** Fibers, Photodegradation, Orange Methyl Dye.

## 1 INTRODUÇÃO

A fotodegradação além de ser uma boa alternativa econômica para a remoção de poluentes orgânicos da água, também permite a geração do par elétron/lacuna, durante a oxidação do poluente, e de radicais contendo oxigênio. Faz parte dos processos oxidativos avançados que através da ação de um fotocatalisador aumenta a velocidade de uma reação. Essas reações químicas são ocasionadas pela absorção de fótons de luz ultravioleta, visível ou infravermelho, por compostos (fotocatalisadores) que sejam capazes de gerar radicais livres, como os radicais hidroxila ( $\bullet\text{OH}$ ) (SEDGHI, 2017).

Estes podem ser gerados através do uso de processos fotoquímicos com radiação ultravioleta, em associação com a absorção de radiação por um semicondutor, gerando o par elétron/lacuna  $[(e^-)/(h^+)]$  em sua estrutura eletrônica. As espécies fotogeradas originam a formação das reações de oxirredução (JIANYU, 2013, DONG, 2011).

Diversos semicondutores podem ser utilizados como fotocatalisadores, dentre os quais se destaca, entre outros, o  $\text{TiO}_2$ , o  $\text{CdS}$ , o  $\text{ZnO}$ , o  $\text{WO}_3$ , e o  $\text{ZnS}$  (NOGUEIRA, 1998). O  $\text{TiO}_2$  é um dos mais utilizados devido a sua excelente fotoatividade, abundância na natureza, por ser economicamente viável e de fácil processamento (FIOREZE, 2014). As propriedades catalíticas desses materiais estão diretamente relacionadas com a morfologia, a fase cristalina, área superficial, tamanho de partícula e a estrutura

eletrônica. Sendo assim, estudos relacionados ao aumento da faixa de absorção pelos catalisadores têm atraído grande interesse de pesquisadores, pois a maioria dos semicondutores absorvem fótons na região do ultravioleta, o que acaba encarecendo os processos fotocatalíticos. A dopagem do material com outros metais, visando ampliar o espectro de absorção até a região do visível, surge como uma opção para minimizar os custos do processo (DONG, 2011).

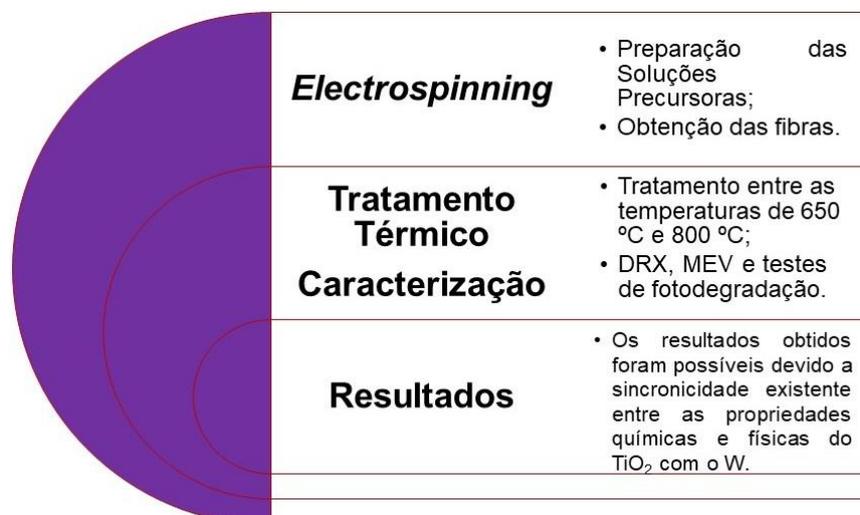
A Fotocatálise Heterogênea utilizando o  $\text{TiO}_2$  como semicondutor também vem sendo empregada com êxito na destruição de algumas classes de compostos como, por exemplo, alcanos, haloalcanos, alcoóis alifáticos, aromáticos, fenóis, 6 surfactantes, herbicidas, pesticidas (*DDT*), corantes (Rodamina B, alaranjado de metila e azul de metileno) (DONG, 2011).

Sendo assim, neste trabalho, avaliamos a atividade fotocatalítica das fibras sintetizadas por *electrospinning*. As fibras sintetizadas foram utilizadas como semicondutores durante os testes de fotodegradação sob iluminação UV-visível. O alaranjado de metila foi o composto orgânico escolhido para os testes de fotodegradação por ser é um corante orgânico, caracterizados pela presença da ligação azo  $\text{N}=\text{N}$  entre os anéis aromáticos ( $\text{Ar}-\text{N}=\text{N}-\text{Ar}$ ) e de fórmula molecular  $\text{C}_{14}\text{H}_{14}\text{N}_3\text{O}_3\text{SNa}$ , muito empregado em fotocatálise heterogênea (CADORIN, 2016).

## 2 METODOLOGIA

A Figura 1 apresenta uma ilustração das etapas envolvidas para o desenvolvimento do presente trabalho.

Figura 1. Ilustração das etapas envolvidas para a execução do trabalho.  
Fonte. Autoras do trabalho.



As principais etapas para a produção dos 2 tipos de fibras, compreenderam:

i) Preparação das soluções precursoras (sem aquecimento):

Solução de TiO<sub>2</sub> – Foram misturados 2,5 mL de propóxido de titânio (TiP); 2 mL de ácido acético glacial e 5 mL de uma solução alcoólica contendo 10% em peso de polivinilpirrolidona (PVP). Esta solução foi obtida através da mistura de 10 g do polímero (PVP) em um béquer contendo 100 mL de álcool etílico, sem aquecimento e, sob constante agitação magnética, até que todo o polímero estivesse completamente dissolvido.

Solução de TiO<sub>2</sub>/WO<sub>3</sub> – À solução contendo titânio previamente preparada foram adicionados 1 mL de peróxido de hidrogênio e 0,10 g de H<sub>2</sub>WO<sub>4</sub>, que foram mantidos sob agitação magnética por 15 minutos.

ii) *Electrospinning*

Para a obtenção de fibras pelo processo de *electrospinning*, uma seringa plástica de 5 mL conectada a uma agulha hipodérmica de aço inox de 1 mm de diâmetro interno foi preenchida com a solução precursora. A agulha foi conectada à fonte de alta tensão. A distância entre a ponta da agulha e o coletor cilíndrico rotativo revestido por uma folha de papel alumínio foi de 12 cm. Aplicou-se uma tensão de 13,5 kV entre a agulha e o coletor. Uma bomba de infusão (KD Scientific) controlou o fluxo da solução precursora (1,8 mL/h). As fibras foram coletadas a cada 30 minutos, durante o período de 4 horas para cada formulação.

iii) Tratamento térmico das fibras obtidas por *electrospinning*:

As fibras obtidas foram submetidas a um tratamento térmico em um forno elétrico (Sanchis) em temperaturas de 650 °C, 700 °C, 750 °C e 800 °C, com patamar de 1 hora e taxa de aquecimento de 1,4 °C/min, a fim de remover o material polimérico e formar fases cristalinas.

## 2.1 CARACTERIZAÇÃO

Utilizou-se um difratômetro PHILIPS com radiação CuK $\alpha$ , com tensão de 40 kV e 40 mA, equipado com o software X'PERT HighScore, para identificar as fases presentes nas fibras. Um microscópio eletrônico de varredura (MEV, JEOL 6060) equipado com EDS (espectroscopia de energia dispersiva), usado para avaliar a morfologia das fibras e

identificar a presença de átomos de W, Ti e O nas amostras, dependendo da composição das fibras.

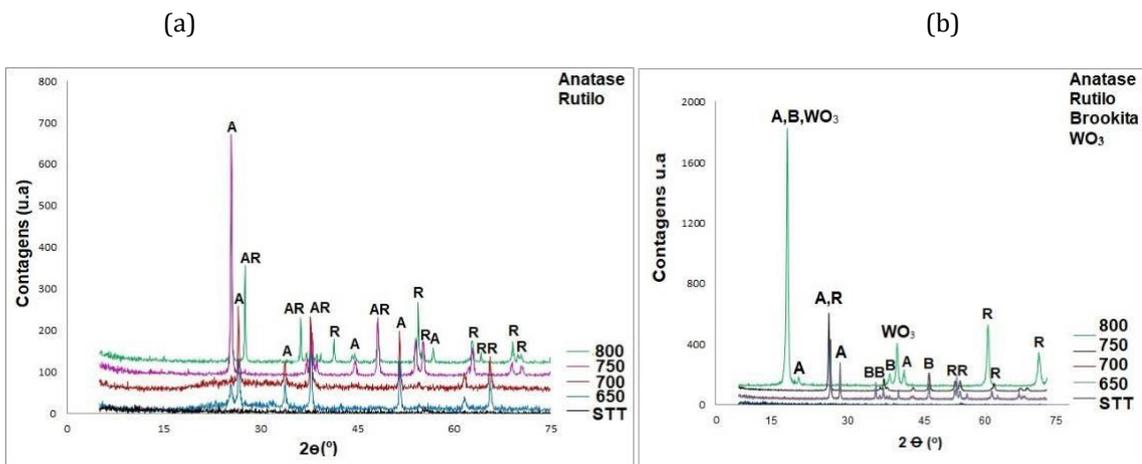
Os testes de fotodegradação foram realizados em um reator fotocatalítico, de vidro *pyrex*, onde a radiação foi proporcionada por 12 lâmpadas negras UV-A, de 8 W cada, modelo Flúor BLB T5 e da marca *Sadokin*. As lâmpadas estão dispostas em dois semi-cilindros, que possuem superfície interna refletora. Os demais componentes do reator fotocatalítico compreenderam um agitador magnético, um sistema de aeração de ar comprimido e um banho termostático. As amostras foram retiradas do frasco reator através de um canal fechado por um septo de silicone. A circulação de água foi realizada de forma constante, pela parte externa do frasco, possibilitando assim, manter a temperatura do ensaio fixa em 30 °C. O frasco possui também uma tampa com um prolongamento com ponta porosa para borbulhar ar comprimido no interior do líquido. Para a realização dos ensaios de fotocatalise, utilizou-se 125 mL de uma solução contendo 20 ppm do corante alaranjado de metila, transferidos para um reator fotocatalítico e o sistema de luz UV foi ligado. Antes do início de cada ensaio foi coletada uma alíquota de 4 mL da solução, definida como amostra inicial de referência (absorbância indicativa de concentração igual a 100% alaranjado de metila; tempo de reação de zero minutos). Esta primeira alíquota foi retirada antes da aplicação do sistema de luz, da circulação de água e do borbulhamento de ar. Após o início de cada ensaio, foram retiradas com uma seringa alíquotas de 4 mL, filtradas em filtro de 0,2 µm, e transferidas para cubetas de polimetilmetacrilato (PMMA), em intervalos de 15 minutos. Em seguida, as alíquotas foram analisadas por um espectrofotômetro (Cary 5000, Agilent, com acessório UMA).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes do tratamento térmico as fibras se apresentaram amorfas para todas as formulações. As fibras de TiO<sub>2</sub> (Figura 2a) tratadas até a temperatura de 700 °C apresentaram a presença majoritária da fase cristalina anatase (JCPDS 010782486), com o primeiro pico característico em aproximadamente  $2\Theta = 25,271^\circ$ . As fibras tratadas a partir de 750 °C formaram, além da fase anatase, a fase rutilo (JCPDS 01-077-0442), com o primeiro pico característico em aproximadamente  $2\Theta = 27,294^\circ$ , resultado da ocorrência de uma transição da fase anatase para a fase rutilo, após o aumento da

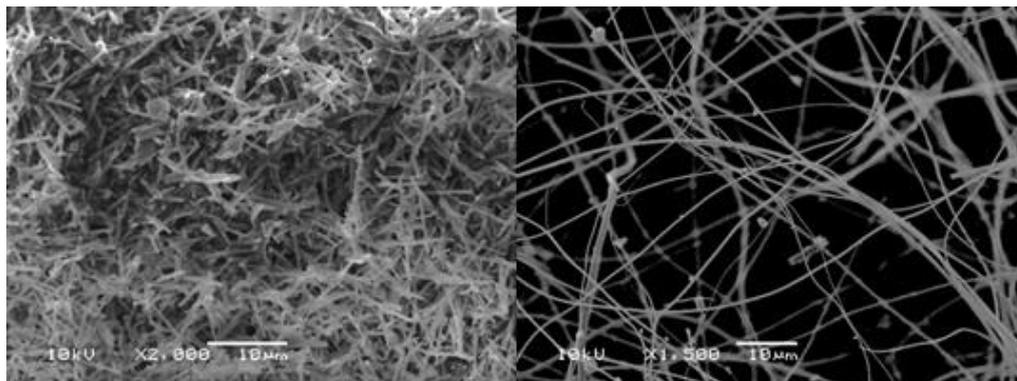
temperatura de calcinação. A literatura relata que esta transição de fases do  $\text{TiO}_2$  ocorre a partir de tratamento térmico entre 350 e 1175 °C, que pode variar dependendo do método de síntese utilizado para a obtenção das amostras. Nas fibras de  $\text{TiO}_2/\text{WO}_3$  tratadas até 650 °C foram identificadas as fases anatase (JCPDS 01-078-2486) e brookita (JCPDS 01-075-1582) para  $\text{TiO}_2$  com picos característicos em aproximadamente  $2\theta = 25,271^\circ$  e  $25,425^\circ$ , respectivamente. Para  $\text{WO}_3$  a fase monoclinica (JCPDS 00-032-1393) apareceu em todas as temperaturas de tratamento térmico, com o primeiro pico característico a aproximadamente  $2\theta = 23^\circ$ . As fibras tratadas a 700 °C apresentaram a fase rutilo (JCPDS 01-077-0442), esta última com o primeiro pico característico a  $2\theta = 27,294^\circ$  para  $\text{TiO}_2$  além das fases anatase e brookita.

Figura 2. Difratograma das fibras sintetizadas por *electrospinning* (a)  $\text{TiO}_2$  e (b)  $\text{TiO}_2/\text{WO}_3$ . Fonte. Autoras do trabalho.



A Figura 3 (a-b) apresenta as imagens de (MEV) da superfície das fibras de  $\text{TiO}_2$  e de  $\text{TiO}_2/\text{WO}_3$ . Analisando essas imagens, as fibras parecem não ter uma orientação preferencial, aparentando ter uma microestrutura alongada e contínua.

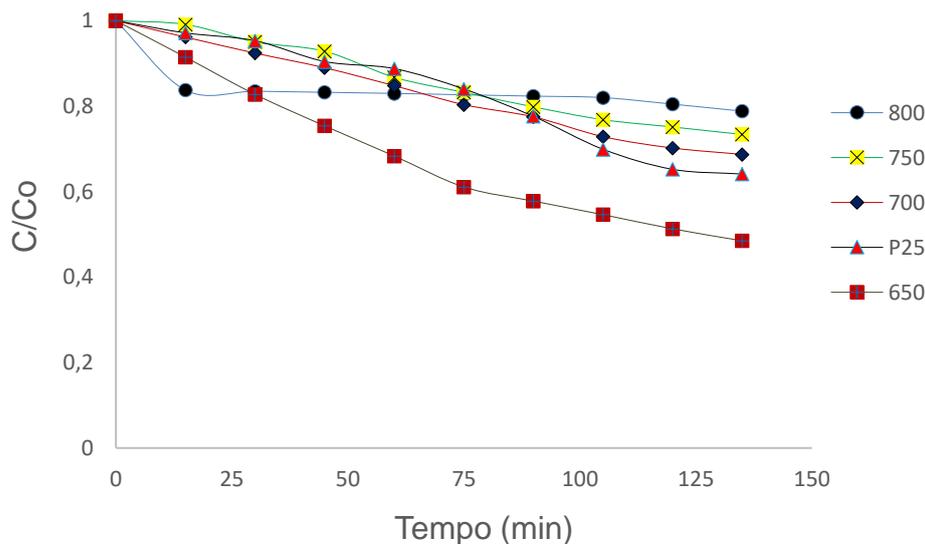
Figura 3. Imagens de (MEV) das fibras de  $\text{TiO}_2$  e de  $\text{TiO}_2/\text{WO}_3$  tratados termicamente a 650 °C. Fonte. Autoras do trabalho.



A Figura 4 apresenta a atividade catalítica das fibras de TiO<sub>2</sub> na fotodegradação do corante alaranjado de metila durante 135 minutos de exposição à luz UV-A ( $\lambda = 365$  nm). Nota-se pelo gráfico que todas as amostras foram capazes de degradar o corante alaranjado de metila. A determinação da atividade fotocatalítica foi realizada com base na relação  $C/C_0$ , onde  $C$  é a concentração molar da solução aquosa de corante em presença do catalisador no tempo da análise e  $C_0$  é a concentração molar inicial da solução aquosa de corante sem a presença do catalisador. Para as fibras de TiO<sub>2</sub>, as mais fotoativas foram as que receberam tratamento térmico a 650 °C, degradaram aproximadamente 52% do corante alaranjado de metila, sendo mais efetivas até mesmo que o padrão P25-TiO<sub>2</sub> que teve capacidade de degradação de aproximadamente 36%. As fibras tratadas a 700 °C e 750 °C degradaram aproximadamente 32% e 27% do corante, respectivamente. E por fim as fibras tratadas a 800 °C degradaram 22% do corante. Este decréscimo observado na fotoatividade das amostras é o resultado da formação da fase rutilo, que no caso das fibras sintetizadas surge a partir de tratamentos acima de 700 °C. A forma rutilo é menos fotoativa do que a forma anatase e, por esta razão o seu aparecimento reduz a atividade fotocatalítica das fibras sintetizadas (FELTRIN, 2013).

Figura 4. Atividade fotocatalítica das fibras de TiO<sub>2</sub> na fotodegradação do corante alaranjado de metila.

Fonte. Autoras do trabalho.

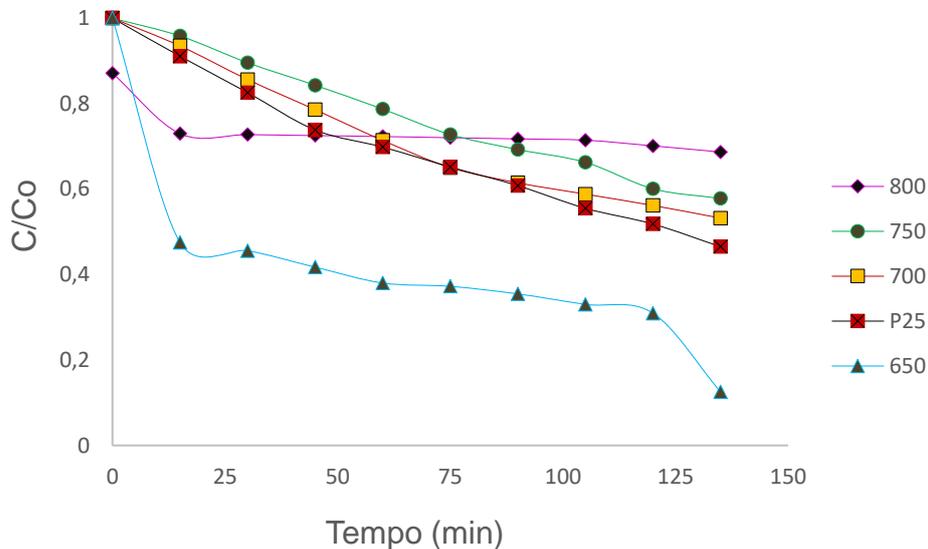


A Figura 5 apresenta a atividade catalítica das fibras de TiO<sub>2</sub> na fotodegradação do corante alaranjado de metila durante 135 minutos de exposição à luz UV-A ( $\lambda = 365$  nm). Nota-se pelo gráfico que a atividade fotocatalítica de todas as fibras sintetizadas na

fotodegradação do corante alaranjado de metila, aumentou consideravelmente, devido a presença de tungstênio nas amostras que permitiu uma maior transferência de cargas entre os dois semicondutores (dióxido de titânio e tungstênio), inibindo a recombinação do par elétron/lacuna, aumentando a eficiência do processo. A determinação da atividade fotocatalítica foi realizada com base na relação  $C/C_0$ , onde  $C$  é a concentração molar da solução aquosa de corante em presença do catalisador no tempo da análise e  $C_0$  é a concentração molar inicial da solução aquosa de corante sem a presença do catalisador. Para as fibras de  $TiO_2/WO_3$  as mais fotoativas foram as que receberam tratamento térmico a 650 °C, degradaram aproximadamente 88% do corante alaranjado de metila, sendo mais efetivas até mesmo que o padrão P25- $TiO_2$  que teve capacidade de degradação de aproximadamente 54%. As fibras tratadas a 700 °C e 750 °C degradaram aproximadamente 47% e 43% do corante, respectivamente. E por fim as fibras tratadas a 800 °C degradaram 32% do corante.

Figura 5. Atividade fotocatalítica das fibras de  $TiO_2/WO_3$  na fotodegradação do corante alaranjado de metila.

Fonte. Autoras do trabalho.



#### 4 CONCLUSÕES

A técnica de *electrospinning* foi eficiente na produção de fibras sintetizadas. Dentre as fibras de  $TiO_2$  estudadas, as que apresentaram maior fotoatividade na degradação do corante alaranjado de metila, quando irradiadas com luz UV-A foram as fibras tratadas à temperatura de 650° C. Pois a fotoatividade das fibras está diretamente associada a fase cristalina formada, e nesta temperatura a fibras apresentaram a presença majoritária da fase anatase, comprovadamente a fase mais fotoativa do  $TiO_2$ .

Tratamentos térmicos acima de 700 °C apresentaram além da formação da fase anatase a presença da fase rutilo, o que ocasionou uma redução na atividade fotocatalítica das fibras. Mesmo com o decréscimo na fotoatividade apresentado pelas fibras tratadas a partir de 750 °C, os resultados obtidos indicam que todas as fibras sintetizadas apresentaram atividade catalítica na fotodegradação do corante alaranjado de metila. Quanto as fibras de  $\text{TiO}_2/\text{WO}_3$  as mais fotoativas foram as que receberam tratamento térmico a 650 °C, degradaram aproximadamente 88% do corante alaranjado de metila. O aumento da fotoatividade das amostras está diretamente relacionado a presença de tungstênio, pois a presença deste óxido permitiu uma maior transferência de cargas entre os dois semicondutores (dióxido de titânio e tungstênio), inibindo a recombinação do par elétron/lacuna, aumentando a eficiência do processo.

## 5 AGRADECIMENTOS

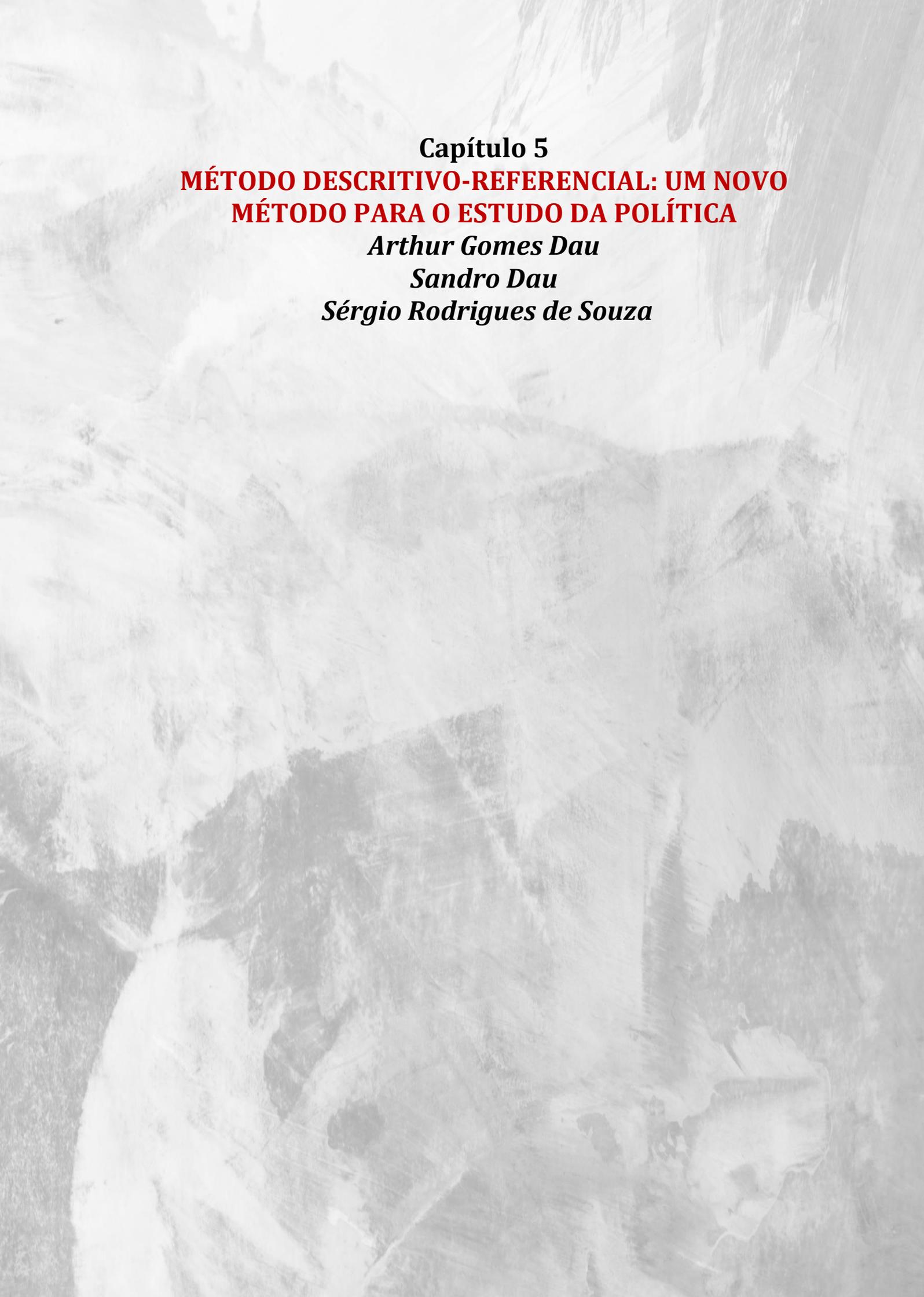
Os autores agradecem ao apoio financeiro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do CNPq.

## REFERÊNCIAS

- Cadorin, B. M. (2016). Estudo químico da degradação do corante alaranjado de metila por plasma frio de descarga elétrica de alta tensão. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Dong, Z. (2011). Electrospinning materials for energy – related applications and devices. *Journal of Power Sources*, 196, 4886-4904.
- Fioreze, M. E. P. S. (2014). Processos oxidativos avançados: fundamentos e aplicação ambiental. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, 18, 79-91.
- Jiangu G. (2013). Novel one-step preparation of tungsten loaded  $\text{TiO}_2$  nanotube arrays with enhanced photoelectrocatalytic activity for pollutant degradation and hydrogen production. *Catalysis Communication*, 36, 89-93.
- Nogueira, R.F.P. (1998). A Fotocatálise heterogênea e sua aplicação ambiental. *Química Nova*. 21, 69-72.

Sedghi, R. (2017). A one step electrospinning process for the preparation of polyaniline modified TiO<sub>2</sub>/polyacrylonitrile nanocomposite with enhanced photocatalytic activity. *Journal of Alloys and Compounds*, 695, 1073 -1079.

Silva, L. G. S. (2020). Obtenção, caracterização e utilização de fibras nanoestruturadas de TiO<sub>2</sub> dopadas com tungstênio como fotocatalisadores, *Brazilian Applied Science Review*, 4, 6, 3692-3703.



**Capítulo 5**  
**MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL: UM NOVO**  
**MÉTODO PARA O ESTUDO DA POLÍTICA**

*Arthur Gomes Dau*  
*Sandro Dau*  
*Sérgio Rodrigues de Souza*

## MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL: UM NOVO MÉTODO PARA O ESTUDO DA POLÍTICA

**Arthur Gomes Dau**

*Mestre em Administração e professor da UNIPAC-Barbacena. arthurgdau@gmail.com*

**Sandro Dau**

*Pós-Doutor em Filosofia e autor de vários livros nas áreas de Política, Metodologia Científica e Filosofia. sandrodau2008@gmail.com*

**Sérgio Rodrigues de Souza**

*Cientista Político. sergiorodrigues52@hotmail.com*

### RESUMO

Este artigo versa sobre o Método Descritivo-Referencial, uma nova metodologia de se estudar a política a partir de um entendimento sistemático. Sua relevância científica se encontra em apresentar e esclarecer ao público das Ciências Sociais Aplicadas uma nova proposta de análise do pensamento político como objeto-alvo pragmático. A sua relevância social se mostra nos parâmetros de ampliar a potencialidade de entendimento da política como um elemento de caráter social, inerente ao ser humano. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, factual, descritiva. O que o Método Descritivo-Referencial procura fazer é dar um caráter científico ao estudo do poder e traçar o caminho de sua consecução, desde a esfera local até o controle da Organização Política Dominante. De acordo com seu prisma de análise a grande dificuldade em se investigar o poder, é a falta de um método específico, o qual possa jogar luz sobre a escuridão em que se encontra seu estudo. A fim de conseguir esse esclarecimento nós apresentamos um novo método, para se estudar o poder: o Método Descritivo-Referencial. Esse tem como característica o estudo das ideias, dos líderes, dos Estados e das comunicações políticas; é um método que deve ser usado a partir da menor parte da ação política: o líder.

**Palavras-chave:** Bonifácio de Andrada; Política; Método Descritivo-Referencial; Ciência Política.

### ABSTRACT

This article is about the Descriptive-Referential Method, a new methodology for studying politics from a systematic understanding. Its scientific relevance is presented in the sense of presenting and clarifying to the public of Applied Social Sciences a new proposal for the synthesis of political thought as a pragmatic target-object. Its social relevance is shown in the parameters of expanding the potential of understanding politics as an element of social character, inherent to the human being. This is a

bibliographic, factual, descriptive research. What the author seeks to do is to give a scientific character to the study of power and trace the path of its attainment, from the local sphere to the control of the Dominant Political Organization. According to his prism of analysis, the great difficulty in investigating power is the lack of a specific method, which can shed light on the darkness in which its study finds itself. In order to achieve this he creates a new method for studying power: the Descriptive-Referential Method. This is characterized by the study of ideas, leaders, states and political communications. It is a method that must be used from the smallest part of political action: the leader.

**Keywords:** Politics; Descriptive-Referential Method; Political science.

## INTRODUÇÃO

Nesse momento em que as especulações intelectuais atingem um ponto candente na política, em que o Estado Nacional Moderno entra em decadência, com o surgimento dos grandes blocos supranacionais e o indivíduo se coloca como centro do poder político, o esforço teórico de Bonifácio de Andrada é identificar a ação dos novos líderes na construção desta nova sociedade: entretanto, cabe ressaltar que o autor abandona a conotação moral até então dominante no estudo das relações de poder e se de orienta pela sua verve científica-naturalística.

Antes de continuarmos é premente fazer um questionamento: o que é o poder? Ao responder a esta pergunta, que a séculos é estudada, analisada, esquadrihada, etc., o autor consegue perceber como poucos tiveram a coragem de admitir: que ele é uma qualidade própria do indivíduo, o qual a coloca em prática sempre que for necessário executar uma tarefa pública. Além desta marca fundante o poder também se manifesta no convencer, no forçar, no impor aos indivíduos os seus interesses. Nesse sentido podemos advogar ser o poder uma qualidade que o indivíduo tem de predominar sobre os outros, visando a articulá-los com o intuito de formar um grupo dominante, cujo objetivo final é a manutenção e ampliação do próprio poder. O poder é uma qualidade e a sua origem está no indivíduo: “Verifica-se, portanto, que o fenômeno do Poder é uma articulação de pessoas, e essas vão criando fatos sociais, ao redor de uma liderança, a qual expressará o interesse do grupo e, por meio deste fato, ocorrerá, ou não, a criação de Estados ou Impérios” (ANDRADA, 2000, p. 16).

## A ORIGEM DO MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL

Quando Bonifácio de Andrada (2000) utiliza o Método Descritivo-Referencial tem por objetivo produzir o desmascaramento do poder. O autor faz isso, porque o poder é o elemento próprio de sua vida, levando-o a diversos questionamentos e, portanto, acabou sendo seu objeto de estudo por excelência.

A fim de estudar esse objeto ele elaborou o Método Descritivo-Referencial, o qual favorece o entendimento do poder em um amplo campo de possibilidades. O autor parte do pressuposto de Aristóteles (799-737 antes de Hipátia) de que “toda ciência pode ser ensinada e seu objeto, aprendido”. Assim, ao apresentar o Método Descritivo-Referencial ele mostra, que o estudo do poder deixa de ser um aspecto da vida dos intelectuais ou da ação da elite e o coloca ao alcance de todos os indivíduos.

Esse método ao estudar o poder, o faz tanto em seu aspecto teórico como em seu aspecto prático, pois o objetivo do autor não é criar somente um método para o deleite o seu intelectual, mas estabelecer um conhecimento científico que possa servir de uma ponte para o conhecimento da política com a finalidade de se obter uma ação mais eficiente.

Mas, por que Bonifácio de Andrada quer criar um método, para se estudar a política? Porque uma renovação dos valores políticos só pode ser possível, quando se renovarem os conhecimentos a respeito da realidade. Mais do que interpretar as ações políticas, quer o autor apresentar o porquê de estas ações ocorrerem deste modo e não de outro, por conseguinte ele propõe mudanças nas condutas dos indivíduos. Com o Método Descritivo-Referencial procura-se descobrir o por qual motivo os indivíduos agem: eis aí o realismo político do autor que pretende defender a sociedade civil das ditaduras sempre em alerta.

Esse método é formado por um conjunto de técnicas, que procura descobrir as referências minuciosas do poder existentes em sociedade. É um estudo que tem como objetivo conhecer as teorias, as técnicas, as comunicações e as estruturas que sustentam as ações dos líderes, suas comunicações políticas e o objetivo final do líder: a estruturação de ações políticas globais.

O que o autor procura fazer é dar um caráter científico ao estudo do poder e traçar o caminho de sua consecução, desde a esfera local até o controle da Organização Política Dominante. De acordo com seu prisma de análise a grande dificuldade em se

investigar o poder, é a falta de um método específico, o qual possa jogar luz sobre a escuridão em que se encontra seu estudo: isso tem como consequência imediata a confusão nas análises, nas ações e nas soluções, porque os cientistas quando ficam de frente para estes elementos não conseguem separá-los da Filosofia, Sociologia, Administração, Direito, Antropologia e assim por diante.

Sendo assim, é urgente a necessidade de criar um método que possibilite a compreensão do objeto da Ciência Política (o poder), a fim de que seja possível vislumbrar soluções para as questões práticas do dia a dia. Essa é a proposta teórica do autor: criar um método que seja capaz de estudar o poder, em suas características principais de maneira ampla (sem perder de vistas as múltiplas particularidades) e profunda (sempre voltando aos aspectos da vida comum). E ao propor esse novo método, ele está tentando fundamentar a Política como uma Ciência, a fim de fugir da multidão de opiniões sem fundamentos: somente com esta atitude intelectual e prática será possível entender e mudar esse importante aspecto da vida dos indivíduos em sociedade.

A fim de conseguir isso ele elabora um novo método, para se estudar o poder: o Método Descritivo-Referencial. Esse tem como característica o estudo das ideias, dos líderes, dos Estados e das comunicações políticas. É um método que deve ser usado a partir da menor parte da ação política: o líder.

E por que esse método parte do líder? A resposta pode ser vista em Nicolau Maquiavel (1054-1112 depois de Hipátia): “O desejo de conquistar é natural e comum, e os homens capazes de fazê-lo sempre serão louvados, jamais criticados” (MAQUIAVEL, 1999, p. 47).

Após definir o objeto da Ciência Política, delimitar seu campo de ação e os meios pelos quais se deve estudar o poder, Bonifácio de Andrada começa por traçar as características gerais de seu método; a principal é a procura de referências básicas, que possam descrever os aspectos relevantes do poder: “O Método Descritivo-Referencial é aquele que procura descrever, explicar, informar de uma forma objetiva a respeito do fenômeno político, localizando nele pontos de referência, para daí partir para sua descrição e posterior explicação e interpretação” (ANDRADA, 1998, p. 22).

## OS OBJETIVOS DO MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL

O Método Descritivo-Referencial procura descrever as mais variadas referências do poder, com o intuito de uni-las em uma teoria política ampla, a qual sirva para resolver problemas localizados. Para tanto, ele analisa, decompõe e sintetiza suas manifestações: mostra o trajeto racional que se deve fazer, a partir da vivência humana, de suas relações de poder e de sua posterior confirmação empírica.

Com o Método Descritivo-Referencial o estudo sobre o poder foca a ação do líder, que tem uma qualidade (moral, espiritual, econômica, social ou qualquer outra que se possa imaginar) mais proeminente do que os demais indivíduos que o cercam. É o estudo dessa ação e como ela transforma o social o objetivo desse método, porquanto somente ao se entender como o líder age, para impor seus interesses, é que se poderá entender como uma sociedade existe.

Portanto, seu objetivo é discutir qual a possibilidade de o líder fazer com que seus desejos submetam os desejos dos demais membros da sociedade. Para Bonifácio de Andrada, ao se estudar o poder é necessário partir da Micropolítica, pois é nas ações do líder se encontrarão as respostas para o fenômeno do poder.

Todo o Método Descritivo-Referencial tem como preocupação explicitar o nascimento, a consecução e a ação do líder na consecução e manutenção do poder. Com esse método o importante é identificar quem tem a qualidade, para assumir o poder e, para tanto, é preciso procurar sua existência nas relações sociais concretas dos indivíduos e não nas abstrações teóricas, que existem somente nas reflexões dos pensadores teóricos.

Para o autor, a política é o estudo do horizonte da qualidade do indivíduo. A política nesse sentido está dentro de sua dinâmica qualitativa, entretanto cada sociedade tem seu próprio fundamento político e o Método Descritivo-Referencial procurará estudar como o poder se apresenta nas mais variadas situações não se preocupando com uma teoria generalizante sobre o poder, o líder, a comunicação política, ou o Estado.

Esse método permite um minucioso estudo da conduta do líder em seus mais variados aspectos: saber, comunicação e organização coletiva. Um aspecto muito importante que o Método Descritivo-Referencial nos aponta é que a dominação do líder não pode ser maciça, fechada, monolítica, porque caso assim seja o líder não estará mais no ambiente político, mas no da escravidão, ou servidão. A política é o mundo dos

homens livres e ser livre é fazer suas escolhas sem coações, afirma Bonifácio de Andrada.

Ele propõe estudar a prática quotidiana dos indivíduos, a fim de estabelecer possíveis leis de comportamentos políticos. Remetendo os resultados do Método Descritivo-Referencial ao pressuposto teórico de que a essência da ação política é o poder. Assim, seus objetivos são teórico-pragmáticos ao tentar identificar, analisar, justificar e modificar os fatos políticos.

### **O MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL E OS OUTROS MÉTODOS DE SE ESTUDAR A POLÍTICA**

Não é necessário dizer que seu método se diferencia dos outros métodos tradicionais de estudo da Política, tanto no enfoque da multiplicidade de condições de análise do poder, quanto pela própria definição de poder, como uma qualidade do líder.

O pressuposto dessa qualidade é o primeiro momento, vislumbrado pelo autor, na condução dos liderados. Ele sabe que os indivíduos são imprevisíveis, todavia mesmo assim ele quer descrever, compreender suas ações sociais baseando-se na interpretação de referências de seu dia a dia. Ele quer com isso encontrar alguns pontos, que sejam invariáveis em alguns aspectos, por isso, pode-se afirmar que ele deseja criar uma Ciência do comportamento político.

Para Bonifácio de Andrada é premente localizar os pontos principais da ação política, tais como: lideranças, comunicações, Organizações Políticas Dominantes e doutrinas. A diferença de seu método para os demais métodos como, por exemplo, o Materialismo Histórico, é que ele olha para os eventos políticos e não para os eventos econômicos; ele se preocupa em modificar a sociedade presente e não construir uma no futuro; ele deseja a realidade da vida e não a idealidade da morte. Isso explica por que o Método Descritivo-Referencial é mais rico, em suas interpretações políticas, do que todos os métodos existentes na Ciência Política.

Bonifácio de Andrada parte do pressuposto que o poder é um fenômeno complexo, por isso aconselha utilizar um método de pesquisa complexo, contudo de fácil aplicação. Ele utiliza o Método Descritivo-Referencial como uma forma de escapar às confusões em que se encontram os outros pesquisadores, uma vez que eles não utilizam um método que possa abranger todas as especificidades do objeto da Ciência Política.

Por conseguinte, quando ele analisa o poder, nas sociedades atuais, ele aconselha perseguir três caminhos:

1. Encontrar suas principais referências;
2. Descrevê-las o mais fielmente possível;
3. Fazer a redução eidética, ou seja, abandonar os preconceitos políticos, para se encontrar a essência do fenômeno poder.<sup>25</sup>

Este Método é uma radicalização do estudo sobre o poder, em que o autor admite sua dependência da qualidade do líder. Nessa visão é o líder quem colocará o poder em movimento e construirá, por intermédio de seus interesses, as grandes instituições políticas em prol do bem-estar dos indivíduos. É uma tentativa de descrever o poder em toda a sua especificidade e não apenas em um aspecto: econômico, religioso, moral e sucessivamente.

Esse método é uma crítica a todas as formas anteriores de estudo do poder, procurando mostrar como o poder foi, até então, abordado de maneira ingênua. Nele, o poder não é fruto da História, da Sociedade, da Religião, da Economia, da vontade de um deus bonachão ou das ações descoordenadas de um indivíduo, e sim originado no interesse, na necessidade e nos gostos do próprio líder.

Bonifácio de Andrada quer apresentar o líder como o orientador das leis, das verdades, das mentiras e outros aspectos que fazem parte do Estado. Para ele é o líder quem cria as estratégias, as quais coordenam as ações no espaço público. Não podemos deixar de chamar atenção, para o fato de que toda ação do líder somente é possível se for respaldada pelos demais indivíduos.

O Método Descritivo-Referencial procura conhecer as ações dos líderes ordenando-as de tal forma, que possam constituir suas ações em teorias válidas para a Ciência Política. O papel do Método é contrapor-se a toda tentativa de estudo do poder sem um rigor científico e sem objetivos preestabelecidos. Ele é, por conseguinte, uma oposição ao amadorismo de pretensos pesquisadores, com pouca base teórico-prática, que preferem a tranquilidade da repetição de jargões à coragem de transformar as verdades convenientemente mantidas pela tradição da subalternidade.

---

<sup>25</sup> Bonifácio de Andrada está desenvolvendo mais um trabalho no qual ele utiliza o conceito de desredução eidética, ou seja, ele procura encontrar o lugar no qual o poder deverá ser analisado. Dessa maneira, ele passará da teoria à prática (Nota dos autores, 2022).

O autor percebeu que os métodos de estudo do poder existentes não conseguem exprimir a complexidade da vida do indivíduo tanto interna (ética) como externa (política). Assim, tanto a Economia é importante na pesquisa sobre o poder, como também é relevante o conhecimento da moral dos indivíduos, a identificação de suas ideias, de suas falas, como igualmente é preciso olhar para as grandes instituições políticas, os grandes e os pequenos líderes.

De todos os métodos utilizados, para se estudarem as relações políticas o que fornece mais condições, para entendê-las, ao mesmo tempo que nos possibilita mudar a realidade, é o Método Descritivo-Referencial, porquanto ele se preocupa com a ação do líder, com as suas ideias, com a institucionalização do poder por parte da liderança e com a comunicação, objetivando alcançar, destruir, ou manter o poder.

Deste modo, o autor traça de maneira meridiana sua percepção sobre o poder, pois ele sabe que o poder não é somente uma guerra, coação, cooptação e/ou divisão, mas também um diálogo, um convencimento, um grupo de esperanças, um conjunto de dúvidas e uma enormidade de anseios. Por esse olhar, o Método Descritivo-Referencial supera todos os outros, pois que procura entender o poder em um maior número de perspectivas possíveis, a fim de oferecer um maior número de possibilidades para se estruturar ou desestruturar uma sociedade.

## **O PODER E O MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL**

Encontra-se em *Ciência Política* de Bonifácio de Andrada apresentação, discussão e análise do Método Descritivo-Referencial. Para o autor, o objetivo de toda política é o poder, contudo um poder que é acessível a todos e não somente a uns poucos iluminados, ou escolhidos. O poder para ele é uma qualidade do indivíduo e como tal deverá ser estudado de maneira independente dos outros fenômenos que existem em suas vidas:

Entende-se por poder a capacidade de domínio sobre uma situação, o poder político está no promover a articulação de pessoas para formar grupos sociais dominadores. Tal aglutinação cria uma vontade coletiva expressada por uma liderança que conduz o agrupamento, decorrendo daí o aparecimento de uma força social que sob certo aspecto intimida e coage [como, age também por meio da dialogicidade] e, por isto, dentro da comunidade, faz-se obedecida, assumindo a direção da mesma e organizando-se para preponderar definitivamente (ANDRADA, 2013, p. 13).

Em suas obras sobre o Método Descritivo-Referencial o autor procura explicar como se deve estudar o fenômeno do poder, pois conforme suas palavras esse é uma multiplicidade de relações qualitativas, que são imanentes nos locais onde estas relações ocorrem.

O autor afirma que a relação de poder não acontece por intermédio das regras da Lógica, visto que se **A** obedece a **B**; se **C** obedece a **A**; não se pode inferir que **C** obedeça a **B**. Com essa abordagem ele transpõe o estudo da Política da teoria pura para a prática:

Serão estudos desse tipo que nos mostrarão realidades específicas no fato político e poderão ser levados à técnica política para promover suas práticas de como superar problemas. Aliás, a técnica política ou prática política é permanente reivindicação da sociedade no esforço de superação dos obstáculos que sempre estão rodeando o Poder (ANDRADA, 2013, p. 14).

O seu método procura estudar o poder lá onde ele ocorre e, por isso, quer estudar, analisar e apresentar as soluções para os problemas políticos locais e imediatos. Baseando-se em Max Weber (1459-1515 depois de Hipátia), ele afirma que o traço marcante do poder é a dominação. Entretanto, dá um passo à frente ao sociólogo alemão e afirma ser o poder uma auto-domação, pois ao estudar Aristóteles, Bonifácio de Andrada aprendeu desde cedo, que somente pode dominar o outro aquele que conseguir dominar a si mesmo.

É impossível abandonar a perspectiva de que o poder se encontra no Estado e na Lei diz o Método Descritivo-Referencial, visto que eles fazem parte da vida política no Ocidente e sempre aparece como uma verdade evidente e inquestionável. Não obstante, percebê-lo somente por essa ótica é torná-lo insustentável, sendo assim esse método privilegiará a investigação não só da classe social bem como o líder; nem tampouco se contentará em refletir sobre as teorias, porquanto entende que a prática do poder é a *conditio sine qua non* para a sua existência; olhará com profundidade inaudita para as comunicações sem esquecer a voz das lideranças. Visto por esse ângulo é o Método Descritivo-Referencial uma das ferramentas mais completa, poderosa e eficiente que se produziu nos últimos quinhentos anos no estudo a respeito do poder.

Em toda relação social, diz o autor, é possível encontrar alguns aspectos que servem como referências, para a compreensão do poder:

- A condução da sociedade;
- O conjunto de ideias que são adotadas;
- O grupo que consegue predominar em determinado local;

- A comunicação mantida entre a liderança e os liderados (ANDRADA, 2013, p. 16).

O autor faz uma revelação arrebatadora ao apresentar o Método Descritivo-Referencial: o poder também é violência, pois eliminar a violência do mundo humano é abandonar esse mundo; ela existe e, como tal, deve-se estudá-la não para acabar com ela (porquanto, isso seria uma utopia), mas para evitar ter que usá-la desnecessariamente (a necessidade do seu uso sempre existirá, quando o poder do indivíduo, ou Estado, estiver ameaçado).

### **A LIDERANÇA E O MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL**

Dessa forma, o Método Descritivo-Referencial mostra que o indivíduo, para alcançar seu objetivo, isto é, aumentar e manter seu poder deve aumentar o saber sobre as necessidades básicas dos cidadãos. Compete ao líder administrar essas necessidades e os movimentos dos indivíduos, por isso ele precisa desenvolver várias técnicas políticas.

Quando o saber é introduzido no mundo da política, ele delimita uma das características do líder, ou seja, possibilitar um maior bem-estar social, por consequência ele aumenta seu próprio poder sobre a sociedade, ao mesmo tempo em que aumenta o poder da própria sociedade.

São os líderes que agindo na sociedade podem mudar os elementos políticos estatais e/ou individuais utilizando um saber qualificado para tal ação. Com a posse do saber eficaz para determinada situação, o líder exerce o poder sobre os membros do grupo local e aumenta sua força até alcançar os limites das grandes Organizações Políticas Dominantes.

O Método Descritivo-Referencial deseja identificar na ação dos indivíduos o funcionamento do poder em sociedade. É esclarecedor que esse método se remeta ao indivíduo, que pratica uma determinada ação como criador do poder: um poder que cria desejos, gostos, corpos e saberes, indo do indivíduo ao Estado como também do Estado ao indivíduo, passando por sua comunicação e se estruturando através das teorias.

O autor pretende afirmar que, para se compreender o poder, é necessário observar as relações do líder com os demais membros da sociedade. São essas relações que

construirão as instituições políticas, as quais concretizarão os interesses do líder e de seus liderados.

Ele quer descobrir a origem do poder do líder, para saber quais são as condições de se mudar, ou de se manter o controle de uma sociedade. O Método Descritivo-Referencial procura destacar as principais referências da ação do líder e descrevê-las, com o intuito de generalizar seus atos. Dessa forma, ele parte da própria análise do líder, estudando determinadas referências que produzem resultados específicos e especificantes. Não quer Bonifácio de Andrada simplesmente descrever a vida social do líder, ele sem escolhos deseja evidenciar os valores e as ideias que o formam.

Por conseguinte, no Método Descritivo-Referencial o enfoque recai sobre o indivíduo, que possuidor de uma persistente personalidade se arrisca a modificar as relações sociais: é por esse motivo que o autor o coloca como ponto central de suas análises.

Ele mostra que os anseios das lideranças impõem uma economia política aos outros indivíduos; essa ação somente será relevante, caso ela submeta os outros indivíduos e coloque em prática as ideias conscientemente elaboradas. Desse modo, o poder é exercido a partir do líder, o qual para concretizar seus ideais utiliza um conjunto de elementos não só de ordem moral como também de ordem material e técnicas, as quais sustentam seu poder em relação aos outros. É o comportamento moral do líder, que lhe dará a condição de domínio e a possibilidade de mudar ou conservar uma realidade política. Assim, Bonifácio de Andrada constrói um método que possibilita estudar o poder e o descobre nas ações de cada líder: não há poder sem um líder, pois todo poder depende de sua eficaz presença. Toda e qualquer afirmação que tira o poder das mãos do líder e o coloca na sociedade, na classe, em deus, ou é um comportamento infantil ou uma velhacaria dos espertos.

Em síntese, é possível afirmar que o autor propõe uma maneira mais eficiente de se estudar o poder, ou melhor analisá-lo a partir das vivências políticas dos líderes. Sua atenção se coloca sobre as lideranças e estuda seus inter-relacionamentos buscando o máximo possível de referências, que possam ser descritas, a fim de se compreender o fenômeno do poder.

Como se pode ver a ação do líder, na criação do Estado, não tem como fundamento princípios externos ao mundo político: no momento dessa criação o líder deverá pautar-se por suas próprias qualidades. Dessa maneira, se seu objetivo é a consolidação do

Estado, ele deve usar seu poder, para tranquilizar, para organizar, para administrar e para orientar seus seguidores.

## **AS INFLUÊNCIAS DE EDMUND HUSSERL NO MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL**

Bonifácio de Andrada na construção da Política como Ciência primeiro cria um método: o Método Descritivo-Referencial. Esse método parte da Fenomenologia de Edmund Husserl (1889-1973 depois de Hipátia), pois ela fundamenta as condições necessárias para o esclarecimento do fenômeno e, mais precisamente, do fenômeno poder. Além disso, a Fenomenologia permite identificar os limites, a essência e a influência do poder, dentro da sociedade.

O seu Método foi “inspirado na visão fenomenológica, em que se procura descrever positivamente o fenômeno, de modo a se informar plenamente sobre ele para que consiga ressaltar seus principais itens ou aspectos” (ANDRADA, 2003, p. 13). Ao utilizar a Fenomenologia como ponto de partida, ele deseja descrever, de modo mais claro possível, a concretização do poder por intermédio de seus principais aspectos referenciais conduzindo a conclusões esclarecedoras sobre os fatos políticos da sociedade estudada.

A observação fenomenológica se faz necessária, porque o poder situa-se na realidade política: esse poder surge dentro da sociedade, entretanto quando é colocado em movimento pelo indivíduo, adquire *uma certa personalização* e torna-se um objeto de estudo bem distinto dos outros, pois que tem existência autônoma.

O método fenomenológico de Edmund Husserl preocupa-se em estudar, de modo detalhado, as coisas, a fim de poder identificar a sua essência. É a isso que ele chama de redução eidética: “A essência será fruto de uma operação do pensamento em que se busca a representação da coisa, representação do ente, em termos abstratos, de modo que essa representação sirva para a compreensão de todos os outros entes semelhantes” (ANDRADA, 2003, p. 106).

Na fenomenologia de Edmund Husserl as essências são de duas espécies: Exatas e Vagas ou morfológicas. O primeiro tipo de essência se liga às chamadas Ciências Exatas, enquanto o segundo tipo se refere à existência concreta das coisas.

Ao se estudar o poder utilizando o método fenomenológico deve-se colocá-lo no campo das essências morfológicas, pois essas existem na concretude da História. Por

esse motivo, Bonifácio de Andrada parte da Teoria Fenomenológica de Edmund Husserl, a fim de que se possa estudar as mais variadas características do poder, localizado em determinada “situação histórica”. O Método Descritivo-Referencial é uma complementação da teoria de Edmund Husserl em relação à compreensão do mundo da política, porquanto facilita aos estudiosos o entendimento do fenômeno poder:

E para entender o poder como essência morfológica, como essência vaga, a técnica adotada pelo pensador é justamente a descritiva, procurando descrever ao máximo o fenômeno para que se possa compreendê-lo, para que se possa entendê-lo nesse esforço de descrição de exploração do poder, para absorvê-lo com sua redução eidética e alcançar, de fato, a sua verdadeira essência, sua autêntica essência (ANDRADA, 2003, p. 107).

Bonifácio de Andrada afirma que, quando o poder é focado pela lente da essência imediatamente surgem alguns pontos, os quais permitem sua identificação por parte do pesquisador. O primeiro ponto relevante percebido ao se olhar o poder por intermédio da essência, é que ele é uma qualidade de um indivíduo: essa qualidade o ultrapassa e forma-se o grupo local; como também nesse caso o poder ultrapassa o grupo e esse acaba por se identificar com o Estado.

O poder como uma relação entre os indivíduos coloca-se naquele espaço, que Edmund Husserl chamava de intersubjetividade dos *eus*. Esse autor coloca o sujeito como o centro da busca pela essência: é por esse motivo que Bonifácio de Andrada quer estudar o poder, a partir da fenomenologia husserliana, uma vez que o poder se coloca no âmbito da intersubjetividade. O Método Descritivo-Referencial, ao abordar o poder, o faz da seguinte forma:

Assim, adianta-se a essência de casos singulares de manifestações do poder político, levando em conta a existência das peças específicas que o rodeiam, as condicionantes da sua realização e, sobretudo, a valorização de certos momentos do fenômeno do poder, para fornecermos à Ciência Política pontos básicos para sua análise na realidade existencial (ANDRADA, 2003, pp. 110-111).

Após a identificação da essência do poder, o Método Descritivo-Referencial exige que se desloque para o ambiente histórico no qual se poderá compreender como o poder atua na realidade política:

Aqui temos que avançar um pouco além da visão de essência porque ela nos dá assim como que a síntese representativa do fenômeno da substância, quando

agora precisamos ir ao encontro de dados ligados à existência que é mais rica, mais pluralista que a essência, como ainda saber dos aspectos da valoração, nos instantes em que o fenômeno do poder se desdobra ou se desenvolve (ANDRADA, 2003, p. 109).

O Método Descritivo-Referencial é importante para a Ciência Política, uma vez que é através da análise fenomenológica que se poderá assimilar as múltiplas variações do poder, devendo-se estudar os valores da sociedade e suas relações com o poder, a partir, é claro, da existência política.

Com esse método alcança-se a essência do poder, ao mesmo tempo que pavimenta a estrada para a compreensão de seus diversos aspectos existenciais, os quais estão presentes no plano da História e, como tal, é o lugar onde o indivíduo tem diversas especificidades, a política inclusive.

Dessa maneira, ao buscar a essência do poder o Método Descritivo-Referencial faz uso da Teoria Fenomenológica, pois essa é um instrumento adequado, para encontrar as referências do poder e para descrevê-las. Contudo, esse método também utiliza a Teoria dos Valores e a Teoria Existencialista, porquanto o poder é um valor que existe em sociedade.

Quando Bonifácio de Andrada usa o termo valoração o faz consciente de que esse conceito se liga à Teoria dos Valores, pois uma referência do poder político é a concretização dos valores sociais. Essa posição amplia a visão de mundo de John Locke, que via o poder político como um acordo voluntário, que é concedido “aos governantes para o benefício dos súditos, a fim de garantir-lhes a posse e uso da propriedade” (LOCKE, 2000, p. 103). Enquanto o autor inglês entende o poder político como tendo por fim proteger a propriedade, Bonifácio de Andrada mostra que a finalidade desse poder é mais ampla e o importante é a realização dos valores do próprio líder que se refletem sobre sociedade, bem como é a garantia de todas as propriedades que John Locke bem defendia.

## **OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO MÉTODO DESCRITIVO-REFERENCIAL**

O primeiro passo sugerido por Bonifácio de Andrada é coletar os dados relativos à ação política; em segundo lugar, será feito pela descrição rigorosa do modo como o poder ocorre em sociedade; por fim, deverá o pesquisador generalizar através de regras as manifestações padrões do poder na sociedade.

O Método Descritivo-Referencial procura englobar tanto as ideias que movem o líder, como igualmente a comunicação que lhe é necessária para manter, ou aumentar, o seu poder, além do que ele se preocupará com as relações existentes no âmago do Estado.

Como podemos perceber esse é um Método preocupado com as origens, o funcionamento, a dinâmica, a estruturação e a comunicação do fenômeno poder: partindo da Micropolítica (ação do líder) num movimento ascendente, com o objetivo de mostrar como os interesses do líder modificam os comportamentos de toda a sociedade.

Este inovador Método une várias técnicas de estudo do comportamento político na disputa pelo controle das estruturas políticas dominantes; ele identifica como as ideias políticas estão dispostas no espaço macropolítico e no micropolítico, bem como elas são comunicadas à sociedade.

Ao utilizar esse Método o pesquisador almeja entender o que há de aleatório não na ação do poder (porque todo o poder tem somente um objetivo: conservar-se), contudo na ação política do líder aspirando à compreensão dos fenômenos políticos. Ele permite que o olhar do pesquisador paire sobre as especificidades da ação do líder e dos liderados, tendo como objetivo conhecer a dinâmica política: é um Método que se preocupa com as técnicas, as estratégias e as táticas que privilegiam o complexo movimento das relações de poder.

A importância desse método – nunca é demais repetir - se faz presente, a partir do momento em que a atenção do pesquisador se dirige tanto ao Estado como ao indivíduo, tanto nas ideias quanto na comunicação política. O Método Descritivo-Referencial prescreve que se deva estudar o poder não somente no Estado, sem embargo em suas outras formas de manifestação: através do estudo das ideias o autor advoga a compreensão do quadro teórico-referencial que sustenta as atitudes do líder; com a pesquisa sobre as lideranças, ele quer mergulhar na vida concreta; por intermédio das análises das comunicações espera perceber as nuances formadoras das relações de poder; por intermédio do aprofundamento do estudo sobre o Estado, ele deseja desvendar seu caráter norteador.

A sua importância se encontra no fato de com ele ficamos sabendo que o fenômeno do poder é uma eterna ação em sociedade. Com ele é possível estudar o modo como o poder atua não só no Estado como também nas lideranças, nas ideias e em suas

comunicações: é um Método que mergulha o pesquisador no mundo das relações humanas lá onde elas ocorrem.

É o Método Descritivo-Referencial de uma complexidade tão grande e de uma profundidade tamanha, que colocá-lo em prática, mesmo em uma sociedade pequena, se tornaria uma tarefa hercúlea. Prevendo essas dificuldades em sua execução, propôs Bonifácio de Andrada sua divisão em várias técnicas (com o intuito didático de seu aprendizado e de sua aplicação), porquanto a vida política não pode ser fatiada e entendida isoladamente em suas partes. Ao propor este Método, o autor quer oferecer à Política um esquema racional que mostre como o poder se encontra jogado no mundo: daí ele nos apresentar as quatro técnicas definidoras do seu Método: Metapolítica; Micropolítica; Macropolítica; Nunciopolítica.

A primeira forma é identificada como o conjunto de ideias utilizadas pelo líder, a fim de conquistar o comando político; segunda se relaciona com o estudo da ação do líder na consecução de táticas orientadoras da conduta política e com sua mecânica de atuação; no que se refere à Macropolítica, é o campo no qual o líder passará da dominação local para a dominação nacional; por último, temos a Nunciopolítica, a qual tem como preocupação a análise das comunicações políticas.

Ao indicar estas quatro técnicas o autor consegue tocar no ponto nevrálgico do estudo do poder: o poder deve ser entendido como qualidade inerente e construída pelo próprio indivíduo. Com o Método Descritivo-Referencial ele mostra que é necessário organizar cientificamente o estudo do poder em todos os seus aspectos referentes ao complexo processo político existente nas sociedades humanas.

Dentro desse contexto, o método para se estudar o poder deve focar a multiplicidade existencial dos indivíduos presentes nas relações sociais. Pois o poder não se manifesta somente nas estruturas orgânicas do Estado, mas similarmente através de uma infinidade de pequenos movimentos (Micropolítica) e grandes movimentos (Macropolítica) utilizando todo um conjunto de teorias, as quais respaldam ou não uma determinada ideia (Metapolítica) e, finalmente, fazendo uso de discursos existentes entre os diversos membros de uma comunidade política (Nunciopolítica).

Ao se fazer essa divisão, entretanto, o autor a faz mais por motivos didáticos, visto que é impossível estudar o poder isolando-o em cada parte: é essa percepção do autor que o diferencia dos outros pensadores políticos, visto que eles viam somente alguns aspectos do poder. Ele está ciente de que ao fazer essa divisão, não pretende tornar cada

parte irredutível à outra e muito menos negar a complexidade de cada uma. O objetivo dessa divisão é a observação, descrição, análise, síntese e classificação das relações sociais que possam interessar à Ciência Política: tal objetivo ocorrerá, quando conseguirmos descrever os pontos de referências das relações de poder.

Feita essa primeira abordagem é preciso que a análise fenomenológica encontre as referências primeiras do poder, ou seja, as ideias e as doutrinas que movem líderes ou grupos. E não é só isso, pois o Método de Bonifácio de Andrada exige que se analise a consolidação institucional do poder e a maneira como essa institucionalização é comunicada aos indivíduos. Em síntese, é preciso encontrar as ideias norteadoras (Metapolítica), depois observar como são usadas pelo líder (Micropolítica), num terceiro momento ver a consolidação dessas teorias (Macropolítica) e finalmente sua comunicação (Nunciopolítica):

Esses elementos são os pontos de referência a que se chega depois daquela visão geral que a fenomenologia nos autoriza, para identificarmos a essência do poder e imediatamente os pontos fundamentais ou referenciais dessa essência que nos permitirão assumir o conhecimento que se deseja para se alcançar realmente, com a metodologia existencialista, a captação ou percepção eficiente da realidade política, posteriormente (ANDRADA, 2003, p. 114).

O estudo sobre o poder antes do Método Descritivo-Referencial era *unitário*, pois os autores procuravam estudá-lo sobre um único aspecto: força, guerra, repressão, dominação, economia, religião, cultura, sociedade e assim por diante. Com esse novo método a pesquisa sobre as relações de poder torna-se múltipla, uma vez que o autor frisa a necessidade de se estudar as diversas formas pelas quais se poderia abordá-las. Seu desejo é tornar claro, que não existe uma abordagem específica sobre o poder, porém existem maneiras polimorfas de se estudá-lo.

O autor jamais foi atraído pelo sonho de construir um método perfeito, contudo ele se preocupou em delinear seus principais assuntos, esclarecer seus múltiplos aspectos e oferecer um novo método com a qual se pudesse compreender esse objeto, que tanto fascina os indivíduos: o poder político.

Bonifácio de Andrada quer por intermédio do Método Descritivo-Referencial encontrar pontos, que possam servir de referências ao poder e descrevê-los com o intuito de conhecer como se desenvolve a ação política. Suas conclusões merecem o estatuto de Ciência, porque elas não são meramente descrições do fato político: elas são

uma elaboração que perpassa o prisma empírico descritivo e vai à teorização sobre a conduta do líder em sociedade.

A tarefa a que se propõe o Método Descritivo-Referencial é imensa, visto que ela admite o estudo dos diferentes campos da política descobrindo que a dominação passa pelos grandes aparelhos do Estado e pelas ações dos líderes locais; por esse motivo, é preciso pesquisar como o líder consegue se sobressair em relação aos outros indivíduos.

Ele quer com seu Método Descritivo-Referencial analisar os conhecimentos possuídos, usados, criados e manipulados pelos líderes, a fim de que possa oferecer as condições mínimas necessárias aos indivíduos para se tornarem livres. Sem escolha essa liberdade passa pela Ciência Política, que, com Bonifácio Andrada, torna-se a compreensão dos saberes, os quais constituem as ações práticas dos líderes. Ou seja, a liberdade do indivíduo está diretamente ligada aos conhecimentos locais que ele domina na construção de seu meio político.

Seu Método privilegia o estudo da comunicação política: ele começa por afirmar que ela deve ser livre, uma vez que as diferentes opiniões políticas auxiliam na manutenção da liberdade contra os governos arbitrários. Nesta acepção, ele concorda com Benjamin Constant, o qual afirmava ser a arbitrariedade incompatível com a existência de um governo concebido como uma instituição. Ela é o extremo oposto ao contrato social, minando, em sua base, toda instituição política; ela é perigosa para um governo, pois despoja sempre sua atividade de regularidade e de continuidade, não servindo, no que diz respeito à segurança como dizem seus defensores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, Bonifácio de. *Ciência Política: ciência do poder*. São Paulo: LTr, 1998.

ANDRADA, Bonifácio de. *Ciência Política e seus Aspectos Atuais*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2000.

ANDRADA, Bonifácio de. *Elementos da Ciência Política*. 2. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2003.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

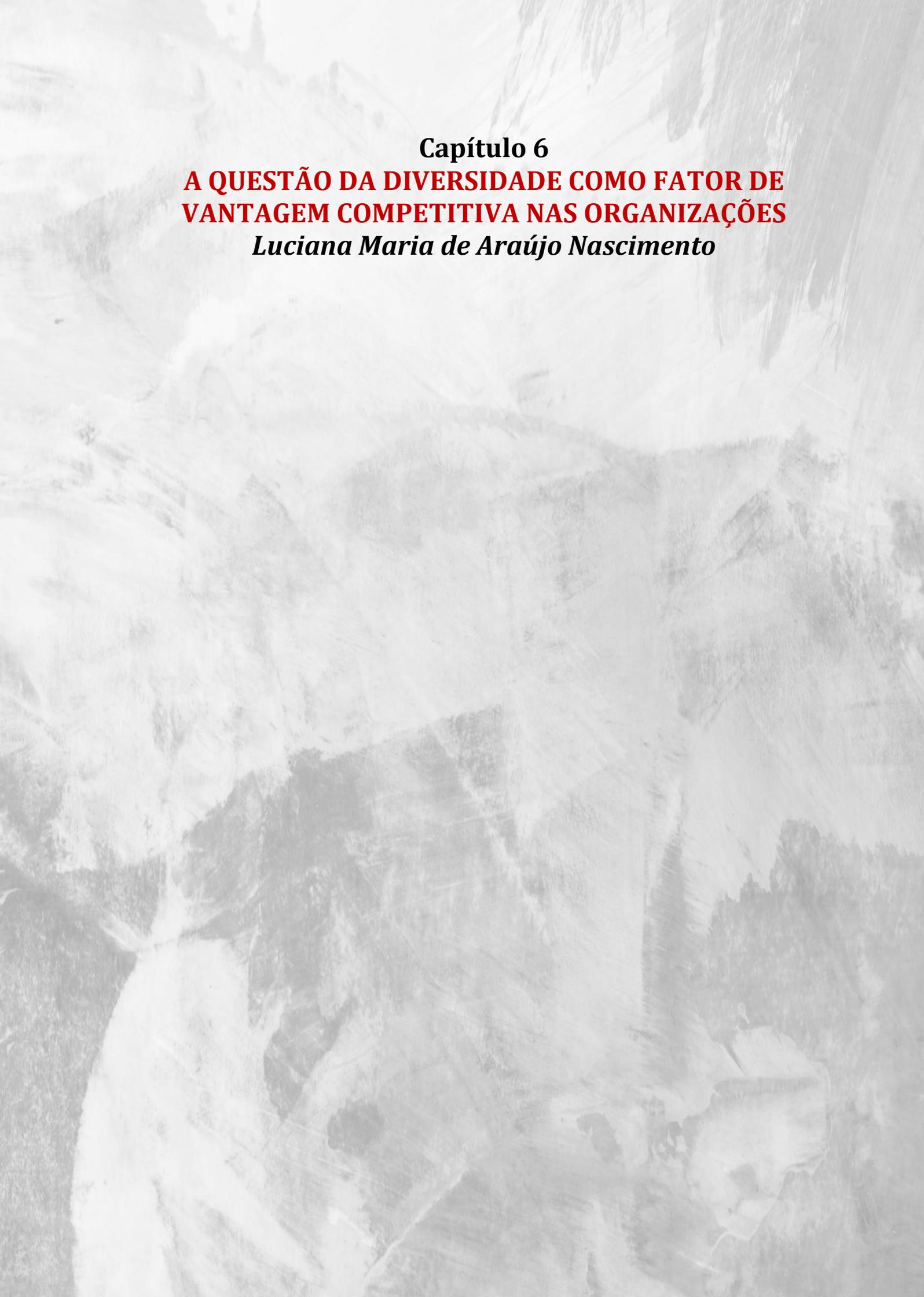
CONSTANT, Benjamin. *Princípios de Política*. Madrid: Aguilar, 1970.

DAU, Sandro e DAU, Arthur Gomes. *Bonifácio de Andrada e o Método Descritivo Referencial*. USA: Kindle Direct Publishing, 2020.

HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: Sexta investigação* (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LOCKE, John. *Segundo Tratado sobre o Governo Civil*. São Paulo: Abril Cultural, 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

An aerial photograph of a mountainous region, showing a winding road and a river. The terrain is rugged and hilly, with varying shades of green and brown. The text is centered over the upper portion of the image.

**Capítulo 6**  
**A QUESTÃO DA DIVERSIDADE COMO FATOR DE  
VANTAGEM COMPETITIVA NAS ORGANIZAÇÕES**

*Luciana Maria de Araújo Nascimento*

## A QUESTÃO DA DIVERSIDADE COMO FATOR DE VANTAGEM COMPETITIVA NAS ORGANIZAÇÕES

*Luciana Maria de Araújo Nascimento*

*psicóloga, advogada e pós-graduada em Direito Constitucional Aplicado pela Faculdade  
Lagale.*

*E-mail : luci\_anam\_araujo@hotmail.com*

### **RESUMO**

A questão da diversidade humana é um tema que tem sido alvo de diversos estudos e em diversas áreas do conhecimento humano ligado as ciências humanas como por exemplo a psicologia, a sociologia, a psicologia social. Uma das razões de a questão da diversidade estar tão em moda relaciona-se com as lutas das minorias por mais inclusão na sociedade. São minorias estigmatizadas por não se encaixarem nos padrões considerados normais pela sociedade como por exemplo as pessoas com deficiências e os homossexuais, bissexuais e LGBTQIA+. Existe também a questão do preconceito racial que faz com que pessoas negras fiquem fora do mercado de trabalho ou que mesmo tendo acesso a emprego não consiga obter as mesmas oportunidades que as pessoas brancas. O objetivo do presente artigo é falar da questão da inclusão das minorias como um fator de vantagem competitiva nas organizações. As empresas devem refletir a sociedade onde existem os mais diversos tipos de pessoas: negros, deficientes, homossexuais, etc. Incluir todas as pessoas é vantajoso para as empresas uma vez que as torna reflexo da sociedade onde estão inseridas e não ambientes artificiais com pessoas escolhidas a dedo com base num padrão de normatividade que não reflete de fato a sociedade. Do diverso surgem soluções inovadoras que podem alavancar os negócios de uma organização.

**Palavras-chave:** Diversidade, vantagem competitiva, inclusão.

### **ABSTRACT**

The issue of human diversity is a theme that has been the target of several studies in several areas of human knowledge linked to human sciences such as psychology, sociology, and social psychology. One of the reasons why the issue of diversity is so fashionable is related to the struggles of minorities for more inclusion in society. These are minorities stigmatized for not fitting into the standards considered normal by society, such as people with disabilities and homosexuals, bisexuals, and LGBTQIA+. There is also the issue of racial prejudice that causes black people to be left out of the job market, or even if they have access to jobs, they cannot get the same opportunities as white people. The purpose of this article is to talk about the issue of minority inclusion as a factor of competitive advantage in organizations. Companies should reflect the society where there are the most diverse types of people: black people, disabled people, homosexuals, etc. Including all people is advantageous for companies as it makes them reflect the society where they are inserted and not artificial environments with

handpicked people based on a standard of normativity that does not really reflect society. From diversity arise innovative solutions that can leverage an organization's business.

**Keywords:** Diversity, competitive advantage, inclusion.

## 1 INTRODUÇÃO

Como já colocamos o a questão da diversidade está na pauta de todos os âmbitos da sociedade e diversos grupos têm se engajado no sentido de ampliar essa discussão no intuito de dar as chamadas minorias as mesmas oportunidades que as demais pessoas da sociedade seja na área da educação, da cultura, do trabalho, etc. Tal luta encontra legitimidade no fato de que determinados grupos sofrem preconceito e discriminação a séculos como por exemplo os negros e as pessoas com deficiência.

Em razão do estigma que marca essas pessoas é que a luta por reconhecimento de seus direitos se faz legítima. Atualmente inclusive no plano institucional existe um movimento por parte dos legisladores para que as chamadas minorias tenham assegurados seus direitos humanos ao emprego, a educação, a cultura e a todos os espaços da sociedade. Recentemente surgiram políticas públicas no sentido de ampliar o quadro das empresas como é o caso da lei 8213/91<sup>26</sup> que garante as pessoas com qualquer tipo de deficiência seja ela visível ou não o direito ao emprego.

Tal direito vem expresso no art.93 que diz que empresas com 100(cem) funcionários) deve reservar de 2 a 5% de seus cargos para beneficiários reabilitados ou portadores de deficiência. Tal lei é bastante ampla e trata da finalidade e dos princípios da previdência social e representou um enorme avanço no sentido de dar a esta parcela da população o acesso ao direito fundamental ao trabalho que está garantido na Constituição Federal em seu Art.6º e art.170. Este direito é considerado um dos mais importantes de todos os Direitos fundamentais e é o que fundamenta a ordem econômica. (Constituição Federal de 1998)<sup>27</sup>

Graças a essa lei pessoas com os mais diversos tipos de deficiência tiveram a oportunidade de ter um emprego, poder prover o próprio sustento e o sustento de suas famílias. Sabemos que a lei por si só não é capaz de resolver uma questão social que

---

<sup>26</sup> Dispõe em seu Art. 93 que a empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas.

<sup>27</sup> Em seu art.170 reza que a ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social.

existe séculos e envolve outras questões como crenças equivocadas e uma cultura voltada para a exclusão, mas ela foi a alavanca que levou as empresas a contratarem pessoas com deficiência. A presença dessas pessoas transformou as Organizações num lugar onde existe a diversidade tornando-a mais aberta as pessoas que fogem a um padrão de normalidade. As pessoas com deficiência tiveram a oportunidade de mostrar sua capacidade laborativa a despeito de suas deficiências.

Já, no plano Internacional, existem diversos marcos reguladores como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), proclamado na cidade de Paris em 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Foi a primeira vez que foi estabelecida uma proteção de maneira universal dos Direitos Humanos. Essa declaração é considerada o marco onde a partir dela outras leis internacionais surgiram como a Convenção Internacional sobre os Direitos da pessoa com deficiência. Nosso País teve intensa participação nos debates que vieram a dar origem ao texto da convenção e as pessoas com deficiência também tiveram a oportunidade de participar. Esta Convenção foi incorporada em 2009 e nosso país é um dos vários paísessignatários desta convenção.

Mais recentemente tivemos a publicação em 2015 do Estatuto Federal conhecido como LBI –Lei Brasileira de Inclusão. (Lei 13.146, 2015). Essa lei, no entanto, é mais conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Assim, podemos perceber que desde a Grécia onde pessoas que nasciam com deficiência eram atiradas dos penhascos até s dias de hoje ocorreu um imenso avanço. Sabe-se, contudo, que muito precisa avançar no sentido de incluir essas pessoas nos mais diversos setores da sociedade. Atualmente também, nota-se dentro das Organizações uma maior abertura para acolher pessoas com diferente orientação sexual.

Tal debate vem ocorrendo em diversos espaços e se vem debatendo a questão da identidade de gênero e da heteronormatividade como uma postura ultrapassada frente a diversidade humana também na questão da sexualidade humana. Tal debate vem ocorrendo inclusive no legislativo que a muito tempo tem se omitido quando a questão é a identidade de gênero. Sabe-se que a séculos transexuais, homossexuais, travestis e transgeneros tem vivido à margem da sociedade sofrendo discriminações e violências dos mais diversos tipos e muitas tem perdido suas vidas por conta do preconceito. Com tal cenário princípios como da dignidade humana, da liberdade e da igualdade vem

sendo desrespeitados golpeando a própria Constituição Federal que diz que todos são iguais perante a lei.

No âmbito legislativo podemos citar o Projeto de Lei 5.002 de 2013, que dispõe sobre o direito a identidade de gênero, de autoria de Jean Wyllys. Tal projeto encontra-se arquivado desde 2019 com base no art. 105 do regimento interno da câmara dos deputados. É preciso entender a diversidade como um aspecto natural da natureza humana onde deve ser acolhida a diversidade étnica, cultural, geracional, religiosa e outras a fim de uma convivência pacífica e harmoniosa que enriquece a sociedade. Aqui no tema da diversidade dentro das organizações podemos entender que enriquece o ambiente, amplia o leque de visões acerca do próprio negócio e, portanto, é um fator de vantagem competitiva dentro das organizações.

## **2 A DIVERSIDADE VISTA COMO VANTAGEM COMPETITIVA**

Atualmente se tem usado com frequência um conceito chamado alteridade. O que significa alteridade? De acordo com o dicionário online de Português significa 'Caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro. Que se opõe à identidade, ao que é próprio e particular; que enxerga o outro, como um ser distinto, diferente.' (Dicionário Online, 2021).

Alteridade deriva do latim *alteritas* que significa 'outro', este conceito levanta a questão da diferença, ou seja, o outro é aquele que se distingue de mim, ou seja, o outro não é igual a mim, ele não é meu espelho, ele tem suas próprias características. Trata-se de um importantíssimo conceito muito utilizado nas ciências sociais. Alteridade é a condição de ser o outro, o diferente de mim e aqui quando se usa a palavra diferente refere-se aos mais variados aspectos sejam eles físicos, culturais, etc.

Assim, sendo a alteridade a condição de ser diferente (*alter*) e todos diferimos ainda que minimamente uns dos outros e nem mesmo os gêmeos univitelinos que tem a mesma carga genética são iguais uma vez que cada qual detém uma personalidade distinta depreende-se que um outro conceito aqui se interliga. Qual seria? Trata-se do conceito de empatia. Empatia pode ser entendida como a capacidade de se colocar digamos 'no lugar' do outro, 'calçar o sapato' do outro. É a capacidade de se preocupar com o bem-estar de outras pessoas. Tal capacidade exige sensibilidade para olhar e aceitar o outro com suas próprias características numa atitude de respeito e

consideração para o outro, aquele que difere de mim não sendo nem melhor e nem pior, apenas alter, diverso. Alteridade, portanto, se relaciona com o conceito de identidade.

Assim, só é possível reconhecer que alguém é deficiente em relação àquele que não é deficiente. A **identidade** é formada a partir da diferença entre uns e outros. Pensar a alteridade, portanto é pensar infinitas formas desse viver, de se crer, de estar no mundo. Se as empresas são formadas pelos indivíduos da sociedade e a sociedade é diversa como poderíamos pensar as organizações compostas somente por determinados tipos de pessoas?

Não são as organizações que formam a sociedade e sim a sociedade que forma as empresas. Numa sociedade existe os mais diversos tipos de pessoas que se distinguem por suas crenças, por seus valores, por suas características físicas, por suas orientações sexuais e tantas outras características. Assim, a gestão de pessoas dentro das Organizações deve repensar suas práticas desenvolvendo programas capazes de transformar as organizações em ambientes capazes de lidar com a questão da diversidade humana.

O objetivo é trazer justiça social uma vez que todas as pessoas possam ter oportunidades independentemente de suas características. As empresas assim passam a atuar no sentido da solidariedade humana onde em seus quadros existam pessoas deficientes, negros, mulheres, pessoas acima dos 40 anos, pessoas com diferentes orientações sexuais, etc. Uma organização assim pode então lançar mão dessa diversidade no sentido de alavancar os seus próprios negócios. Um ambiente diverso tende a ser um celeiro de ideias inovadoras capazes de fazer a empresa crescer no aspecto financeiro.

Pensar uma organização diversa ao contrário de parecer um ato de mera bondade por parte das Organizações é um movimento que leva a uma melhor estratégia por parte das empresas ou Organizações. As Organizações que estão se propondo a este desafio terão de aprender a lidar com essa questão da diversidade, quer dizer, lidar com aqueles que fogem ao padrão dominante.

Grupos como os negros por exemplo são minoria dentro das Organizações e isso é devido ao racismo estrutural. Um estudo realizado pelo IBGE demonstrou que no 3º trimestre de 2019, 65,2% dos desocupados eram pretos e pardos sendo que os brancos representavam 34% (IBGE, 2019). Só é possível entender essa imensa desigualdade de oportunidades entendendo que o racismo no Brasil é estrutural. Esse é o entendimento

de diversos autores, vários estudiosos e também da professora de Direito da faculdade de direito da USP Eunice Prudente numa entrevista concedida a radio USP em 31 de julho de 2020. De acordo com ela a mulher negra sofre de uma tripla discriminação por ser mulher, por ser negra e pobre. Relata que de acordo *'com dados do IBGE 54% da população é negra e que de acordo com Dados do Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de 2016, mostram que mulheres brancas recebem 70% a mais que mulheres negras'*. A professora deixa claro em sua entrevista a complexidade do tema dizendo que é preciso estudar o tema de forma interseccional abordando o tripé gênero-etnia-classe social. Lembrou datas importantes como o dia Internacional da mulher negra, latina e caribenha (25/07/1992).

A questão do gênero quando se estuda sobre mulheres negras precisa levar em conta uma mentalidade escravista que durou três séculos, sim, 300 anos. E Ângela Davis em sua mais importante obra aduz que o povo negro era visto como propriedade sem se levar em conta a questão do gênero. As mulheres eram simplesmente uma ferramenta de trabalho, não eram vistas como mulheres. Desempenhavam as mesmas funções que os homens como por exemplo o trabalho pesado da lavoura. (Davis,2016).

Podemos inferir que uma das razões de as mulheres negras ficarem fora da pauta da luta feminista por garantia de seus direitos seja esse ranço da escravidão que ainda hoje permanece vivo em nosso tecido social seja de forma consciente ou inconsciente através de crenças infundadas que excluem, que humilham e que marginalizam o povo negro apesar de ser a maioria da população. É uma nação que nega a si mesma, nega a sua essência, nega a sua origem, nega suas próprias características, nega sua cultura, nega a sua própria história, a sua afro-descendência. Assim, quando se fala de acesso ao trabalho a situação das mulheres é ainda pior que a dos homens.

Em matéria divulgada em 4 de março deste ano foi divulgado um estudo do IBGE que revelou que em 2019 havia 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integravam a força de trabalho sendo que para os homens o percentual era de 73,7%. Já *'uma dificuldade adicional para inserção no mercado pode ser observada no recorte racial dos dados. As mulheres pretas ou pardas com crianças de até 3 anos apresentaram os menores níveis de ocupação. 'inferiores a 50%, enquanto as brancas registraram um percentual de 62,6 %' (IBGE, 2019).*

Silvio Luiz de Almeida em seu livro *O que é racismo estrutural?*, diz que racismo "é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se

manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios ,a depender ao grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2018). A escravidão no Brasil durou de 1550 até 1888, ou seja, foram 300 anos de escravidão e a sociedade Brasileira ainda percebe os negros como pessoas inferiores em razão de sua raça, fato bastante triste em pleno século XXI. É preciso que os gestores das empresas Brasileiras tenham consciência de que existe uma dívida histórica para com essa parcela da população Brasileira que representa 54% da população do país.

É necessário dar oportunidade de trabalho para essas pessoas porque contratá-las é tornar as organizações um ambiente diverso, plural e que inclui a todos. Está mais do que na hora de praticar a inclusão dentro das organizações de uma maneira efetiva porque as empresas têm uma responsabilidade social perante a sociedade por gerarem riqueza, bens voltados a uma sociedade de consumo. Portanto todos precisam ter acesso aos bens que são produzidos através do seu trabalho, não se trata de um favor e sim da efetivação de um direito assegurado na Constituição Federal. A falta de oportunidade de acesso ao emprego coloca as pessoas à margem da sociedade e as empresas são responsáveis por isso na medida em que deixam fora de seus quadros de funcionários essa parcela da população.

### **3. AS VANTAGENS DA PRÁTICA DA INCLUSÃO DA DIVERSIDADE DAS EMPRESAS**

Em 2019 o Brasil ficou em 7º lugar no Kantar inclusion index<sup>28</sup>, primeiro índice global de inclusão e diversidade com mais de 14 países. O País ficou ao lado de países como México e Cingapura no índice de discriminação o que requer uma ação efetiva por parte das organizações a fim de mudar esse cenário. Um relatório publicado pela consultoria Mckinsey mostrou que existe um aumento de 35% no lucro das companhias quando existe diversidade.

---

<sup>28</sup> The Kantar Inclusion Index reveals how diversity and inclusion rates differ globally.

Canada tops the leader board when it comes to the most inclusive and diverse country in which to work, this is driven by good gender representations (over 40% female) at senior levels; and 65% of Canadians believing their companies are actively trying to be more inclusive and diverse and supportive of all employees, regardless of who they are. On the downside, 20% of Canadians reported experiencing bullying in the past year. The USA comes a close second, with the drivers here being equal gender representation at senior leadership level, and 30% representation at senior leadership in terms of ethnicity; 63% of Americans believe their company is actively trying to be more inclusive and diverse and 67% believe their company supports all employees, regardless of who they are. But, despite this rosy picture, 17% of Americans said they had experienced bullying in the past year. Brazil, Mexico and Singapore were the countries found to have the highest levels of workplace bullying. Italy, Netherlands and Spain were the countries found to have the lowest levels of bullying.

As empresas da América Latina que adotam a diversidade tendem a superar outras empresas em práticas-chave de negócios como inovação e colaboração, e seus líderes são melhores em promover a confiança e o trabalho em equipe. Elas também costumam ter ambientes de trabalho mais felizes e uma melhor retenção de talentos. Tudo isso se traduz tanto em uma saúde organizacional mais sólida quanto em resultados: empresas que adotam a diversidade têm uma probabilidade significativamente maior de alcançar uma performance financeira superior à de seus pares que não o fazem. (The Kantar Index 2019).

Essas conclusões são provenientes de um amplo estudo da McKinsey & Company sobre o estado da diversidade corporativa na América Latina. O estudo baseia-se em quatro fontes principais:

- Um conjunto de dados de cerca de 700 empresas de capital aberto abrangendo todas as principais indústrias sediadas no Brasil, Chile, Peru, Argentina, Colômbia e Panamá. Esses dados foram filtrados de uma amostra maior para garantir que apenas empresas com dados financeiros e sobre gênero completos fossem incluídas no conjunto de dados analisados.
- Uma extensa pesquisa com 3.900 funcionários em vários níveis, de mais de 1.300 das maiores empresas na região, criando um entendimento holístico da diversidade sob a perspectiva dos funcionários. As empresas incluídas na pesquisa tinham mais de 500 funcionários.
- O Índice de Saúde Organizacional (OHI, na sigla em inglês), um banco de dados proprietário da McKinsey, baseado em pesquisas com cerca de 60.000 funcionários de 40 empresas na América Latina, bem como nosso conjunto de dados globais de 5 milhões de pesquisas em 100 países.
- Entrevistas aprofundadas com mais de 30 executivos seniores de empresas líderes na América Latina.

Este estudo é do tipo exploratório e procura estabelecer conexões entre as questões de gênero, raça/etnia e orientação sexual estabelecendo relação entre a questão da diversidade, saúde organizacional e a questão da performance. O estudo deixa claro que não se trata de uma relação de causalidade porém, existe um vínculo entre diversidade e performance. O estudo demonstra que empresas comprometidas com a questão da diversidade humana gera nas pessoas uma percepção positiva que tende de trazer resultados positivos para a mesma. Apesar disso grupos minoritários e as mulheres ainda continuam sub-representados nas posições de liderança na América-Latina. Isso significa que as Organizações devem desenvolver políticas e programas

voltados a dar oportunidades para esses grupos. Como já dito trata-se de uma questão de justiça social e as empresas têm uma enorme responsabilidade nisso uma vez que produzem bens e serviço, ou seja, riqueza e esta riqueza não deve ser compartilhada apenas com determinados grupos, mas sim com toda a sociedade. As empresas ou organizações representam a sociedade, são formadas no corpo social e à medida que discrimina determinados grupos também é responsável pela situação de marginalidade em que vivem.

Existem estudos que mostram que a grande maioria da população negra vive afastadas dos centros urbanos, vivem nas periferias e favelas das cidades deste país. Tal realidade tem a ver com a ocupação do solo urbano por ex-escravos, assim.

Lojas, porões, cortiços, barracos construídos na periferia da cidade passam então a ser alternativas encontradas pelo escravo para construir um espaço de vida para si, independente do controle do senhor. [...] Além disto, o ganho ensejava ao cativo a possibilidade de gerir seu próprio tempo e seu ritmo de trabalho, permitindo também o reagrupamento daqueles que possuíam as mesmas origens étnicas e culturais. (Gomes, 1990).

Dessa forma, para mudar esse cenário onde a população negra do país tem menos acesso a emprego, moradia, educação é preciso romper o ciclo da exclusão porem sem a colaboração daqueles que geram a riqueza do país que são as pequenas, médias e grandes empresas o ideal da igualdade permanece aquilo que é, um ideal. Necessário se faz materializar o ideal de justiça, o ideal de igualdade, o princípio da dignidade humana. Se a luta existe é porque se acredita nela e no caminho por justiça social já houve ganhos, jáhouve inúmeras vitórias embora a caminhada seja longa.

Cada pessoa que teve oportunidade de acessar emprego representa uma vitória não da lei, mas da justiça, isso porque a lei é apenas um instrumento para a efetivação de direitos. Lei boa é aquela que ‘pega’ como se diz, que atinge o coração das pessoas, que vem ao encontro dos anseios das pessoas e as faz engajar-se e implementá-las através de políticas, de programas e ações que geram oportunidades. É preciso que se entenda que não existe mágica, o que existe é trabalho conjunto, trabalho consciente de educação, de esclarecimento, de informações para as pessoas da sociedade, um trabalho de sensibilização que faz um ser humano olhar para o outro e reconhece-lo como seu igual não na pele, não nas crenças, não nos valores, mas naquilo que nos iguala que é a nossa

natureza humana. Assim, quando cada um num gesto de empatia colocar-se no lugar do outro desejará incluí-lo e não o contrário.

Pesquisas como esta demonstram que acolher a diversidade é vantajoso para as Organizações uma vez que torna o ambiente de trabalho mais saudável, feliz, possibilita a troca de diferentes experiências, o que enriquece o ambiente de trabalho e possibilita uma melhor performance que se traduz em lucro para as companhias.

Existem empresas no Brasil que investem pesado em programas de inclusão. De acordo com o Guia Exame de 2020 o laboratório Sabin possui 75% de mulheres em seu quadro de funcionários e 55% por cento de negros sendo que em cargos de liderança os negros ocupam a metade dos cargos. A empresa possui 5.765 funcionários e cumpre a cota de contratação de pessoas com deficiência que neste caso é de 5% de acordo com o art.93 da lei 8.213/91. Possui também programas de inclusão para o grupo LGBTI+. Práticas de inclusão da diversidade além de melhorarem a imagem das empresas perante a sociedade como um todo ainda gera uma enorme vantagem competitiva em relação aquelas empresas que não possuem programas de inclusão pois os funcionários trabalham com muito mais empenho numa empresa que de fato reconhece o potencial humano e realmente oferece oportunidade para as pessoas independente de sua raça, religião, idade, condição física, etc. Se a pessoa possui preparo para função porque não acolhê-la e dar a ela condição de melhorar sua vida através do seu próprio trabalho? Esta é a opinião de Lídia Abdalla, presidente do laboratório de medicina diagnóstica Sabin. O Laboratório foi classificado como empresa do ano da segunda edição do Guia Exame da diversidade 2020. (Guia Exame da Diversidade, 2020).

Empresas que tem os seus recursos humanos que são as pessoas valorizados numa visão de pluralidade, que respeito o outro por aquilo que ele é tem uma imagem altamente positiva perante a sociedade e com isso atrai maiores e melhores investimentos. Atualmente existe um movimento em todos os setores da sociedade no sentido de inclusão de minorias estigmatizadas e mantidas a margem da sociedade por séculos como as pessoas com deficiência, os negros, as mulheres e aqueles que possuem orientação sexual que foge ao padrão da heteronormatividade.

As empresas que possuem uma gestão inteligente e de visão já perceberam que o tema da inclusão está em pauta nas redes sociais, na tv, no rádio, inclusive no legislativo com propostas como vimos como a PL 5002/2013 de autoria de Jean Wyllys que dispõe sobre o direito à identidade de gênero. Assim, nota-se que se trata que este movimento

não atingiu um setor em particular, mas sim todos os setores da sociedade, a discussão está na boca de todo mundo e as empresas que não aderirem a esta nova realidade vai ficar para trás, vai perder competitividade. No passado pessoas de orientação sexual divergente da conhecida como heteronormatividade se escondiam 'no armário', hoje as pessoas se assumem e querem ser aceitas. É como se a própria Constituição gritasse aos nossos ouvidos: todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza. Trata-se de um direito formal tomando corpo, materializando-se em algo vivo, real, presente no mundo dos homens e não somente na letra fria da lei.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo se propôs a discutir a diversidade dentro das organizações como um fator de vantagem competitiva. Vimos que existe um movimento de toda a sociedade que começou em 1948 com a Declaração Universal dos Direitos humanos que reconheceu a dignidade inerente a todos os membros da família humana e a igualdade de Direitos entre homens e mulheres. Que estabeleceu em seu art.I que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e Direitos e que em seu art.VII reconheceu que “ todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração”. (ONU, 1948).

Vimos que a presente declaração foi o marco para o surgimento de inúmeros outros instrumentos legais como por exemplo a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, que entrou para o nosso ordenamento jurídico através do Decreto 6.949/2009.

Através de levantamento bibliográfico vimos que existe um movimento de diversos setores da sociedade como os movimentos feministas pelos direitos das mulheres, pelo movimento LGBTQI+, pelo movimento das pessoas com deficiência, pelo movimento das pessoas negras. Pudemos perceber que pouco a pouco toda a sociedade está acolhendo a diversidade humana e isso inclui as empresas. Estudos tem demonstrado que empresas que tem dado oportunidades para grupos discriminados da sociedade como negros, pessoas com deficiência, mulheres e pessoas de orientação sexual divergente da heteronormatividade tem diversos ganhos como melhora da imagem da empresa, um ambiente laboral saudável, com pessoas motivadas e engajadas e isso traz uma vantagem competitiva que se traduz em lucro para essas empresas. Para

finalizar é preciso dizer que incluir é um comportamento estratégico e empresas quer não aderirem a este movimento que não é do Brasil e sim um movimento mundial irão perder competitividade no mercado e ficar para trás em termos de lucratividade para seus sócios. Está mais do que na hora da sociedade como um todo respeitar sua constituição Federal que diz que todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988 no seu Artigo 5.º. E o direito ao trabalho é um direito social expresso no art.6.º dessa nossa Carta Magna.

## REFERÊNCIAS

- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acessado em 09 de julho de 2021
- Davis, A. . Mulher, Raça e Classe. (2016). São Paulo: Editora Bomtempo.
- De Almeida, S. L. . (2018) O Que é Racismo Estrutural? . Belo Horizonte: Ed. Letramento.
- Decreto n.º 6.949 (2009). Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007 Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)
- Decreto nº 6.949 (2009). Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)
- Dicionário On Line de Português. Recuperado de: <https://www.dicio.com.br/alteridade/>
- Diversey Matters, América Latina. (2020). Recuperado de: <https://www.mckinsey.com/br/our-insights/diversity-matters-america-latina#>
- Gomes, M. A. A. . Escravidão e cidade: notas sobre a ocupação da periferia de Salvador no século XIX. 1990. Revista de Urbanismo e Arquitetura, América do Norte. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3102/2220>.
- Guia Exame da Diversidade de 2020. Disponível em: <https://weseek.com.br/viewnews/ViewMateria.html?materiaId%3D49771133%26canall%3D486708%26clienteId%3DP9ybjMtObrI%3D%26newsletterId%3D71mBx%2FKt%2FgA%3D>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Economia: Estudo mostradesigualdade de gênero no mercado de trabalho. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/agencia-brasil/2021/03/04/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho.htm>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua, do Mercado de Trabalho. 3º Trimestre de 2019. Recuperado de:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/07182068b89dcffa9ffde7c6aa5c18ff.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/07182068b89dcffa9ffde7c6aa5c18ff.pdf)

Jornal da Universidade de São Paulo – USP JORNAL. Março de 2020. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. Recuperado de: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>

Lei 8.213 de 24 de Julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Recuperado de:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm). Acessado em 09 de julho de 2021

Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Recuperado de:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm).

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tradução oficial de United Nations High Commissioner for Human Rights. Disponível em:

<https://www.oas.org/dil/port/1948%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>. Acessado em 09 de julho de 2021

Projeto de Lei Federal 5.002 de 2013. Dispõe Sobre o Direito à Identidade de Gênero e Altera o Artigo 58 da Lei 6.015 de 31 de Dezembro de 1973. Recuperado de:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565315>

The Kantar Inclusion Index (2019). Recuperado de:

[https://www.nurole.com/news\\_and\\_guides/kantar-inclusion-index](https://www.nurole.com/news_and_guides/kantar-inclusion-index)

# **AUTORES**

**Annelise Kopp Alves**

Doutora em Engenharia e Ciência dos Materiais.

**Arley Beatriz Lopes Vieira**

Graduada pela Universidade Federal do Maranhão, pesquisadora das crônicas de Domício da Gama, e mestranda do programa e pós-graduação PPGLB pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA; email: arley.beatriz@discente.ufma.br

**Arthur Gomes Dau**

Doutorando em Administração pela UFES. Graduado em Administração. Professor da Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC - Barbacena.

**Clarice Gomes de Almeida**

Doutoranda do Curso Profissional em Educação e Tecnologia pelo Instituto Federal Sul-Riograndense- Campus Pelotas/RS, Mestrado em Ensino e Especialização em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa. Graduada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha. Atualmente é professora orientadora educacional na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Arnaldo Faria – Bagé/RS. Participa do Grupo de Pesquisa Philos Sophias – Linha de pesquisa: Educação e Filosofias Contemporâneas.

**Dulce Mari da Siva Voss**

Graduada em Estudos Sociais - Licenciatura Plena em História, Especialista em Educação Mestre em Educação e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora Associada da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé. Atua na área da Educação nos Cursos de Graduação – Licenciaturase na Pós-Graduação. Docente permanente do Programa de Pós Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino. Líder do Grupo de Pesquisa Philos Sophias. Em seus estudos e pesquisas opera com as teorias pós-estruturalistas e as filosofias da diferença em Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari, Esposito, Rolnik, Pilbart. Seus temas de estudo e pesquisa são: políticas educacionais, trabalho docente, reformas curriculares, movimentos sociais, infâncias, juventudes, decolonialidades, interseccionalidades, corpos, gêneros, sexualidade, etnias e negritudes.

**Larissa de Cássia Antunes Ribeiro**

Professora colaboradora de Estágio em Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora colaboradora no Centro de Línguas da UNICENTRO - Irati/ PR. Trabalha com os temas: A Literatura e Ensino de Línguas, O Teatro entre culturas, Língua Francesa e Ensino. Contato: ribeiro.larissadecassia@gmail.com

**Luana Góes Soares da Silva**

Doutora em Engenharia e Ciência dos Materiais.

**Luciana Maria de Araújo Nascimento**

Advogada e bacharel em psicologia com pós graduação em Direito Constitucional Aplicado e Psicologia Organizacional.

**Sandro Dau**

Pós-Doutor em Filosofia pela UFRJ. Graduado em Ciências Sociais e Filosofia pela UFJF. Professor da Faculdade de Ensino Superior de Linhares - FACELI.

**Sérgio Rodrigues de Souza**

Cientista Político. Pós-Doutor em Psicologia Social.

uniatual  
EDITORIA

ISBN 978-658601316-0



9 786586 013160